



F. Norton.

Linton 6 Agosto 1841.

~~London~~


L. L. L. O.

Encadenadas 180.

A 12

12






OS  
LUSIADAS  
DE LVIS  
de Camões.

¶ *Polo original antigo  
agora novamente  
impressos.*

EM LISBOA,  
Com licença do Sancto  
Officio & Priuile-  
gio Real

Por Manoel de Lyrá. 1597.  
A custa de Esteuão Lopez mer-  
cador de liuros.



**V**l estas obras de Luis de Camões, as quaes forã o ja  
muitas vezes impressas & emendadas: mas assi co-  
mo vão não tem cousa contra a nossa Sancta Fè & bõs  
costumes, Não lhe borrey algũs vocabulos de que o autor  
muitas vezes vsa, & que ja algũs lhe notarão, como he  
fallar em Deoses, em Fado, vsar deste vocabulo Diuino  
&c. Porque primeiramente este vocabulo deoses he vsa  
do na Sagrada Escritura acada passo, entendendo por  
dcoses, os Deoses falsos dos Gentios: & que o autor assi  
o entenda està claro por o que dis no canto. 10. stã. 82.  
onde diz desta maneira.

Aqui so verdadeiros, gloriosos  
Diuos estão, por que eu, Saturno, & Iano,  
Iupiter, Iuno, somos fabulosos,  
Fingidos, de mortal & cego engano:  
So para fazer versos deleitosos  
Seruimos, &c.

Tambem Fado se admitte na Theologia, como se pode  
ver em Sancto Thomas 1. p. q. 116. art. 1. & no liuro. 3.  
contra gentes, cap. 93. onde aprova o parecer daquelles  
que dixerão, fatũ esse ordinationem qui in est rebus ex  
diuina prouidentia. E mais abaixo accretã, secundum  
hanc ergo acceptionem negare fatum, est prouidentiam  
diuinam negare, & que o autor neste sentido falle, elle se  
declara

declara no cãto. 10. stã. 38. quando diz fallando dos jui  
sos occultos de Deos,

As gentes vãs que não os entenderão  
Chamarão o he fado mao fortuna escura,  
Sendo so providencia de Deos pura.



O vocabulo diuino cõmunmente se applica a cousas profa-  
nas, assi no comum fallar como em Cicero vt. 2. de legib.  
omnium animi sunt immortales sed bonorum, fortiumque  
diuini.

Visto isto, & visto não terem como dixee cousa algũa cõ-  
tra a nossa Sancta Fe, & bõs costumes antes estarem  
ebeas de muita poesia, são dignos de se imprimire & lerẽ.  
Frey Manoel Coelho

Vista a informaçãõ podesse imprimir este liuro chamado os Lusita-  
das de Camões, & depois de impresso to-ne a este Conselho par a e  
conferir & se lhe dar lirença para correr. Em Lisboa 15. de Nouem-  
bro de mil equinhentos & nouenta & quatro.

O Bispo Deluas. Dioguo de Sousa, Marcos Teixeira.

*natura contra meliorem inferre  
male et inepte scribere de rebus naturalibus*





**R**ELREY Faço saber aos que este meu alua-  
ra virem, que Esteuão Lopes liureyro, morador ne  
sta Cidade de Lisboa, me enuiuou dizer por sua peti-  
ção, que eu ouuera por bem de lhe dar licença por  
elle ter ja a da sancta Inquiçãõ, & do Ordinario,  
para se poderem imprimir varias Rimas poeticas  
de Luis de Camões, que inda não forão impressas: & para se tornar a  
imprimir o liuro dos seus Lusíadas que ja foy impresso, por agora  
auer poucos, & porque tiuera trabalho em ajuntar as di. as obras, &  
gastara muito na impressãõ, me pedia ouuelle por bem de lhe conce-  
der priuilegio, para ninguem poder imprimir, nem vender os ditos li-  
uros sem sua licença, & receberia me: ce. E visto seu requerimento, &  
por lha fazer: ey por bem, & me praz que por tempo de dez annos,  
nenhum imprimidor, nem liureyro algum nem outra pessoa de qual-  
quer qualidade que seja, não possa imprimir, nem vender em todos  
estes Reynos & Senhorios de Portugal, nem trazer de fora delles os  
ditos liuros, senão aquelles liureyros, & pessoas que para isso tiuerem  
licença do dito Esteuão Lopez. E qualquer imprimidor, liureyro, ou  
pessoa que durando os ditos des annos, imprimir, ou vender os ditos  
liuros de varias Rimas, & o das lusíadas de Luis de Camões, nos di-  
tos Reynos, & Senhorios, ou os trouxer de fora delles sem licença  
do dito Esteuão Lopez, perderá para elle todos os volumes que así  
imprimir, vender, ou de fora trouxer: & alem disso encorrerá em pe-  
na de vinte cruzados, a metade para minha Camara, & a outra a me-  
tade para quem o acusar. E mando a todas minhas justiças, officiaes  
a que o conhecimento disto pertencer, que lhe cumprão, & guardem  
& fação inteiramente cumprir, & guardar este aluará, como se nelle  
contem: o qual me praz que valha, & tenha força & vigor, posto  
que o effeito delle aja de durar mais de hum anno, sem embargo da  
Ordenaçãõ do segundo liuro, titulo vinte, que o contrario dizpoem.  
Belchior Pinto o fez em Lisboa a trinta de Dezembro, de mil & qui-  
nhentos, & nouenta & cinco. Ioão da Costa o fez escrever.

REI,

# OS LUSIADAS

DE LVIS DE

CAMÕES.

## Canto Primeiro.



S armas, & os barões  
afinalados,  
Que da Occidental praya Lusitana,

Por mares, nunca de antes nauegados,  
Passaram, ainda alem da Taprobana,  
Em perigos, & guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana:  
Entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram:

Et tambem as memorias gloriosas

Daquelles Reis, que foram dilatando  
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas  
De Africa, & de Asia, andarã deuaastado  
E aquelles que por obras valerosas  
Se vão da ley da Morte libertando.  
Cantando espalharey por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A

Cessem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cessem do sabio Grego, & do Trayano,  
Anauegações grandes que fizeram:  
Calleje de Alexandro, & de Trajano  
A fama das victorias que tiueram,  
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,  
Aquem Neptuno, & Marte obedeceram:  
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
Tendes em my hum nouo engenho ardete,  
Se sempre em verso humilde celebrado,  
Foy de my vosso rio alegremente,  
Daime agora hū som alto, & sublimado,  
Hum estillo grandiloco, & corrente:  
Por que de vossas agoas Phebo ordene,  
Que não tenham enneja às de Hypocrene.

Daime hūa furia grande & sonora,  
E nam de agreste a vena, su frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicosa,  
Que o peito acède, & a cor ao gesto muda:  
Daime igoal canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:  
Que se espalhe & se cante no viuerso,  
Se tam sublime prego cabe em verso.

E vos

E vos ò bem nascida segurança  
 Da Lusitana antiga liberdade,  
 E não menos certíssima esperança,  
 De aumento da pequena Christandade:  
 Vos ò nouo temor da Maura lança,  
 Marauilha fatal da nossa idade:  
 Dada ao mundo por Deos q̄ todo o mǎde,  
 Pera do mūdo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, & nouo ramo florecente,  
 De bũa aruore de Christo mais amada  
 Que nenhũa nascida no Occidente,  
 Cesaria, ou Christianíssima chamada:  
 Vedeo no vosso escudo, que presente  
 Vos amosta a victoria ja passada.  
 Na qual vos deu por armas, & deixou  
 As que elle per a si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alt o Imperio,  
 O Sol logo em nascendo ve primeiro:  
 Veo tambem no meyo do Hemispherio,  
 E quando dece o deixa derradeiro.  
 Vos que esperamos jugo & vituperio,  
 Do torpe Ismaelita caualleiro:  
 Do Turco Oriental, & do Gentio,  
 Que inda bebe o licor do sancto Rio!

OS LUSÍADAS DE L. DE C. A.

Inclinay por hum pouco a magestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que ja se mostra, qual na inteira idade,  
Quando sobindo yreis ao eterno templo,  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chãõ vereis hum nouo exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, nam mouido  
De premio vil: mas alto, & quasi eterno,  
Que nam he premio vil ser conhecido,  
Por hum pregam do ninho meu paterno.  
Ouui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno:  
E julgareis qual he mais excellente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouui, que nam vereis com vãs façanhas,  
Fantasticas, fingidas, mentirozas,  
Louuar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecerse desejosas:  
As verdadeiras vossas sam tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas:  
Que excede Rodamote, & o vãõ Rugeiro  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por

CANTO PRIMEIRO. 3

Por estes vos darey hum Nuno fero,  
Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,  
Hum Egas, & hū dom Fuas, q̄ de Homero  
Cythara parelles. so cobiço:  
Pois polos doze Pares daruos quero,  
Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço  
Douuos tambem a quelle illustre Gama  
Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a trecco de Carlos Rei de França,  
Ou de Cesar, quereis igoal memoria,  
Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
Escura faz qualquer estranha gloria:  
E a quelle que a seu Reino a segurança  
Deixou, co a grande, & prospera vittoria  
Outro Ioanne, inuiçto caualleiro,  
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,  
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
Se fizeram por armas tam subidos,  
Vossa bandeira sempre vencedora.  
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos  
Almeidas, por quem sempre a Tejo chora  
Albuquerque terribil, Castro forte,  
E outros em quem poder não teue a morte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Em quanto eu estes canto, & a vos não peſſo  
Sublime Rei, (que não me atreuo a tanto,)  
Tomay as redeas vos do Reino voſſo,  
Dareis materia a nunca ouuido canto:  
Comecem a sentir o peſo groſſo,  
Que polo mundo todo faça eſpanto,  
D'exercitos, & feitos ſingulares,  
D'Africa as terras, do Uriete os mares.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vê ſeu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Moſtra o peſcoço ao jugo ja inclinado,  
Thetis todo o ceruleo ſenhorio,  
Tem pera vós por dote apparelhado:  
Que aſſeiçoada ao geſto bello, & tenro,  
Deſjeja de compraruos pera genro.

Em vós ſe vem da Olimpica morada,  
Dos dous auós, as almas ca famoſas,  
Hũa na paz angelica dourada,  
Outra pollas batalhas ſanguinoſas.  
Em vós eſperão, ver ſe renouada  
Suamemoria, & obras valeroſas.  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da ſuprema eternidade.

Mas em quanto este tempo passa lento,  
 De reyerdes os poucos, que o desejão:  
 Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
 Pera que estes meus versos vossos sejam.  
 E vereis ir cortando o salso argento:  
 Os vossos Argonautas, por que veção,  
 Que sem vistos de vos no mar yrado,  
 E costumaiuos já a ser innocado.

Ia no largo Oceano nauegação,  
 As inquietas ondas apartando,  
 Os ventos brandamente respiração,  
 Das naos as vellas concavas inchando:  
 Da branca escuma, os mares se mostração  
 Cubertos, onde as proas vam cortando,  
 As maritimas agoas consagradas,  
 Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,  
 Onde o gouerno está da humana gente,  
 Se ajuntão em consilio glorioso,  
 Sobre as cousas futuras do Oriente:  
 Pisando o cristalino Ceo fermoso,  
 Vem pela via Lactea, juntamente,  
 Conuocados da parte de Tonante,  
 Pelo neto gentil do velho Atlante.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Deixam dos sete Ceos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foy pado,  
Alto poder, que so co pensamento  
Gouverna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado.  
Alli se acharam juntos num n. omento,  
Os que habitam o Arcturo congelado  
E as que o Austro tem, & as partes onde  
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estava o Padre alli sublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de vulcano,  
Ni. ã assento de estrellas cristalino,  
Com gesto alto, severo, & soberano,  
Do rosto respirava hum ar diuino,  
Que diuino tornàra hum corpo humano:  
Com hũa coroa, & septro rutilante,  
De outra pedra mais clãra que diamante.

Em luzentes assentos marchetados  
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauãõ  
Os outros. Deoses todos assentados,  
Como ar azam, & a ordem concertauam:  
Precede nos antigos mais honrados.  
Mais abaixo os menores se assentauam:  
Quando Iupiter alto assi dizendo,  
Cum tã de voz começa, graue, & borendo.

Eternos.

CANTO PRIMEIRO. 205

Eternos moradores do luzente

Estellifero polo, & claro assento,

Se do grande valor da forte gente,

Do Luso, nam perdeis o pensamento.

Deueis de ter sabido claramente

Como he dos fados grandes, certo intento,

Que por ella sesqueçam os humanos,

De asirios, Persas, Gregos, & Romanos.

La lhe foy ( bem o vistes ) concedido.

Ç'bu poder tam singelo, & tam pequeno,

Tomar ao Mouro forte, & guarnecido,

Toda a terra que rega o Tejo ameno.

Pois contra o Castelhanotam temido,

Sempre alcançou fauor do Cèo sereno.

Assi que sempre em fim com fama, & gloria

Teue os tropheos pendentes da vittoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,

Que co a gente de Romulo alcançaram,

Quando com Viriuto, na inimiga

Guerra Romanatanto se affamaram.

Tambem deixo a memoria que os obriga

A grande nome, quando aleuantàram

Hum por seu capitam, que peregi no

Fingio na cerua espirito diuino.

Agora

OS LVSIADAS DE L. DE CÂ:

Agora vedes bem, que cometendo  
O d'suidoso mar, n'hū lenho leue  
Por vias nunca vsadas, nam temendo  
D' Africo, & Noto a força a mais satreue:  
Que auendo tanto já que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, & onde breue  
Inclinão seu proposito, & perfia  
A ver os berços, onde nasce o dia.

Prometido lhe estado fado eterno,  
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, que ve do Sol a roxa entrada:  
Nas agoas tem passado o duro Inverno,  
Agente vem perdida, & trabalhada  
Lá parece bem feito, que lhe seja  
Mostrada a noua terra que deseja.

E porque, como viestes, tem passados  
Na viagem; tam asperos perigos,  
Tantos climas, & céos exprimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos  
Que sejam, determino, agasalhados  
Nesta costa Africana, como amigos  
E tendo guarnecida a lassa frota,  
Começarão a seguir sua longa rota.

CANTO PRIMEIRO. 6

Estas palavras Iupiter dezia,  
Quando os Deoses per ordem respondendo;  
Na sentença hum do outro disiria,  
Razões diuersas dando, & recebendo:  
O padre Bacu, ali não consentia  
No que Iupiter disse, conbecendo  
Que esquecerão seus feitos no Oriente,  
Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria  
Húa gente fortissima de Hespanha  
Pelo mar alto, a qual sogeitaria  
Da India, tudo quanto Doris banha!  
E com nouas vittorias venceria  
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha  
Altamente lhe doe perder a gloria,  
De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo so jugado,  
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,  
Por vencedor da India ser cantado,  
De quantos bebem a agua de Parnaso:  
Teme agora que seja sepultado  
Seu tam celebre nome, em negro vaso,  
D'goa do esquecimento, se la chegam  
Os fortes Portugueses, que nauégam!

Sustentaua

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Sustentava contra elle Venus bella,  
Afeiçãoada àa gente Lusitana,  
Por quantas qualidades via nella,  
Da antiga tamamada sua Romana,  
Nos fortes corações, na grande estrilla,  
Que mostráram na terra Tingitana:  
E na lingua, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupçam cre que he a Latina.

Estas confas mouiam Cytherea,  
E mais, por que das Parcas claro entende  
Que ha de ser celebrada a clara Dea,  
Onde a gente beligera se estende.  
Assi que hum pela infamia que arrecea  
E o outro pelas honras que pretende,  
De batem, & na persia permanecem,  
A qualquer seus amigos fauorecem.

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,  
De siluestre aruoredo abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata escura,  
Com impeto, & braueza desmedida.  
Brama toda montanha, o som murmura,  
Rompanse as folhas, ferue a serra erguida.  
Tal andava o tumulto leuantado,  
Entre os Deoses no Olimpo consagrado,

CANTO PRIMEIRO. 7

Mas Marte que da Deosa sustentava  
 Entre todos as partes em porfia,  
 Ou porque o amor antigo o obrigava,  
 Ou porque a gente forte o merecia,  
 De antre os Deoses em pee se levantava,  
 Merencorio no gesto parecia:  
 O forte escudo ao collo pendurado,  
 Deitando pera tras medonho, & yrado.

Aviseira do elmo de Diamante,  
 Aleuantando hum pouco, muy seguro,  
 Por dar seu parecer se pos diante  
 De Iupiter, armado, forte & duro:  
 E dando hũa pancada penetrante,  
 Co conto do bastão, no solio puro:  
 O ceo tremeo, & Apolo de torua do,  
 Hum pouco a luz perdeo, como infada.

E disse assi, ò Padre acujo imperio,  
 Tudo aquillo obedece, que criaste,  
 Se esta gēte que busca outro Emispherio,  
 Cujavalia, & obras tanto amaste:  
 Nam queiras que padeçam vituperio,  
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste.  
 Nam ouças mais, pois es juiz direito,  
 Razões de quem parece que he suspeito.

Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que se aqui a razam se nam mostrasse,  
Vencida do temor de mafiado,  
Bem fora que aqui Baco os sostentasse,  
Pois que de Luso vem, seu tam priuado:  
Mas esta tençam sua, agira passe,  
Porque em fim vem de estamago danado.  
Que nunca tirará alhea enueja,  
O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

E tu Padre de grande fortaleza,  
Da determinaçam que tês tomada,  
Nam tornes por de tras, pois he fraqueza  
De sistir se da cousa começada.  
Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,  
Lhe va mostrar a terra, onde se informe  
Da India, & onde a gente se reforme,

Como isto disse o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentio  
No que disse Mauorte valeroso,  
E Nectar sobre todos esparzio:  
Pelo caminho Laçteo glorioso,  
Logo cada hum dos Deoses se partio,  
Fazendo seus reaes acatamentos,  
Pera os determinados apoufentos.

CANTO PRIMEIRO: 8

Em quanto isto se passa, na fermosa  
Casa Eterea do Olimpo omnipotente,  
Cortaua o mar agente belicosa:  
Ia lu da banda do Austro, & do Oriente,  
Entre a costa Ethiopica, & a famoja  
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente  
Queimaua entam os Deoses, que Tifeo  
Cotemor grande em peixes conuerteo.

Tambrandamente o s ventos os leuauam,  
Como quem o ceo tinba por amigo:  
Seren o ar, & os tempos se mostrauam  
Sem nuues, sem receyo de perigo:  
O promontorio prasso ja passauam,  
Na costa de Ethiopia, nome ant igo:  
Quãdo o mar descobrindo lhe mostraua,  
Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vasco da Gama, o forte Capitão:  
Que a tamanhas empresas se offerece,  
De soberbo, & de alti uo coraçam,  
A quem fortuna sempre fauorece,  
Pera se aqui deter nam ve razam,  
Que inhabitada a terra lhe parece:  
Por diante passar determinaua:  
Mas nam lhe soccedeo como cuidaua.

## OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Eis aparecem logo em companhia,  
Hũs pequenos bateis, que vem daquella  
Que mais cbogada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vella:  
Agente se aluoroça, & de alegria  
Nam sabe mais que olhar a causa della:  
Que gente sera esta, em si deziam,  
Que costumes, que ley, que Rei teriam?

As embarcações eram, na maneira  
Muy veloces, estreitas, & compridas,  
As vellas com que vem eram de esteira,  
Dũas folhas de Palma bem tecidas:  
Agente da cor era verdadeira,  
Que Phaeton, nas terras acendidas  
Ao mũdo deu, de ousado, & não prudete,  
O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodam vinham vestidos,  
De varias cores, brancos, & listrados,  
Hũs trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo ayroso sobraçados:  
Da cinta pera cima vem despídos,  
Por armas tem adagas & tarçados:  
Com toucas na cabeça, & nauegando,  
Anafis sonorojos vão tocando.

49.

Cos panos, & cos braços acenauão,  
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:  
 Mas ja as proas ligeiras se inclinauão  
 Pera que juntas aas Ilhas amainassem:  
 A gente, & marinheiros trabalhauão,  
 Como se aqui os trabalhos sacabassem:  
 Tomão vellas, amainase a verga alta,  
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

50.

Não erão ancorados, quando a gente  
 Estranha, polas cordas ja sobia,  
 No gesto ledos vem, & humanamente,  
 O Capitão sub ime os recebia.  
 As mesas manda por em continente,  
 Do licor que Lixo prantado auia:  
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,  
 Os de Phaetom queimados nada engeitão.

51.

Comendo alegremente perguntauão,  
 Pela Arabica lingua, donde vinhão,  
 Quem erão, de que terra, que busc:uão,  
 Ou que partes do mar corrido tinhão?  
 Os fortes Lusitanos lhe tornauão,  
 As discretas repostas que conuinhão:  
 Os Portugueses somos do Occidente,  
 Himos buscando as terras do Oriente:

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

52.

Do mar temos corrido, & nauegado  
Toda a parte do Antartico, & Calisto,  
Toda a costa Africana rodeado,  
Diuersos cêos, & terras temos visto:  
D'um Rey potente somos, tão amado,  
Tão querido de todos, & bein quisto:  
Que não no largo mar, com leda fronte:  
Mas no lago entrare nos d' Acheronte.

53.

E por mandado seu, buscando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega,  
Por elle o mar remoto nauegamos,  
Que se dos feos Phocas se nauega:  
Mas ja razão parece que saibamos,  
(S'entre vòs a verdade não se nega: )  
Que n' sois, que terra he esta que habitais?  
Ou se tendes da India algũs finais?

54.

Somos, ( hum dos das Ilhas, lhe tornou, )  
Estrangeiros na terra, Ley, & nação  
Que os proprios, são aquelles que criou  
A natura sem lei, & sem razão:  
Nos temos a lei certa que ensinou,  
O claro descendente de Abrahão:  
Que agora tem do Muudo o senhorio,  
Amãy Hebreã teue, & o pay gentio.

CANTO PRIMEIRO. 10

55.

Esta Ilha pequena que habitamos,  
He em toda esta terra certa escala,  
De todos os que as Ondas nauegamos,  
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:  
E por ser necessaria, procuramos,  
Como proprios da terra, de habitala  
E por que tudo em fim vos notifique,  
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

56.

E ja que de tam longe nauegais,  
Buscando o lido Indaspe, & terra ardente,  
Piloto aqui tereis, por quem sejeis  
Gusados pelas ondas sabiamente.  
Tambem ser à bem feito que tenhais,  
Da terra algum refresco, & que o regente  
Que esta terra gouerna, que vos veja,  
E do mais necessario vos proveja.

57.

Isto dizendo, o Mourro se tornou  
A seus bateis com toda a companhia,  
Do Capitão & gente se apartou,  
Com mostras de deuida cortesia:  
Nisto Ebebo nas agoas encerrou,  
Co carro de Christal, o claro dia.  
Dando cargo aã irmaã que allumiasse,  
U largo mundo, em quanto reclusse.

OSLUVIADAS DE L. DE CA.

58.

Anoyte se p.assou na lassa frota,  
 Com estranha alegria, & não cuydada,  
 Por acharem da terra tão remota,  
 Noua de tanto tempo desejada:  
 Qualquer então consigo cuyda, & nota  
 Na gente, & na maneira desusada,  
 E como os que na errada Seita creirão,  
 Tanto por todo o mundo se estenderão.

59.

Da Lúa os claros rayos rutilauão,  
 Polas argenteas ondas Neptuninas,  
 As estrellas os Ceos acompanhauão,  
 Qual campo reueſtido de boninas.  
 Os furiosos ventos repousauão,  
 Polas couas escuras peregrinas,  
 Porem da armada a gente vigiaua,  
 Como por longo tempo costumaua.

60.

Mas assi como a Aurora marchetada,  
 Os fermosos cabellos espalou,  
 No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,  
 Ao claro Hiperionio que acordou,  
 Começa a embandeirarse toda a armada,  
 E de toldos alegres se adornou:  
 Por receber com festas, & alegria,  
 O Regedor das lhas que partia.

CANTO PRIMEIRO. II

61.

Partia alegremente navegando,  
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,  
 Com refresco da terra, em si cuidando,  
 Que são aquellas gentes inhumanas:  
 Que os aposentos Cassios habitando  
 A conquistar as terras Asianas  
 Vierão: & por ordem do destino,  
 O Imperio tomarão â Constantino.

62.

Recebe o capitão alegremente,  
 O Mouro, & toda sua companhiã,  
 Dalhe de ricas peças hum presente,  
 Que sò pera este effeito ja trazia:  
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente  
 Não usado liquor que da alegria  
 Tudo o Mouro contente bem recebe,  
 E muito mais contente come, & b. be.

63.

Està a gente maritima de I. uso,  
 Subida pela euxarcia, de admirada,  
 Notando o estrangeiro modo, & uso,  
 E a lingoagem tão barbara, & enleada.  
 Tambem o Mouro a fluto está confuso,  
 Olhando acor, o traje, & a forte armada  
 E perguntando tudo lhe dizia:  
 Se por ventura vnhão de Turquia?

E mais lhe diz tambem, que ver deseja  
 Os liuros de sua ley, preceito, ou fê,  
 Pera ver se conforme á sua seja,  
 Ou se são dos de Christo, como crê:  
 E por que tudo note, & tudo veja,  
 Ao capitão pedia, que lhe dê,  
 Mostradas fortes armas de que vsauão,  
 Quando cos inimigos pelejaão.

Responde o valeroso capitão,  
 Por hum que a lingua escura bem sabia:  
 Darte ex Senhor illustre relação  
 De mi, da ley, das armas que trazia:  
 Nem sou da terra, nem da geração,  
 Das gentes enojosas de Turquia:  
 Mas sou da forte Europa bellicosa,  
 Busco as terras da India tão famosa.

A ley tenho daquelle, à cujo imperio  
 Obedesce o visiucl, & inuisiucl,  
 Aquelle que crion todo o hemispherio,  
 Tudo o que sente, & todo insensiucl.  
 Que padeceo deshonra, & vituperio,  
 Sufrendo morte injusta, & inisfruct  
 E que do céu áa terra em fim diceo,  
 Por jobir os mortais da terra ao céu.

67.

Deste Deos homem, alto, & infinito,  
 Os liuros que tu pedes não trazia,  
 Que bem posso escusar trazer escrito  
 Em papel, o que na alma andar deuia.  
 Se as armas queres ver, como tées ditto,  
 Comprido esse desejo te seria:  
 Como amigo as verás por que eu me obrigo,  
 Que nunca as queiras ver com o inimigo.

68.

Isto dizendo, manda os diligentes  
 Ministros, amostrar as armaduras,  
 Vem arneses, & peitos reluzentes,  
 Malhas finas, & laminas seguras,  
 Escudos de pinturas diferentes,  
 Pilouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos, & sagittiferas aljuuas,  
 Partasanas agudas, chuças brauas.

69.

As bombas vem de fogo, & juntamente  
 As panellas sulfureas, tão danozas,  
 Porem aos de Vulcano não consente  
 Que dem fogo aas bombardas temerosas:  
 Porque o generoso animo, & valente,  
 Entre gentes tão poucas, & medrosas,  
 Não mostra quanto pode, & com razão,  
 Que he fraqueza entre ouelhas ser leão.

Porem disto que o Mouro aqui notou,  
 E de tudo o que vio, com olho attento,  
 Hum odio certo n' alma lhe ficou,  
 Hũa vontade má de pensamento.  
 Nas mostras, & no gesto o não mostrou:  
 Mas com risonho, & ledo fingimento,  
 Tratálos brandamente determina,  
 Hattè que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o capitão,  
 Porque podesse ia India ser leuado,  
 Dizlhe, que o largo premio leuarão,  
 Do trabalho que nisso for tomado.  
 Promtálos o Mouro, com tenção  
 De prito venenoso, & tão dannado:  
 Qu' a morte se hodesse neste dia,  
 Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a má vontade,  
 Que aos estrangeiros supito tomou,  
 Sabendo ser sequaces da verdade,  
 Que o filho de David nos ensinou,  
 O segredos daquella eternidade,  
 A quem juyzo algum não alcançou  
 Que nunca falte hum perfido inimigo,  
 A aquelles de quem foste tanto amigo?

73.

Partiſe niſto em fim co a companhia,  
 Das naos o falſo Mouro deſpedido,  
 Com enganoſa & grande cortesia,  
 — Con geſto ledo a todos, & fingido:  
 Cortarão os bateis a curta via  
 Das agoas de Nepuno, & recebido  
 Na terra do obſe quente ajuntamento,  
 Se foy o Mouro ao cognito apoſento.

74.

Do claro aſſento etereo, o gram Thebano,  
 Que da paternal coxa foy nascido,  
 Olhando o ajuntamento Luſitano,  
 Ao Mouro ſer moleſto, & auorreſcido:  
 No pensamento cuyda hum falſo engano  
 Com que ſeja de todo deſtruydo  
 — E em quanto iſto ſò na alma imaginava  
 Conſigo eſtas palauras praticava.

75.

Eſta do fado ja determinado,  
 Que tamanhas vittorias tão famoſas,  
 Ajã os Portugueſes alcanſado,  
 Das Indianas gentes bellicoſas.  
 E eu ſo filho do Padre ablimado,  
 Com tantas qualidades generoſas:  
 Ey de ſofrer que o fado faubriſca  
Outrem, porquem m. u nome ſe eſcureſca?

la qujerão

Já quiseram os deoses que teuesse,  
 O filho de Philipo nesta parte,  
 Tanto poder, que tudo somettesse  
 De baixo de seu jugo, o fero Marte.  
 Mas hãse de soffrer que o fado desse,  
 A tão poucos tamanho esforço, & arte  
 Qu' a co grão Macedonio, & Romano  
 Demos lugar ao nome Lusitano.

Não será assi, porque antes que chegado  
 Seja este capitão, astutamente  
 Lhe será tanto engano fabricado,  
 Que nunca veja as partes do Oriente:  
 Eu decerey à terra, & o indignado  
 Peito, reuoluerey da Maura gente,  
 Porque sempre por via yrã direita,  
 Quem do opportuno tempo se approueita.

Isto dizendo yrado, & quasi insano,  
 Sobre a terra Affricana descendeo,  
 Onde vestindo a forma & gesto humano,  
 Pera o Praso sabido se mouco.  
 E por milhor tecer o astuto engano,  
 No gesto natural se conuerteo,  
 D'um Mouro, em Moçambique conhecido,  
 Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

79.

Entrando assi a falarlhe, â tempo & horas,  
 A sua falsidade accomodadas,  
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
 Estas que hora de nouo são chegadas:  
 Que das nações na costa moradoras,  
 Correndo a fama veo, que roubadas  
 Forão por estes homês que passauão,  
 Que compactos de paz sempre ancorauão

80.

E sabe mais, lhe diz, como entendido  
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,  
 Que quasi todo o mar tem destruydo,  
 Com roubos, com incendios violentos.  
 E trazem ja de longe engano vrddido,  
 Contra nós, & que todos seus intentos  
 São para nos matarem, & roubarem,  
 E mocheres, & filhos cattiuarem.

81.

Etambem sei que tem determinado,  
 De vir por agoa a terra muito cedo,  
 O capitaõ dos seus acompanhado,  
 Que da tenção d'innada nasce o medo:  
 Tu d'ues de ir tambem cos teus armado  
 Esperalho em cilada, occulto, & quedoz  
 Porque sain lo a gente d'scuydada,  
 Cairão facilmente na cilada,

E se indo

E se ainda não ficarem deste geito,  
 I. e. c. uydos, ou mortos totalmente,  
 Eu tenho imaginado no conceito,  
 Outra manha & ardil que te contente:  
 Mandalhe dar Piloto, que degeito  
 Seja astuto no engano, & tão prudente,  
 Que os leue aonde sejião destruydos,  
 Desbaratados, mortos ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,  
 O Mouro nos taes casos, sabio & velho  
 Os braços pello collo lhe lançou,  
 Agradecendo muito o tal conselho:  
 E logo nesse instante concertou,  
 Pera aguerria o belligero aparelho:  
 Pera que ao Portugues se lhe tornasse,  
 Em roxo sangue agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,  
 Mouro que por piloto aa nau' le mande,  
 Sigaaz, astuto, & sabio em todo danno,  
 De quem fiar se possa hum feito grande.  
 Dizlhe que acompanhando o Lusitano,  
 Por saís costas, & mares co elle ande:  
 Que se daqui escapar, que lá diante  
 Va can onde nuncaa se alevante.

87.

Ia o rayo Apolineo visitaua,  
 Os Montes Nabatheos acendido,  
 Quando Gama cos seus determinaua,  
 De vir por agoa a terra apercebido:  
 A gente nos bateis se concertaua,  
 Como se fosse o engano ja sabido:  
 Mas pode sospeitar se facilmente,  
 Que o coração presago nunca mente.

88.

E mais tambem mandado tinha a terra,  
 De antes pelo Piloto necessario:  
 E foilhe respondido em som de guerra,  
 Caso do que cuidaua muy contrario:  
 Por isto, & por que sabe quan erra,  
 Quem se crê de seu perfido aduersario,  
 Apercebido vay como podia,  
 Em tres bateis somente que trazia:

89.

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
 Por lhe defender a agoa desejada,  
 Hum de escudo embarçado, & de azugaya,  
 Outro de arco encuruado, & seta heruada:  
 Esperão que a guerreira gente saya,  
 Outros muytos ja postos em callada  
 E por que o caso leue se lhe faça,  
 Poem lūs poucos diante por negaça.

Andão

Andão pela ribeira alua arenosa,  
 Os bellicosos Mouros acenando,  
 Co a adarga, & co a asta perigosa,  
 Os fortes Portugueses incitando:  
 Nam soffre muito a gente generosa,  
 Andar lhe os cães os dentes amestraudo  
 Qualquer em terra salta, tão ligeiro,  
 Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguinho, o ledo amante,  
 Vendo a firme sa dama desejada,  
 O touro busca, & pondo se diante,  
 Salta, corre, sibila, acena, & brada:  
 Mas o animal atroce nesse instante,  
 Com a fronte cerniger a inclinada,  
 Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
 Derriba, fere, & matta & põem por terra.

Eis nos bateis o fogo se levanta,  
 Na furiosa & dura artilheria,  
 A plumbearia pela matta, o brado espanta:  
 Ferido o ar retumba, & associa:  
 O coração dos Mouros se quebranta,  
 O temor grande o sangue lhe resfria  
 Ia fuge o escondido de medroso,  
 E morre o descoberto auenturoso.

91.

Não se contenta agente Portuguesa:  
 Mas seguindo a victoria estrue, & matta  
 A pnuoção sem muro, & sem defesa,  
 Esbombardeã ascende, & desbarata.  
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,  
 Que bem cuidou compralla mais barata:  
 Ia blasfema da guerra, & maldizia,  
 O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

92.

Fugindo, a setta o Mouro vay tirando,  
 Sem força, de couarde, & de apressado,  
 Apedra, o paio, & o canto arremessando,  
 Dalhe armas o furor desatinalo:  
 Ia à lha, & todo o mais, deseparando,  
 Aa terra firme fuge amedrentado  
 Passa, & corta do mar o estreito braco,  
 Qu' a lha em torno cerca, em pouco espaço.

93.

Hũs vão nas almãdias carregadas,  
 Hum corta o mar a nado diligente,  
 Quem se affoga nas ondas encuruadas,  
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente:  
 Arrombão as meudas bombardadas  
 Os Pangaios solis da bruta gente.  
 Destã arte o Portugues em fim castiga,  
 A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

Tornão victoriosos pera a armada,  
 Co despojo da guerra, & rica presa,  
 E vão a seu prazer fazer agoada,  
 Sem achar resistencia, nem defesa,  
 Ficava a Maura gente magoada,  
 No odio antigo mais que nunca acesa  
 E vendo sem vingança tanto dano,  
 Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
 O Regedor daquella inica terra,  
 Sem ser aos Lusitanos entendido,  
 Que em figura de paz lhe manda guerra:  
 Porque o Piloto falso promettido,  
 Que toda amatenção no peito encerra,  
 Pera os guiar aa morte lhe mandava,  
 Como em final das pazes que trattava.

O Capitão, que ja lhe então conuinha,  
 Tornar a seu caminho acostumado,  
 Que tempo concertado, & ventos tinha,  
 Pera yr buscar o Indo desejado.  
 Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
 Foy d'elle alegremente agasalhado:  
 E respondendo ao mensageiro, atento  
 Aas vellas manda dar ao largo vento.

98.

Dest' arte despedida a forte armada,  
 As ondas de Anfitrite diuidia,  
 Das filhas de Ncrèò acompanhada,  
 Fiel, alegre, & doce companhia:  
 O Capitão, que não cabia em nada  
 Do enganoso ardil que o Mouro urdia:  
 Delle muy largamente se informaua,  
 Da India toda, & costas que passaua.

99

Mas o Mouro instruido nos enganos,  
 Que o Maleuolo Bacco lhe ensinara,  
 De morte, ou captiueiro nouos danos,  
 Antes que à India chegue lhe prepara,  
 Dando razão dos portos Indianos,  
 Tambem tudo o que pede lhe declara:  
 Que auendo por verdade o que dizia,  
 De nada a forte gente se temia.

100.

E dizlhe mais co falso pensamento,  
 Com que Synon os Phrigios enganou,  
 Que perto estabua lha, cujo assento,  
 Pouo antigo Christão sempre habitou:  
 O Capitão que a tudo estaua a tento,  
 Tanto co estas nouas se alegrou,  
 Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
 Que o leue à terra onde esta gente estaua.

C

Ho

Ho mesmo o falso Mouro determina,  
 Que o seguro Christão lhe manda & pede  
 Que a Ilha he possuida da malina  
 Gente, que segue o torpe Mabamede:  
 Aqui o engano & morte lhe imagina,  
 Porque em poder & forças muito excede  
 A Moçambique, esta Ilha, que se chama  
 Quiloa, muy conhecida pola fama.

Para là se inclinava a leda frota:  
 Mas a Deosa em Cythere celebrada,  
 Vendo como deixava a certa rota,  
 Por yr buscar a morte não cuidada,  
 Não consente que em terra tam remota  
 Se perca a gente della tanto amada:  
 E com ventos contrarios a desuia,  
 Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o malnado Mouro não podendo  
 Tal determinação levar auante,  
 Outra maldade inica cometendo,  
 Ainda em seu proposito constante,  
 Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,  
 Os leuarão por força por diante,  
 Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
 Erão Christãos com Mouros jntamente.

104.

Tambem nestas palauras lhe mentia,  
 Como por regimento em fim leuaua,  
 Que aqui gente de Christo não auia,  
 Mas a que a Mahamede celebraua:  
 O Capitão que em tudo o Meuro cria,  
 Virando as velas, a Ilha demandaua:  
 Mas não querendo a Deosa guardadora,  
 Não entra pola barra, & surge fora.

105.

Estaua a Ilha aa terra tão chegada,  
 Que hum estreito pequeno a diuidia,  
 Hũa cidade nella situada,  
 Que na frente do mar aparecia,  
 De nobres edificios fabricada,  
 Como por fora ao longe descobria,  
 Regida por hum Rei de antiqua idade,  
 Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

106.

E sendo a ella o Capitão chegado,  
 Estranhamente ledo, por que espera  
 De poder ver o pouo baptizado,  
 Como o falso Piloto lhe dissera:  
 Eis vem bateis da terra com recado  
 Do Rei, que ja sabia a gente que era,  
 Que Bacco muito d'antes o auisara,  
 Na forma doutro Mourro que tomara.

O recado que trazem he de amigos:

Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
 Que os pensamentos eraõ de inimigos,  
 Segundo foy o engano descuberto:  
 O grandes & grauißimos perigos,  
 O caminho de vida nunca certo,  
 Que aonde a gente poem sua esperança,  
 Tenha a vida taõ pouca segurança.

Nõ mar tanta tormenta, & tanto dano,  
 Tantas vezes a morte apercebida,  
 Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
 Tanta necessidade auorrecida:  
 Onde pode a colherse hum fraco humano,  
 Onde terá segura a curta vida?  
 Que não se arme, & s'indigne o céu sereno.  
Contra hum bicho da terra taõ pequeno.

Fim.

## Canto Segundo.

1.



A NESTE Tempo o  
lucido Planeta,  
Que as horas voy do dia deslin-  
guindo,

Chegava aa desejada, & lenta Meta,  
A luz celeste ás gentes encobrindo:  
E da casa maritima secreta,  
Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo  
Quando as fingidas gentes se chegarão,  
Aas naos, que pouco avia que ancorarão.

2.

Dantre elles hum que traz encomendado  
O mortifero engano, assi dizia:  
Capitão valeroso, que cortado  
Tens de Neptuno o reyno, & salsa via,  
O Rei que manda esta Ilha aluorçado,  
Da vinda tua tem tanta alegria,  
Que não deseja mais que agasalharte,  
Verte, & do necessario reformarte.

3.

E por que está em extremo desejofo,  
 De te ver, como cousa nomeada,  
 Te roga que de nada receoso,  
 Entres a barra, tu com toda armada:  
 E por que do caminho trabalhoso,  
 Traras a gente debil, & cansada,  
 Diz que na terra podes reformala,  
 Que a natureza obriga a desejala.

4.

E se buscando vas mercadoria,  
 Que produze o aurifero Levante,  
 Canella, Crauo, ardente especiaria,  
 Ou Droga salutifera, & prestante:  
 Ou se queres luzente pedraria,  
 O Rubi fino, o rigido diamante:  
 Da qui leuaras tudo tão sobejo,  
 Com que faças o fim a teu desejo.

5.

Ao mensageiro o Capitão responde.  
 As palauras do Rei agradecendo,  
 E diz, que por que o Sol no mar se esconde,  
 Não entra pera dentro obedecendo,  
 Porem que como a luz mostrar por onde,  
 Va sem perigo a frota não temendo,  
 Comprirá sem receio seu mandado,  
 Que a mais por tal senhor está obrigado.

Perguntalbe

6.

Perguntalhe despois, se estão na terra  
 Christãos, como o Piloto lhe dizia,  
 O mensageiro astuto que não erra,  
 Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria,  
 Desta sorte do peito lhe desterra  
 Toda a sospeita, & cauta fantasia:  
 Por onde o Capitaõ seguramente  
 Se fia da infiel, & falsa gente.

7

E de algũs que trazia condenados,  
 Por culpas, & por feitos vergonhosos,  
 Porque podessem ser aventurados  
 Em casos desta sorte duuidosos:  
 Manda dous mais sagazes, ensaiados,  
 Porque notem dos Mouros enganosos  
 A Cidade, & poder, & porque vejaõ  
 Os Christãos, que so tanto ver desejaõ.

8.

E por estes ao Rei presentes manda,  
 Porque a boa vontade que mostrava,  
 Tenha firme, segura, limpa, & branda,  
 A qual bem ao contrario em tudo estava.  
 Lá a companhia perfida, & nefanda  
 Das naos se despedia, & o mar cortava,  
 Foram com gestos ledos, & fingidos,  
 Os dous da frota em terra recebidos.

E deſpois que ao Rei apresentaraõ  
 Co recado os presentes que traziaõ,  
 A Cidade correrãõ, & notãrãõ  
 Muito menos daquillo que queriaõ,  
 Que os Mouros cautelosos se guardarãõ,  
 De lhe mostrarem tudo o que pediãõ,  
 Que onde reina a malicia, esta o receio,  
 Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas a quelle que sempre a mocidade,  
 Tem no rosto perpetua, & foy nascido,  
 De duas mais: que vrdia a falsidade,  
 Por ver o navegante destruydo:  
 Estava n'ũa casa da Cidade,  
 Com rosto humano, & habito fingido,  
 Mostrandose Christão, & fabricaua,  
 Hum altar sumptuoso que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada  
 Do alto & Sancto Spirito a pintura,  
 A candida Pombinha debuxada  
 Sobre a vnica Fenix Virgem pura,  
 A companhia sancta esta pintada,  
 Dos doze tam toruados na figura,  
 Como os que so das lingoas que cayrãõ  
 De fogo, varias lingoas referirãõ.

12.

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
 Onde com este engano Baco estaua,  
 Poem em terra os gíolhos, & os sentidos  
 Na quelle Deos, que o mundo governaua:  
 Os cheiros excellentes produzidos,  
 Na Panchaia odorifera queimaua  
 O Thioneu, & assi por derradeiro  
 O falso Deos adora o verdadeiro.

13.

Aqui foram de noite agasalhados  
 Com todo o bom, & honesto tratamento,  
 Os dous Christãos, não vêdo que enganado  
 Os tinha o falso & sancto fingimento:  
 Mas assi como os rayos espalhados  
 Do Sol forão no mundo, & num movimento,  
 Apareceo no rubido Orizonte,  
 Na moça de Titão a roxa fronte.

14.

Tornão da terra os Mouros co recado  
 Do Rei, pera que entrassem, & consigo  
 Os dous que o Capitão tinha mandado,  
 Aquem se o Rei mostrou sincero amigo:  
 E sendo o Portugues certificado  
 De não auer receyo de perigo,  
 E que gente de Christo em terra auia,  
 Dentro no salso rio entrar queria.

Dizem

Dizem lbe os que mandou, que em terra virão  
 Sacras aras, & sacerdote sancto,  
 Que ali se agasalharão, & dormirão,  
 Em quanto a luz cubrio o escuro manto:  
 E que no Rei, & gentes não sentirão  
 Senão contentamento, & gosto tanto,  
 Que não podia certo auer sospeita  
 Hũa mostra tão clara, & tão perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia  
 Alegrementemente os Mouros que subião,  
 Que leuemente hum animo se fia  
 De mostras que tão certas parecião,  
 A nao da gente perfida se enchia,  
 Deixando a bordo os barcos que trazião.  
 Alegres vinhão todos, porque crem,  
 Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,  
 Armas, & monições, que como vißsem  
 Que no Rio os nauios ancorauão,  
 Nelles ousadamente se sobißsem:  
 E com esta treição determinauão  
 Que os de Luso de todo destruißsem:  
 E que incautos pagasssem deste geito  
 O mal que em Moçambique ti:haõ feito.

18

As ancoras tenaces vão levando,  
 Com a nautica grita costumada,  
 Da proa as vellas sos ao vento dando,  
 Inclinaõ pera a barra abalisada:  
 Mas a linda Ericina, que guardando  
 Andava sempre a gente assinalada:  
 Vendo cilada grande, & tão secreta,  
 Voa do ceo ao mar como bũa seta.

19.

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,  
 Com toda a mais cerulea companhia,  
 Que por que no salgado mar nasceo,  
 Das agoas o poder lhe obedecia.  
 E propondo-lhe a causa a que deceo,  
 Com todos juntamente se partia:  
 Pera estoruar que a armada não chegasse,  
 Aonde pera sempre se acabasse.

20.

La na agoa erguendo vão com grande pressa,  
 Com as argenteas caudas branca escuma,  
 Cloto co peito corta, & atraueffa  
 Com mais furor o mar do que costuma,  
 Salta Nise, Nerine se arremessa,  
 Por cima da agoa crespa, em força sumas,  
 Abrem caminho as ondas encuruadas,  
 De temor das Nereidas apressadas.

Nos

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso  
 Vay a linda Dione furiosa,  
 Não sente quem a leua o doce peso,  
 De soberbo, com carga tão fermosa:  
 Ia chegão perto donde o vento teso  
 Enche as vellas da frota bellicosa;  
 Repartemse, & rodeão nesse instante  
 As naos ligeiras que hião por diante.

Poemse a Deosa com outras em direito  
 Da proa capitaina, & ali fechando  
 O Caminho da barra estão de geito,  
 Que em vão assopra o vento, a vella inchado;  
 Poem no madeiro duro o brando peito,  
 Pera detras a forte nao forçando,  
 Outras em derredor leuando a estauão,  
 E da barra inimiga a desnuiauão.

Quaes pera a coua as prouidas formigas  
 Leuando o peso grande acomodado,  
 As forças exercitão de inimigas,  
 Do inimigo Inuerno congelado:  
 Ali sam seus trabalhos, & fadigas,  
 Ali mostrão vigor nunca esperado,  
 Tais andauão as Nymphas estoruando  
 A gente Portuguesa o fim nefando.

24.

Torna pera detras a nao forçada,  
 A pesar dos que leua, que gritando  
 Mareão vellas, ferue a gente irada,  
 O leme a hū bordo & a outro atraueffando:  
 O vefstre astuto em vaõ da popa brada,  
 Vendo como diante ameaçando  
 O estaua hum maritimo penedo,  
 Que de quebrarlhe a nao lhe mete medo.

25.

A celeuma medonha se aleuanta,  
 No rudo marinheiro que trabalha,  
 O grande estrondo a Maura gente espanta,  
 Como se vissem horrida batalha:  
 Não sabem a razão de furia tanta,  
 Não sabem nesta pressa quem lhe valha:  
 Cuidaõ que seus enganos são sabidos,  
 E que hão de ser por isso aqui punidos.

26.

Eilos subitamente se lançauão  
 A seus bateis veloces que trazião,  
 Outros encima o mar aleuantaũão,  
 Saltando nagoa a nado se acolhião:  
 D'hum bordo & dontro subito saltauão,  
 Que o medo os compelia do que vião,  
 Que antes querem ao mar auenturarse,  
 Que nas mãos enemigas entregar-se.

Assim como em seluatica alagoa,  
 As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
 Se sentem por ventura vir pessoa,  
 Estando fora da agoa incautamente,  
 Daqui, & dali saltando, o charco soa,  
 Por fogir do perigo que se sente:  
 E a colhendose ao outro que conbecem,  
 Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Assim fogem os Mouros, & o Piloto,  
 Que ao perigo grande as naos guiára,  
 Crendo que seu engano estaua noto,  
 Tambem foge saltando na agoa amara:  
 Mas por não darem no penedo immoto,  
 Onde percão a vida doce, & cara:  
 A ancora solta logo a capitaina,  
 Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama atentado a estranbeza  
 Dos Mouros, não cuidada, & juntamente  
 O Piloto fogir lhe com presteza,  
 Entende o que ordenaua a bruta gente,  
 E vendo sem contraſte & sem braueza  
 Dos ventos, ou das agoas sem corrente,  
 Que a Nao passar auante não podia,  
 Aueudo o por milagre assi dizia.

30

O caso grande, estranho, & não cuydado,  
 O milagre clarissimo, & euidente,  
 O descuberto engano inopinado,  
 O porfida inimiga, & falsa gente,  
 Quem poderà do mal aparelhado  
 Liurarse sem perigo sabiamente,  
 Se la de cima a guarda soberana,  
 Não acudir à fraca força humana?

31

Bem nos mostra a diuina prouidencia  
 Destes portos a pouca segurança,  
 Bem claro temos visto na apparencia,  
 Que era enganada a nossa confiança:  
 Mas pois saber humano, nem prudencia  
 Enganos tão fingidos não alcança,  
 O tu guarda diuina, tem cuidado  
 De quem sem ti não o pôde ser guardado.

32.

E se te moue tanto a piedade,  
 Desta misera gente peregrina,  
 Que so por tua altissima bondade,  
 Da gente a saluas perfida & malina,  
 N'algum porto seguro de verdade,  
 Conduzirnós ja agora determina,  
 Ou nos amostra a terra que buscamos,  
 Pois so por teu seruiço nauegamos.

Ouniothe estas palauras piadosas  
 A fermosa Dione, & comouida  
 D'antre as Nymphas se vay, que saudosas  
 Ficaraõ desta subita partida:  
 Ia penetra as estrellas luminosas  
 Ia na terceira Esphera recebida:  
 Auante passa, & la no sexto cêo,  
 Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho,  
 Taõ fermosa no gesto se mostraua,  
 Que as Estrellas, & o ceo, & o ar vizinho  
 E tudo quanto a via namoraua:  
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninko  
 Hús espiritos viuos inspiraua,  
 Com que os Polos gelados acendia,  
 E tornaua do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano  
 Padre, de quem foy sempre amada, & cara  
 Se lh'a presenta assi como ao Troyano,  
 Na selua ldea ja se apresentara:  
 Se a vira o caçador, que o vulto humano  
 Perdeo, vendo Diana na agoa clara:  
 Nunca os famintos galgos o matarão,  
 Que primeiro desejos o acabarão,

36

Os crespos fios d'ouro se esparzião  
 Pello collo, que a neve escurescia,  
 E nos laços que delles se tecião *andando as lateas lãtas the tencion*  
 Contenta a liberdade se prendia: *com que o Amor b'rim: aca onã 12*  
 Os olhos pretos, onde arder se vião *d'alva portena flamae the lãtas*  
 Outras luzes mais bellas que a do dia: *com que omocionas alã q'p'ca*  
 Armados de belleza & d'esquiuança, *postas a educaduras the f'p'ca*  
 Principio do receo, & da esperança. *de q'p'ca q' amã 12 a lãtas*

37

Cum delgado cendal as partes cobre;  
 De quem vergonha he natural reparo,  
 Porem nem tudo esconde, nem descobre  
 O veo dos roxos lirios pouco auaro:  
 Mas pera que o desejo acenda, & dobre,  
 Lhe poem diante a quelle obiecto raro:  
 Ia se sentem no ceo por toda a parte  
 Ciumes em Vulcano, Amor em Marte,

38.

E mostrando no angelico sembrante  
 Co riso lãa tristeza misturada,  
 Como dama que foi do incauto amante,  
 Em brincos amorosos mal tratada,  
 Que se aqueixa, & se ri, num mesmo instãte  
 E se torna entre alegre magoadã:  
 Desta arte a Deosa, a quem nenhũa igualã,  
 Mais mimosa que triste ao Padre fala.

D Sempre

Sempre eu cuidey, o Padre poderoso,  
 Que pera as causas que eu do peito amasse  
 Te achasse brando, affabil, & amoroso.  
 Posto que a algum contrairo lhe pesasse:  
 Mas pois que contra my te vejo yr oso,  
 Sem que to merecesse, uem te errasse,  
 Faça-se como Baco determina,  
 Assentarey em fim que fuy inofina.

Este pouo que he meu, por quem derramo  
 As lagrimas que em vãõ caidas vejo,  
 Que affaz de mal lhe quero pois que o amo,  
 Sendo tu tanto contra meu desejo:  
 Por elle a ti rogando choro, & bramo,  
 E contra minha dita em fim pelejo.  
 Ora pois porque o amo he mal tratado,  
 Querolhe querer mal, ser a guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
 Que pois eu fuy: & nisto de mimosa  
 O rosto banha, em lagrimas ardentes,  
 Como co orualho fica a fresca rosa,  
 Calada hum pouco, como se entre os dentes  
 Lhe impedir a a fãlla piadosa,  
 Torna a seguila, & indo por diante,  
 Lhe atalha o poderoso, & gram Tonance.

42.

E destas brandas mostras comovido,  
 Que mouerão de hum Tigre o peito duro,  
 Co vulto alegre, qual do Ceo subido  
 Torna sereno & claro o ar escuro:  
 As lagrimas lhe alimpa, & acendido  
 Na face a beija, & abraça o colo puro:  
 De modo que dali, se so se achara,  
 Outro nouo Cupido se gerara.

43.

E co seu apertando o rosto amado,  
 Que os saluços, & lagrimas aumenta,  
 Como minino da ama castigado,  
 Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,  
 Por lhe por em sessago o peito yrado,  
 Muitos casos futuros lhe apresenta:  
 Dos fados as entrambas reuoluendo,  
 Desta maneira em fim lhe esta dizendo.

44.

Fermosa filha minha não temais  
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos,  
 Nem que ninguem comigo possa mais,  
 Que esses chorosos olhos soberanos,  
 Que eu vos prometo filha que vejas  
 Esquecerense Gregos & Romanos,  
 Pelos illustres feitos que esta gente,  
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que se o facundo Vlysses escapou  
 De ser na Ogizia Ilha etreno escravo,  
 E se Antenor os seios penetrou  
 Iliricos, & a fonte de Timaou:  
 E se o piadoso Eneas nauegou  
 De Scila, & de Caribdis o mar brauo:  
 Os vossos mores cousas atentando,  
 Nouos mundos ao mundo yrão mostrando,

Fortalezas, cidades, & altos muros,  
 Por elles vereis filha edificados:  
 Os Turcos bellacissimos & duros,  
 Delles sempre vereis desbaratados:  
 Os Reis da India liures, & seguros,  
 Vereis a o Rei potente sojugados,  
 E por elles de tudo em fim senhores,  
 Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,  
 Por tantos medos o Indo vay buscando,  
 Tremer delle Neptuno de medroso  
 Sem vento suas agoas encrespando.  
 O caso nunca visto, & milagroso,  
 Que trema, & ferua o Mar em calma estado  
 O gente forte, & de altos pensamentos,  
 Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis a terra que a agoa lbe tolhia,  
 Que inda ha de ser hum porto muy decente,  
 Em que ṽão descansar da longa via  
 As naos que nauegarem do Occidente:  
 Toda esta costa em fim, que agora vrdia  
 O mortifero engano, obediente  
 Lbe pagarà tributos, conbecendo  
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar roxo tão famoso,  
 Tornar selbe amarello de infiado:  
 Vereis de Ormuz o Reino poderoso,  
 Duas vezes tomado, & sojugado.  
 Ali vereis o Mouro furioso  
 De suas mesmas setas traspassado,  
 Que quem vay contra os vossos, claro veja,  
 Que se resiste contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,  
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo,  
 Ali se mostrarà seu preço, & sorte,  
 Feitos de armas grãdissimos fazendo:  
 Enuejoso vereis o grão Mauorte,  
 Do peito Lusitano, fero & horrendo:  
 Do Mouro ali verão que a voz extrema  
 Do falso Mahamede ao Cèo blasfema.

51.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
 A qual virà despois a ser senhora  
 De todo o Oriente, & sublimada  
 Cos triumphos da gente vencedora:  
 Ali soberba altiva, & exalçada,  
 Ao Gentio que os Idolos adora  
 Duro freo porâ, & a toda a terra,  
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

52.

Vereis a fortaleza sustentarse,  
 De Cananor, com pouca força & gente:  
 E vereis Calecu desbaratar-se,  
 Cidade populosa, & tão potente:  
 E vereis em Cochim asinalarse  
 Tanto hum peito soberbo, & insolente,  
 Que Citara ja mais cantou victoria,  
 Que assi mereça eterno nome, & gloria.

53

Nunca com Marte, instructo & furioso,  
 Se vio feruer Leucate, quando Augusta  
 Nas ciuis Aëtias guerras animoso,  
 O Capitão venceo Romano injusto.  
 Que dos pouos de Aurora, & do famoso  
 Nilo, & do Baëtra Scitico, & robusto,  
 A victoria trazia, & presa rica,  
 Preso da Egipcia linda, & não pudica.

54.

Como vercis o mar feruendo aceso,  
 Cos incendios dos vossos pelejando,  
 Leuando o Idolatra, & o Meuro preso,  
 De nações diferentes triumphando,  
 E fogueita a rica Aurea Ubersoneso,  
 Ate o longinco China nauegando.  
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
 Serlhe a todo o Occeano obediente.

55.

De modo filha minha, que de geito  
 Amostrarão esforço mais que humano,  
 Que nunca se vera tão forte peito,  
 Do Gangetico mar ao Gaditano,  
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito  
 Que mostrou o agrauado Lusitano:  
 Posto que em todo o mundo, de affrontados  
 Resuscitassem todos os passados.

56.

Como isto disse, manda o consagrado  
 Filho de Maia aa terra, porque tenha  
 Hum pacifico porto, & sossegado,  
 Pera onde sem receyo a frota venha,  
 E pera que em Mombaça, auenturado  
 O forte capitão se não detenha,  
 Lhe manda mais, q̄ em sonhos lhe mostrasse  
 A terra, onde quieto repousasse.

Ia pelo ar o Cyleneo voaua,  
 Com as asas nos pês aa terra deçe,  
 Sua vara fatal na mão leuaua,  
 Com que os olhos cansados adormesce:  
 Com esta, as tristes almas reuocaua,  
 Do Inferno, & o vento lhe obedesce.  
 Na cabeça o galêro costumado,  
 E desta arte a Melinde foy chegado.

Consigo a Fama leua, porque diga  
 Do Lusitano, o preço grande & raro,  
 Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,  
 E faz a quem o tem, amado & caro.  
 Desta arte vay fazendo a gente amiga,  
 Co rumor famosissimo, & perclaro.  
 Ia Melinde em desejos arde todo,  
 De ver da gente forte o gesto & modo.

Dalì pera Mombaça logo parte,  
 Aonde as naos estauão temerosas,  
 Pera que aa gente mande que se aparte,  
 Da barra imiga, & terras sospeitosas:  
 Porque muy pouco val esforço & arte,  
 Contra infernais vontades enganosas:  
 Pouco val coração, astucia, & siso,  
 Se lá dos Ceòs não vem celeste auiso.

60

Meyo caminho a noite tinha andado,  
 E as Estrellas no Cèo co a luz alba  
 Tinhão o largo Mundo allumiado,  
 E so co sono a gente se recrea:  
 O Capitão illustre, ja cansado  
 De vigiar a noite que arrecea,  
 Breue repouso então aos olhos daua,  
 A outra gente a quartos vigiaua.

61.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,  
 Dizendo: Fuge, fuge Lusitano,  
 Da cilada que o Rei maluado teçe,  
 Por te trazer ao fim, & extremo dano,  
 Fuge, que o vento, & o Ceo te fauoresce,  
 Sereno o tempo tês, & o Occeano,  
 E outro Rei mais amigo noutra parte,  
 Onde podes seguro agasalharte.

62.

Não tês aqui senão a parelhado  
 O hospicio que o cru Diomedes daua,  
 Fazendo ser manjar acostumado,  
 De cavallos a gente que hospedaua:  
 As aras de Busiris infamado,  
 Onde os hospedes tristes immolaua.  
 Teràs certas aqui, se muito esperas,  
 Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite

Vaite ao longo da costa discorrendo,  
 E outra terra acharas de mais verdade,  
 La quasi junto donde o Sol ardendo,  
 Iguala o dia, & noite em quantidade:  
 Alli tua frota alegre recebendo  
 Hum rei, com muitas obras de amizade,  
 Gasalhado seguro te daria,  
 E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua  
 Ao Capitão, que com muy grande espanto  
 Acorda, & ve ferida a escura treua,  
 De hũa subita luz, & rayo sancto:  
 E vendo claro quanto lhe releua  
 Não se deter na terra iniqua tanto,  
 Com nouo spirito ao Mestre seu mandaua,  
 Que as velas desse ao vento que assoprava.

Day velas, disse, day ao largo vento,  
 Que o Cêo nos fauoresce, & Deos o manda,  
 Que hum mensageiro vi do claro assento  
 Que so em fauor de nossos passos anda:  
 Aleuantase nisto o mouimento  
 Dos marinheiros, de hũa & de outra banda  
 Leuão gritando as ancoras acima,  
 Mostrando a ruda força que se estima.

66

Neste tempo, que as ancoras leuauão,  
 Na sombra escura os Mouros escondidos;  
 Mansamente as amarras lhe cortauão,  
 Por serem, dando aa costa, destruidos:  
 Mas com vista de Lincez vigiauo  
 Os Portugueses sempre apercebidos,  
 Elles como acordados os sentirão,  
 Voando, & não remando lhe fogirão.

64

Mas ja as agudas proas apartando  
 Hião as vias humidas de argento,  
 Assoprалhe galerno o vento, & brando,  
 Com suaue & seguro mouimento:  
 Nos perigos passados vão fallando,  
 Que mal se perderão do pensamento  
 Os casos grandes, donde em tanto aperto  
 A vida em saluo escapa por acerto.

68

Tinha bũa volta dado o Sol ardente,  
 E noutra começaua, quando viraõ  
 Ao longe dous nauios, brandamente  
 Cos ventos nauegando, que respiraõ,  
 Porque auiaõ de ser da Maura gente,  
 Pera elles arribando, as velas viraõ.  
 Hum de temor do mal que arreceaua,  
 Por se salvar a gente aa costa daua.

Nãõ

Não he o outro que fica tão manhoso:  
 Mas nas mãos vay cair do Lusitano,  
 Sem o rigor de Marte furioso,  
 E sem a furia horrenda de Vulcano,  
 Que como fuisse debil & medroso,  
 Da pouca gente o fraco peito humano:  
 Não teue resistencia, & se a tivera  
 Mais d'ãno resistindo recebera.

E como o Gama muito desejasse,  
 Piloto pera a India que buscaua,  
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:  
 Mas não lhe soccedeo como cuidaua,  
 Que nenhum delles ha que lhe insinasse  
 'A que parte dos Ceos a India estaua.  
 Porem dizem lhe todos que tem perto,  
 Melinde onde acharão Piloto certo.

Louuauão do Rei os Mouros a bondade,  
 Condição liberal, sincero peito,  
 Magnificencia grande, & humanidade,  
 Com partes de grandissimo respeito.  
 O Capitão o assella por verdade,  
 Porque ja lho dissera deste geito,  
 O Cyleneo em sonhos, & partia,  
 Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia!

72.

Era no tempo alegre quando entraua.

No roubador de Europa a luz Febea,  
Quãdo hum & o outro corno lhe aquetava,

E Flora derramava o de Amalthea:

A memoria do dia renouava

O presuroso Sol, que o Ceo rodea,

Em que aquelle, a quem tudo estã sogeito,

O sello pos a quanto tinha feito.

73.

Quando chegava a frota aa quella parte

Onde o Reino Melinde ja se via,

De toldos adornada, & leda de arte,

Que bem mostra estimar o Sancto dia:

Treme a Bandeira, voa o Estandarte,

A cor purpurea a o longe apparecia,

Soão os atambores & pandeiros,

E assi entrauão ledos & guerreiros.

74.

Enchese toda a praya Malindana,

De gente que vem ver a leda armada,

Gente mais verdadeira, & mais humana

Que toda a d'outra terra atras deixada.

Surge diante a frota Lusitana,

Pega no fundo a ancora pesada.

Mandão fora hũ dos Mouros que tomarão,

Por quem sua vinda a o Rei manifestarão,

O Rei

O Rei que ja sabia da nobreza  
 Que tanto os Portugueses engrandesce,  
 Tomarem o seu porto tanto preza,  
 Quanto a gente fortissima merece:  
 E com verdadeiro animo, & pureza,  
 Que os peitos generosos ennobrece.  
 Lhe manda rogar muito que saissem  
 Pera que de seus Reinos se servissem.

São offerecimentos verdadeiros,  
 E palauras sinceras, não dobradas,  
 As que o Rei manda aos nobres cavalleir.  
 Que tanto mar & terras tem passadas:  
 Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
 E galinhas domesticas ceuadas:  
 Com as fruttas que então na terra avia:  
 E a vontade â dadiu. i. excedia.

Recebe o Capitão alegremente  
 O mensageiro ledo, & seu recado,  
 E logo manda ao Rei outro presente,  
 Que de longe trazia aparelhado:  
 Escarlata purpurea, cor ardente,  
 O ramoso coral fino, & prezado,  
 Que debaxo das agoas molle cresce,  
 E como he fora dellas se endurece.

78.

Manda mais hum na prattica elegante,  
 Que co Rei nobre as pazes concertasse,  
 E que de não sair na quelle instante  
 De suas naos em terra o desculpasse.  
 Partido assi o embaxador prestante,  
 Como na terra ao Rei se apresentasse,  
 Com estilo que Pallas lhe ensinava,  
 Estas palauras tais fallando orava.

79

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro  
 Foy da summa Iustiza concedido  
 Refrear o soberbo pouo duro,  
 Não menos d'elle amado que temido:  
 Como porto muy forte, & muy seguro,  
 De tado o Oriente conhecido,  
 Te vimos a buscar, pera que achemos  
 Em ti o remedio certo que queremos.

80.

Não somos roubadoures, que passando  
 Pelas fracas cidades descuidadas,  
 A ferro, & a fogo, as gentes vão matando,  
 Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:  
 Mas da soberba Europa nauegando,  
 Himos buscando as terras apartadas  
 Da India grande & rica, por mandado  
 D'hum Rei que temos, alto, & sublimado.

Que

Que geração tão dura abi de gente  
 Que barbaro costume, & vsança fea,  
 Que não vedem os portos tão somente:  
 Mas inda o hospicio da deserta area?  
 Que ma tenção? que peito em nos se sente?  
 Que de tão pouca gente se arrecea?  
 Que com laços armados tão fingidos,  
 Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos  
 Acharse mais verdade, ô Rei benigno,  
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
 Que teue o perdido Ithaco em Alcino:  
 A teu porto seguros nauegamos,  
 Conduzidos do Interprete diuino:  
 Que pois a ti nos manda, está muy claro,  
 Que es sincêro, humano, & raro.

Enão cuydes, ô rei, que não saisse,  
 O nosso Capitão esclarecido  
 A verte, ou a servirte, por que visse,  
 Ou suspeitasse em ti peito fingido:  
 Mas saberas que o fez por que comprisse,  
 O regimento em tudo obedecido,  
 De seu Rei, que lhe manda que não saia,  
 Deixando a frota em nenh'ũ porto, ou praia,  
 E porque

85.

E porque he de vassallos, o exercicio,  
 Que os membros tem regidos da cabeça,  
 Não quereas, pois tês de rey officio,  
 Quem ninguem a seu rey desobedezca:  
 Mas as mercês, & o grande beneficio,  
 Que hora acha em ti, promette que conlesca,  
 Em tudo aquillo que elle & os seus poderê  
 Em quanto os rios pera o mar correrem.

86.

Assi dizia, & todos juntamente,  
 Hês com outros em practica fallando  
 Louuauão muito o estamago da gente,  
 Que tanto cêos & mares vai passando,  
 E o rey illustre, o peito obediente,  
 Dos Portugueses, na alma imaginando  
 Tinha por valor grande, & muy subido,  
 O do rey que he tão longe obedescido.

87.

E com risonha vista, & ledto aspeito,  
 Responde ao embaixador, que tão estima  
 Toda a sospeita mà tiray do peito,  
 Nenhum frio temor em vos se imprima:  
 Que vosso preço, & obras são de gesto,  
 Pera vos ter o mundo em muita estima  
 E quem vos fez molesto tratamento,  
 Não pode ter sobido pensamento.

E

De

De não sair em terra toda a gente,  
 Por observar a usada preminencia,  
 Ainda que me pese estranhamente,  
 Em muito tenho a muita obediencia:  
 Mas selho o regimento não consente,  
 Nem eu consentirey que a excellencia,  
 De peitos tão leais em si desfaça,  
 Sò por que a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada  
 Ao mundo for, em minhas almadias;  
 Eu irey visitar a forte armada,  
 Que ver tanto desejo, hã tantos dias.  
 E se vier do mar desbaratada,  
 Do furioso vento, & longas vias:  
 Aqui terã, de limpos pensamentos  
 Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,  
 O filho de Latona, & o mensageiro  
 Coa embaixada alegre se partia  
 Pera a frota, no seu batel ligeiro:  
 Encl em se os peitos todos d'alegria,  
 Por terem o remedio verdadeiro,  
 Pera achar em a terra que buscauão,  
 E assi ledos a noite festejavão.

91.

Não faltão alli os rayos de arteficio,  
 Os tremulos cometas imitando,  
 Fazem os bombardeiros seu officio:  
 O cêo, a terra, & as ondas attroando.  
 Mostrase dos Cyclopas o exercicio,  
 Nas bumbas que de fogo estão queimando,  
 Outros com vozes, com que o ceo ferião,  
 Instrumentos altifonos tangião.

92.

R spondem lhe da terra juntamente,  
 Co rayo volteando, com zomido,  
 Anda em giros no ar a roda ardente,  
 Estoura o pò sulphureo escondido:  
 A grita se aleuanta ao cêo, da gente,  
 O mar se via em fogos acendido:  
 E não menos a terra, & assi festeja  
 Hum ao outro a manciça de peleja.

93.

Mas ja o cêo inquieto reuoluendo,  
 As gentes incitava à seu trabalho,  
 E ja a mãy de Memnon a luz trazendo,  
 Ao sono longo punha ceito atalho:  
 Hião se as sombras lentas desfazendo,  
 Sobre as flores da terra, em frio orualho,  
 Quando o Rei Milindano se embarcava  
 A ver a frota que no mar estava.

Vião se em derredor feruer as prayas

Da gente, que a ver sò concorre leda,

Luzem da fina purpura as cubaias,

Lustrão os panos da tecida seda:

Em lugar de guerreiras azagaias

E do arco, que os cornos arremeda

Dalúa, trazem ramos de palmeira,

Dos que vncem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado

Vinha de sedas de diuersas cores,

Tras o Rey de Melinde, acompanhado

De nobres de seu reino, & de senhores:

Vem de ricos vestidos adornado,

Segundo seus costumes, & primores.

Na cabeça hũa fota guarnecida,

D'ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Cabuya de Damasco rico, & dino,

Da Tiria cr, entre elles estimada,

Hum collar ao pescoço d'ouro fino,

Onde a materia da obra he superada,

El'ũ resplendor reluze adamantino,

Na cinta, a rica adaga bem laurada

Nas alparcas dos pès, em fim de tudo,

Cobrem ouro, & aljofar ao veludo.

97.

Com hum redondo emparo alto de seda,  
 N'ũa alta & dourada hastea enxerido,  
 Hum ministro a solar quentura veda,  
 Que uão offenda & queime o rei subido:  
 Musica traz na proa, estranha & leda,  
 D'aspero som, horriſſimo ao ouido:  
 De trombetas arcadas em redondo,  
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.

98.

Não menos guarnecido o Lusitano,  
 Nos seus bateis da frota se partia,  
 A receber no mar o Melindano,  
 Com lustrosa & honrada companhia:  
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano:  
 Mas Francesa era a roupa que vestia,  
 De cetim da Adriatica Veneza,  
 Carmesi, cor que agente tanto preza.

99.

De botões dour o as mangas vem tomadas,  
 Onde o Sol reluzindo a vista cega:  
 As calças soldadescas recamadas,  
 Do metal que fortuna a tantos nega,  
 E compontas do mesmo delicadas,  
 Os golpes do gibão ajunta, & achega:  
 Ao Italico modo a aurea espada,  
 Pluma na gorra, hum pouco declinada.

Nos de sua companhia se mostrava,  
 Da tinta que dà o Murice excelente,  
 A varia cor, que os olbos alegrava,  
 E a maneira do trajo diferente:  
 Tal o fermoso esmalte se notava,  
 Dos vestidos olhados juntamente:  
 Qual apparece o arco rutilante,  
 Da bella Nympha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauão,  
 Os animos alegres resoando,  
 Dos Mouros os bateis o mar coalbauão,  
 Os toldos pelas agoas arrojando:  
 As bombardas burriſſonas bramauão,  
 Com as nuuês de fumo o sol tomando,  
 Ameudão se os brados acendidos,  
 Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

14 no batel entrou do capitão  
 O rei, que nos seus braços o leuava,  
 Elle coa cortesia, que a razão  
 ( Por ser rei ) requeria, lhe fallava:  
 C'iñas mostras de espanto, & admiração,  
 O Mouro o gesto, & o modo lhe notava,  
 Como quem em muy grande estima tinha,  
 Gente que de tão longe à India vinha.

103.

E com grandes palauras lhe offerença,  
 Tudo o que de seus reinos lhe comprisse,  
 E que se mantimento lhe falleça,  
 Como se proprio fosse lho pedisse:  
 Diz lhe mais, que por fama bem conhece  
 A gente Lusitana, sem que a visse  
 Que ja ouuio dizer, que n. outra terra  
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

104.

E como por toda Affrica se soa,  
 Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,  
 Quando nella ganbarão a coroa  
 Do reino, onde as Hesperidas viuerão:  
 E com muitas palauras apregoa,  
 O menos que os de Luso merecerão:  
 E o mais que pela fama o rei sabia:  
 Mas desta sorte o Gama respondia.

105.

O tu que so tiueste piedade,  
 Rei benigno, da gente Lusitana,  
 Que com tanta miseria, & aduersidade,  
 Dos mares exprimenta a furia insaua.  
 Aquella alta, & diuina eternidade,  
 Que o cêo reuolue, & rege a gête humanã:  
 Pois que de ti tais obras recebemos,  
 Te pague o que nos outros não podemos.

Tu jò de todos quantos queima Apollo,  
 Nos recebes em paz do mar profundo  
 Em ti, dos ventos horridos de Eolo,  
 Refugio achamos bom, fido, & jocundo:  
 Em quanto apascentar o largo polo,  
 As estrellas, & o sol der lume ao mundo,  
 Onde quer que eu viuer, cõ fama & gloria,  
 Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,  
 Pera a frota, que o Mouro ver deseja,  
 Vão as naos, hũa & hũa rodeando,  
 Porque de todas tudo note, & veja:  
 Mas pera o cèo Vulcano fazilando,  
 A frota co as bombardas o festeja,  
 Aas trombetas canoras lhe tangião,  
 Cos anafis os Mouros respondião.

Mas depois de ser tudo já notado,  
 Do generoso Mouro, que pasmaua,  
 Ouuindo o instrumento inusitado,  
 Que tamanho terror em si mostraua.  
 Mandaua estar quieto, & ancorado,  
 Nagoa o batel ligeiro que as leuua,  
 Por fallar de vagar co forte Gama,  
 Nas cousas de que tem noticia, & fama.

109.

Em praticas o Mouro diferentes,  
 Se deleitava, perguntando agora,  
 Pellas guerras famosas & excellentes,  
 Co pouo àuidas, que a Masfoma adora:  
 Agora lhe pergunta pellas gentes  
 De toda a Hispberia vltima, onde mora  
 Agora pellos pouos seus vezinhos,  
 Agora pelos humidos caminhos.

110.

Mas antes valeroso capitão,  
 Nos conta, lhe dizia, diligente,  
 Da terra tua o clima, & região  
 Do mundo onde morais distintamente,  
 E assi de vossa antiga geração,  
 E o pincipio do reyno tão potente:  
 Cos successos das guerras do começo,  
 Que sem sabellas, sey que são de preço.

111.

E assi tambem nos conta dos rodeios  
 Longos, em que te traz o mar yrado,  
 Vendo os costumes barbaros alheios,  
 Que a nossa Africa ruda tem criado  
 Conta: que agora vem cos aureos freios,  
 Os cauallos que o carro marchetado,  
 Do nouo sol, da fria aur ora trazem,  
 O vento dorme, o mar & as ondas jazem.  
 E não

E não menos co tempo se parece,  
 O desejo de ouvirte o que contares,  
 Que quem ha, que por fama não conbesçe  
 As obras Portuguesas singulares:  
 Não tanto desuiado resplandesçe,  
 De nos o claro sol, per a jnlgares  
 Que os Melindanos tem taõ rudo peito,  
 Que não estimem muito hum grande feito.

Cometerão soberbos os Gigantes,  
 Com guerra vão, olimpo claro, & puro,  
 Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,  
 O reino de Plutão horrendo & escuro,  
 Se ouue feitos no mundo taõ possantes,  
 Não menos he trabalho iliustre, & duro,  
 Quanto foi cometer inferno, & cèo,  
 Que outrem cometa a furia de Nerea.

Queimou o sagrado templo de Diana,  
 Do sutil Tesifonio fabricado,  
 Horostrato, por ser da gente humana  
 Conhecido no mundo, & nomeado:  
 Se tambem com tais obras nos engana,  
 O desejo de hum nome auentajado  
 Mais rezão ha que queira eterna gloria  
 Quem faz obras taõ dignas de memoria.

## Canto Terceiro.

I.



Gora tu Calliopeme enfina  
 O que contou ao rei, o illustre  
 Gama:

Inspira immortal canto, & voz  
 diuina,

Neste peito mortal, que tanto te ama.

Assi o claro inuentor da medicina,

De quem Orpheo pariste, ò linda dama:

Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucathõe

Te negue o amor diuido, como soe.

2.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,

Como mereçe a gente Lusitana,

Que veja & saiba o mundo que do Tejo

O licor de Aganippe corre & mana,

Deixa as flores de Pinda, que ja vejo

Banbarme Apollo na agoa soberana

Senão direy, que tês algum receis,

Que se escureça o teu querido Orpheo.

Promptos

3.

Promptos estauão todos escuitando,  
 O que o sublime Gama contaria  
 Quando, depois de hũ pouco estar cuidãdo,  
 A leuantando o rosto, assi dizia:  
 Mandas me, o rei, que conte declarando,  
 De minba gente a grãõ genealogia:  
 Não me mandas contar estranha historia:  
 Mas mandas me louuar dos meus a gloria!

4.

Que outrem possa louuar esforço albeio,  
 Causa he que se costuma, & se deseja:  
 Mas louuar os meus proprios, arreceo,  
 Que louuor tão suspeito mal me esteja,  
 E pera dizer tudo, temo & creio,  
 Que qualquer longo tempo curto seja:  
 Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
 Irey contra o que deuo, & sercy breue.

5.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,  
 He não poder mentir no que disser,  
 Porque de feitos tais, por mais que diga,  
 Mais me ha de ficar inda por dizer.  
 Mas porque nisto ordem leue & siga,  
 Segundo o que desejas de saber  
 Primeiro trattarey da larga terra,  
 Depois direy da sanguinosa guerra.

Entre

6.

Entre a Zona que o Canto senhorea,  
 Meta Septentrional do Sol luzente,  
 E aquella, que por fria se recea  
 Tanto, como a do mzo por ardente,  
 Iaz a soberba Europa, á quem roda,  
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente:  
 Com suas salsas ondas o Oceano,  
 E pela Austral, o mar Meiterrano.

7.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
 Com Asia se auizinha: mas o rio  
 Que dos montes Ripheos vay correndo,  
 Na alagoa Meotis, curuo & frio  
 As divide: & o mar, que fero & horrendo  
 Vio dos Gregos o yrado senhorio:  
 Onde agora de Troia triumphante,  
 Não vê mais que a memoria o nauyante.

8.

La onde mais debaxo está do Polo,  
 Dos montes Hyperboreos apparecem,  
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,  
 E co nome dos sopros, se enubrescem,  
 Aquitão pouca força tem de Apollo,  
 Us rayos que no mundo resplandescem.  
 Que a neue está contino pelloos montes,  
 Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aque

9.

Aqui dos Scythas, grande quantidade  
 Viuem, que antigamente grande guerra  
 Teuerão, sobre a humana antiguidade,  
 (os que tinhão antão a Egipcia terra:  
 Mas quem tão fora estaua da verdade,  
 (la que o juyzo humano tanto erra: )  
 Pera que do mais certo se informara,  
 Ao campo Damasceno o perguntara.

10.

Agora nestas partes se nomea,  
 A Lapia fria, a inculta Noruega,  
 Escandinauia lha, que se arrea,  
 Das vittorias que Italia não lhe nega  
 Aqui, em quanto as agoas não refrea,  
 O congelado inuerno, se nauega  
 Hum braço do Sarmatico Oceano,  
 Pela Brusio, Succio, & frio Dano.

11.

Entre este mar, & o Tanais viue estranha  
 Gente, Ruthinos, Mescos, & Liuonios,  
 Sarmatas outro tempo, & na montanha  
 Hircinia, os Marcomanos são Polonios  
 Suggestos áo imperio de Alemanha,  
 São Saxones, Boemios, & Panonios,  
 E outras varias nações, que o Rheno fiio  
 Lana, & o Danubio, Amasis, & Elbis Rio?

12.

Entre o remoto Istro, & claro estreito,  
 E onde Hele deixou, co nome, a vida,  
 Estão os Traces de robusto peito,  
 Do fero Marte, patria tão querida,  
 Onde co Hemo, o Rhodope suggeito  
 E o Otomano está, que somettida,  
 Bizancio tem à sen serviço indino,  
 Boa injuria do grande Constantino.

13.

Logo de Macedonia estão as gentes,  
 E quem lava do Axio a agoa fria:  
 E vos tambem, o terras excelentes,  
 Nos costumes, engenbos, & ousadia,  
 Que criastes os peitos eloquentes,  
 E os juizos de alta phantasia:  
 Eom quem tu clara Grecia o cêo penetras,  
 E não menos por armas, que por letras.

14.

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,  
 Onde Entenor ja muros leuanrou,  
 E soberba Veneza está no meio  
 Das agoas, que tão baxa começaram  
 Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio  
 De esforço, nações varias soggeitou,  
 Braço forte, de gente sublimada,  
 Não menos nos engenbos que na espada.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,  
 Cos muros naturais, por outra parte,  
 Pelo meio o diuide o Apenino,  
 Que tão illustre fez o patrio Marte:  
 Mas despois que o porteiro tem diuino,  
 Perdendo o esforço veio, & bellica arte:  
 Pobre está ja de antiga potestade,  
 Tanto Deos se contenta de humildade.

Gallia alli se verá, que nomeada,  
 Cos Cesarios Triumphos foy no mundo,  
 Que do Sequana, & Rhodano he regada,  
 E do Garunna frio, & Reno funds:  
 Logo os montes da Nympha sepultada  
 Pyrene se aluantião, que segundo  
 Antiquidades contão, quando arderão,  
 Rios d'ouro, & de prata antão correrão.

Eeis aqui se descobre a nobre Espanha,  
 Co no cabeça alli de Eui opa toda,  
 Em cuja senhoria & gloria estranha,  
 Muitas voltas tem dado a fatal roda:  
 Mas nunca poderá, com força, ou manha  
 A fortuna inquieta por lhe nada:  
 Que lha não tire o esforço & ousadia,  
 Dos bellicosos peitos, que em si cria.

18.

Com Tingitania entesta, & ali parece  
 Que quer fechar o mar mediterano,  
 Onde o sabido estreito se ennobrece,  
 Co extremo trabalho do Thebano:  
 Com nações diferentes se engrandesce,  
 Cercadas com as ondas do Oceano  
 Todas de tal nobreza, & tal valor,  
 Que qualquer dellas cuida que he milhor.

19.

Tem o Tarragones, que se fez claro,  
 Doijeitando Partênope inquieta,  
 O Navarro, as Asturias, que reparo  
 Izforão, contra a gente Mahometta,  
 Tem o Gallego cauto, & o grande & raro  
 Castelhana, à quem fez o seu planeta,  
 Restituidor de Espanha, & senhor della,  
 Bethis, Lião, Granada, com Castella.

20.

Eis aqui quasi cume da cabeça,  
 De Europa toda, o reino Lusitano,  
 Onde a terra se acaba, & o mar comeca,  
 E onde Ebeo repousa no Oceano:  
 Este quis o céu justo, que floresca  
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
 Deitando o de si fora, & lá na ardente  
 Affrica estar quieto o não consente.

F

Esta he

# OS LUSIADAS DE L. DE CA.

21.

Esta he a ditosa patria minha amada,  
Aa qual se o cèo me dà, que eu sem perigo  
Torne, com esta empresa ja acabada,  
Acabese esta luz alli comigo.  
Esta foy Lusitania deriuada,  
De t. uso, ou Lysa: que de Baccho antigo  
Filhos forão parece, ou companheiros,  
E nella a itão os incolas primeiros.

22.

Desta o pastor nasceo, que no seu nome  
Se ve, que d'homem forte os feitos teue,  
Cuja fama, ninguem virà que dome,  
Pois a grande de Roma não se atreue:  
Esta, o velho que os filhos proprios come,  
Por decreto do, cèo ligeiro, & leue,  
Veo a fazer ro mundo tanta parte,  
Criando a reino illustre, & foi de st' arte.

23.

Hu rei, por nome Affonso, foy na Hespanha,  
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
Que por armas sanguinas, força, & manha  
A muitos fez perder a vida, & a terra:  
Voando deste rey a fama estranha,  
Do Herculano Calpe àa Caspia serra,  
Muitos, per a na guerra esclarecerse,  
Vinhão a elle, & àa morte offerecerse.

E COMA

24.

Ec' hã amor intrinseco acendidos  
 Da fê, mais que das honras populares,  
 Erão de varias terras couduzidos,  
 Deixãdo a patria amada, & proprios lares.  
 Depois que em feitos altos & subidos,  
 Se mostrarão nas armas singulares  
 Quis ofamoso Affonso, que obras tais,  
 Leuassem premio digno, & dões iguais.

25.

Destes Henrique dizem que segundo,  
 Filho de hum rei de Vngria experimentado,  
 Portugal ouue em sorte, que no mundo  
 Então não era illustre, nem prezado:  
 E pera mais sinal d'amor profundo,  
 Quis o rei Castelhana, que casado,  
 Com Teresa sua filha o conde fosse,  
 E com ella das terras tomou posse.

26.

Este depois que contra os descendentes,  
 Da escrava Agar, vittorias grandes teue,  
 Gaubando muitas terras adjacentes,  
 Fazendo o que a seu forte peito deue.  
 Em premio destes feitos excellentes,  
 Deu'be o supremo deos, em tempo breue,  
 Hum filho, que illustrasse o nome v'fano  
 Do bellicoso reino Lusitano.

Lá tinha vindo Henrique da conquista,  
 Da cidade Hyerolimá sagrada,  
 E do lordão a area tinha vista,  
 Que vio de deos a carne em si lauada.  
 Que não tendo Golsfredo a quem resista,  
 Depois de ter ludea sollugada  
 Muitos que nestas guerras o ajudarão,  
 Pera seus senhorios se tornarão.

Quando chegado ao fim de sua idade,  
 O forte & famoso Vngaro estremado,  
 Forçado da fatal necessidade,  
 O spirito deu, â quem lho tinha dado:  
 Ficaua o filho em tenra mocidade,  
 Em quem o pay deixaua seu traslado:  
 Que do mundo os mais fortes igoalaua,  
 Que de tal pay tal filho se esperaua.

Mas o velho rumor, não sey se errado,  
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
 Conta que mãy tomando lhe o estado  
 Do segundo Hymenen, não se despreza:  
 O filho orfão deixaua desberdado,  
 Dizendo que nas terras, a grandeza  
 Do senhorio todo, sô sua era,  
 Porque pera casar seu pay lhas dera.

30.

Mas o Principe Affonso, que desta arte  
 Se chamaua, do Auo tomando o nome,  
 Vendose em suas terras não ter parte,  
 Que a mãy cõ seu marido as mãda & come;  
 Feruendo lhe no peito o duro Marte,  
 Imagina consigo como as tome  
 Reu luidas as causas no conceito,  
 Ao proposito firme segue o effeito.

31.

De Guimarães o campo se tingia,  
 Co sangue proprio da intestina guerra,  
 Onde a mãy que tam pouco o parecia,  
 A seu filho negaua o amor, & a terra.  
 Co elle posta em campo já se via,  
 E não vê a soberba, o muito que erra  
 Contra deos, contra o maternal amor:  
 Mas nella o sensual era maior.

32.

O Progne crua, o magica Medea,  
 S'em vossos propios filhos vos vingais  
 Da maldade dos pais, da culpa alhea,  
 Olhay que inda Teresa pec ca mais:  
 Incontinencia ma, cubiça fea,  
 São as causas deste erro principais  
 Scylla por bũa matta o velho pay,  
 Esta por ambas, contra o filho v.ry.

Mas jã o principe claro, o vencimento,  
 Do padraõto & da iniqua mãy leuaua,  
 Iã lhe obedeſce a terra n' hũ momento,  
 Que primeiro o contra elle pelejaua:  
 Porem vencida d'ira o entendimiento,  
 A mãy emferros asperos ataua:  
 Mas de deos foi vingada em tempo breue,  
 Tanta veneraçã aos pais se deue.

Eis se ajunta a soberbo Caſtelhano,  
 Para vingar a injuria de Teresa,  
 Contra o tão raro em gente Luſitano:  
 A quẽ nenhum trabalho aggraua, ou peſa:  
 Em batalha cruel, o peito humano,  
 Ajudado da angelica deſeſa,  
 Não ſõ contra tal furia ſe ſuſtenta:  
 Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não paſſa muito tempo, quando o forte  
 Principe, em Guimarães eſtà cercado,  
 De infinito poder, que deſta ſorte,  
 Foy refazer ſe o inimigo magoado:  
 Mas com ſe offerecer áa dura morte  
 O fiel Egas amo, foy liurado.  
 Que d'outra arte podera ſer perdido,  
 Segundo eſtava mal apercebido.

36.

Mas o leal vassallo conbescendo,  
 Que seu senhor não tinha resistencia,  
 Se vay ao Castelhana, promettendo,  
 Qu'elle faria darlhe obediencia.  
 Leuanta o inimigo o cerco horrendo,  
 Fiado na promessa, & consciencia  
 De Egas Moniz, mas não consente o peito  
 Do moço illustre, â outrem ser soggeito.

37.

Chegado tinha o prazo promettido,  
 Em que o rei Castelhana ja agoardava,  
 Que o principe à seu mando submetido,  
 Lhe desse a obediencia que esperava.  
 Vendo Egas, que ficava fementido,  
 O que delle Castella não cuydava,  
 Determina de dar a doce vida,  
 A troco da palaura mal comprida.

38.

E com seus filhos & molher se parte,  
 A aleuantar co elles a fiança,  
 Descalços, & despídos, de tal arte,  
 Que mais moue à piedade que à vingança,  
 Se pretendes rei alto de vingarte,  
 De minha temeraria confiança,  
 Dizia, eis aqui venho offerecido,  
 A te pagar co a vida o promettido.

Ves aqui trazo as vidas innocentes,  
 Dos filhos sem peccado, & da consorte,  
 S'âa peitos generosos, & excellentes,  
 Dos fracos satisfaz a fera morte.  
 Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,  
 Nellas sos exprimenta, toda sorte  
 De tormentos, de mortes, pelo estilo  
 De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condemnado,  
 Que já na vida a morte tem bebido,  
 Poem no cepo a garganta: & ja entregado,  
 Espera pelo golpe tão temido:  
 Tal diante do principe indinado,  
 Egas estava âa tudo offerecido:  
 Mas o rei vendo a estranha lealdade,  
 Mais pode em fim que a ira a piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,  
 De vassallo, que âa tanto se obrigava,  
 Que mais o Persa fez naquella empresa,  
 Onde rosto & narizes se cortava.  
 Do que ao grande Dario tanto pesa,  
 Que mil vezes dizendo suspirava  
 Que mais o seu Zopiro são prezara,  
 Que vinte Babilonias que tomara.

42.

Mas já o Principe Affonso aparelhava,  
 O Lusitano exercito ditoso,  
 Contra o Mouro que as terras habitava,  
 D'allem do claro Tejo deleitoso:  
 Lá no campo de Ourique se assentava,  
 O arraial soberbo, & bellicoso:  
 Defronte do inimigo Sarraceno,  
 Posto que em força, & gente tão pequeno:

43.

Em nenhũa outra cousa confiado,  
 Senão no summo deos, que o cèu regia,  
 Que tão pouco era o pouo bautizado,  
 Que pera hum sò cem Mouros aueria.  
 Julga qualquer juyzo socegado,  
 Por mais temeridade que ousadia,  
 Cometter hum tamanho ajuntamento,  
 Que pera hum cavalleiro ouvesse cento.

44.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,  
 Dos quaes o principal Ismar se chama,  
 Todos experimentados nos perigos  
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:  
 Seguem guerreiras damas seus amigos,  
 Imitando a fermosa & forte dama,  
 De quem tanto os Troyanos se ajudarão,  
 E as que o Thermodonte ja gostarão.

A matutina

A matutina luz serena, & fria,  
 As Estrellas do polo ja apartaã,  
 Quando na cruz o Filho de Maria,  
 Amostrando se a Affonso o animaua:  
 Elle adorando quem lhe apparecia,  
 Na fe todo inflammado assi gritaua.  
 A os infieis senhor, aos infieis,  
 E não a my, que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente  
 Portuguesa, inflammados leuantauão,  
 Por seu rei natural, este excellente  
 Principe, que do peito tanto amauão:  
 E diante do exercito potente,  
 Dos imigos, gritando o ceo tocavão:  
 Dizendo em alta voz, Real, real,  
 Por Affonso alto rei de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,  
 Pola montanha o rabido Moloso,  
 Contra o Touro remette, que fiado  
 Na força está do corno temeroso:  
 Hora pega na orelha, hora no lado,  
 Latindo mais ligeiro que forçoso,  
 Hatte que em fim rompendolhe a garganta,  
 Do brauo a força horrenda se quebranta.

48.

Tal do rei nouo, o estamago acendido,  
 Por deos & polo pouo juntamente,  
 O barbaro comette apercebido,  
 Co animoso exercito rompente:  
 Leuantão nisto os perros o alarido  
 Dos gritos, tocão arma, ferue a gente,  
 As lanças & arcos tomão, tubas soão,  
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

49.

Bem como quando a flamma que ateadá,  
 Foi nos aridos campos ( assoprando  
 O sibilante Boreas ) animada  
 Co vento, o seco mato vay queimando:  
 Apaſtoral companha, que deitada,  
 Co doce sono estaua, despertando,  
 Ao estridor do fogo que se atea,  
 Recolhe o fato, & foge para a aldeá,

50.

Dest' arte o Mouro attonito & toruado,  
 Toma sem tento as armas mui depressá,  
 Não foge mas espera confiado,  
 E o ginete belligero arremessa:  
 O Portugues o oncontra denodado,  
 Pellos peitos as lanças lhe atraueſa.  
 Hũs caem meios mortos, & outros vão  
 A ajuda conuocando do alcorão.

Alli se vem encontros tenerosos,  
Pera se desfazer bũa alta serra,  
Cos animais correndo furiosos,  
Que Neptune amostrou firindo a terra:  
Golpes se dão medonhos, & forçosos,  
Por toda a parte andava acesa a guerra:  
Mas o de Luso, arnes, couraça & malha,  
Rompe, corta, desfaz, a bolla & talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono & sem sentido,  
E doutros as entranhas palpitando,  
Pallida a cor, o gesto amortecido:  
Ia perde o campo o exercito nefando,  
Correm rios do sangue desparzido  
Com que tambem do campo a cor se perde  
Tornado carmesi de branco & verde.

Iá fica vencedor o Lusitano  
Recolhendo os troseos & presa rica,  
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,  
Tres dias o gram rei no campo fica:  
Aquí pinta no branco escudo v'fano,  
Que agora esta vittoria certifica:  
Cinco escudos azues esclarecidos,  
En final destes cinco reis vencidos.

54.

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
 Dinheiros, porque deos fora vendido,  
 Escreuendo a memoria em varia tinta,  
 Daquelle de quem foy fauorecido.  
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
 Porque assi fica o numero comprido:  
 Contando duas vezes o do meo,  
 Dos cinco azues q̄ em Cruz pintando veo.

55.

Passando ja algum tempo, que passada  
 Era esta grão victoria, o rei subido  
 A tomar vay Leiria, que tomada  
 Pora muy pouco auia, do vencido:  
 Com esta a forte Arronches sojugada  
 Foy juntamente: e o sempre ennobrecido  
 Scabelicastro, cujo campo ameno,  
 Tu claro Tejo regas tão sereno.

56.

A estas nobres villas somettidas,  
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,  
 E nas serras da lua conhescidas,  
 Sojuga a friaynthra o duro braço.  
 ynthra onde as Naiades escondidas  
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:  
 Onde amor as enreda brandamente,  
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

57.

E tu nobre Lisboa, que no mundo,  
 Facilmente das outras es princeza,  
 Que edificada foste do facundo,  
 Por cujo engano foy Dardania acesa:  
 Tu áa quem obedesce o mar profundo,  
 Obedesceste àa força portuguesa  
 Ajudada tambem da forte armada,  
 Que das Boreais partes foy manda,

58.

Lá do Germanico Albis, & do Reno,  
 E da fria Bretanha conduzidos,  
 A destruir o pouo Sarraceno,  
 Muitos com tenção santa crão partidos,  
 Entrando a boca já, do Tejo arenno,  
 Co arrayal do grande Affonso vnides  
 Cuja alta fama antão subia aos cèos,  
 Foy posto cerco aos muros Vlisseos.

59.

Cinco vezes a lúã se escondera,  
 E outras tantas mostrara cheio o rosto,  
 Quando a cidade entrada se rendera,  
 Ao duro cerco, que lhe estava posto.  
 Foy a batalha tão sanguinha & fera,  
 Quanto obrigaua o firme proposito:  
 De vencedores asperos, & ousados,  
 E de vencidos, já desesperados.

60.

Desta arte em fim tomada se rendeo,  
 Aquella que nos tempos ja passados  
 Aa grande força nunca obedesceo,  
 Dos frios pouos Scithicos oufados:  
 Cujó poder á tanto se estendeo,  
 Que o lbero o vio, & o Tejo amedrontado  
 E em fim co Betis tanto alghús poderão,  
 Que àa terra de Vandalia nome derão.

61.

Que cidade tão forte, por ventura  
 Auera que resista, se Lisboa  
 Não pode resistir àa força dura  
 Da gente, cuja fama tanto voa.  
 Ia lhe obedece toda a Estremadura,  
 Obidos, Alanquer, por onde soa  
 O tom das frescas agoas, entre as pedras,  
 Que murmurando laua, & Torres vedras.

62.

E vos tambem, ó terras transtaganas,  
 Affamadas co dom da flaua Ceres,  
 Obedesceis àas forças mais que humanas,  
 Entregando lhe os muros, & os poderes.  
 E tu laurador Mouro, que te enganias,  
 Se sustentar a fertil terra queres  
 Que Eluas, & Moura, & Serpa conbecidas  
 E Alcaçare do sal, estão rendidas.

Eis

# OS LYSIADAS DEL. DECA.

63.

Eis a nobre cidade, certo assento,  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde ora as agoas nitidas de argento,  
Vem sustentar de longo a terra, & a gente,  
Pelos arcos reaes, que cento & cento  
Nos ares se alluuntão nobremente  
Obedesceo, por meo & ousadia  
De Giraldo, que medos não temia.

64.

Lã na cidade Beja vay tomar,  
Vingança de Trancozo destruida,  
Affonso que não sabe sosegar,  
Por estender co a fama a curta vida:  
Não se lhe pode muito sustentar  
A cidade: mas sena o já rendida,  
Em toda a cousa viua, a gente yrada,  
Prouando os fios vay da dura espada.

65.

Com estas sollugada foy Palmella,  
E a piscosa Cizimbra, & juntamente,  
Send o ajudado mais de sua estrella,  
Desbarata hum exercito potente:  
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,  
Que a socorrella vinha deigente  
Pel: fralda da serra descuydado,  
Do temeroso encontro inopinado.

O rei de Badajoz era alto Mouro,  
 Com quatro mil caualllos furiosos,  
 Innumerados pioës, darmas & d'ouro  
 Guarnecidos guerreiros & lustrosos:  
 Mas qual no mes de Maio o brauo touro  
 Cos ciumes de vacca, arreceosos,  
 Sentindo gente o bruto, & cego amante  
 Saltea o descuidado caminhaute.

Desta arte Affonso subito mostrado,  
 Na gente dâ que passa bem segura,  
 Fere, matta, derriba denodado,  
 Foge o rei Mouro, & Sô da vida cura,  
 D'hum Panico terror todo assombrado,  
 So de seguillo o exercito procura  
 Sendo estes que fizeram tanto aballo,  
 Nomais que so sesenta de cauallo.

Logo segue a vittoria sem tardança,  
 O grão rei incansavel, ajuntando  
 Gentes de todo o reino, cuja vsança  
 Era andar sempre terras conquistando,  
 Cercar nay Badajoz, & logo alcança  
 O fim de seu desejo, pelejando  
 Com tanto esforço & arte, & valentia,  
 Que a fez fazer às outras companhia.

Mas o alto Deos, que para longe guarda  
 O castigo daquelle que o mereſce,  
 Ou para que ſe emende ás vezes tarda,  
 Ou por ſegredos que homem não conhece,  
 S' battêqui ſempre o forte rei reſguarda,  
 Dos perigos a que elle ſe offerreſce,  
 Agora lhe não deixa ter deſeſa  
 Da maldição da mãy que eſtaua preſa.

Qu' eſtando na cidade que cercára,  
 Cercado nella foy dos Lioneſes,  
 Porque a conquista della lhe tomára,  
 De Lião ſendo, & não dos Portugueſes:  
 A pertinacia aqui lhe cūſta cara,  
 Aſſi como acontece muitas vezes,  
 Que em ferros quebra as pernas, inda a ceſo  
 À batalha, onde foy vencido & preſo.

O famoso Pompeyo não te pene  
 De teus feitos illuſtres a ruyna,  
 Nem ver que a juſta Nemefis ordene  
 Ter teu ſogro de ti vittoria dina:  
 Poſto que o fria Phafis, ou Syene  
 Que pera nenhum cabo a ſombra inclina,  
 O Beotes gellado, & a linha ardente  
 Te meſſem o teu nome geralmente.

72.

Posto que a rica Arabia, & que os feroces  
 Eniochos, & Colchos, cuja fama  
 O veo dourado estende: & os Capadoces,  
 E ludea, que hum Deos adora & ama,  
 E que os molles Sophenos, & os atroces  
 Silicios, com a Armenia, que derrama  
 As agoas dos dous rios, cuja fonte  
 Está n'outro mais alto & santo monte.

73.

E posto em fim que desde mar de Atlante  
 Hattè o Scythico Tauro monte erguido  
 Ia vencedor te vissem, não te espante,  
 Se o campo Emathio sò te vio vencido:  
 Porque Affonso veras soberbo, & auante  
 Tudo render, & ser despois rendido,  
 Assi o quis o conselbo alto celeste,  
 Que vença o sogro ati, & o genro a este.

74.

Tornado o rei sublime finalmente,  
 Do diuino juyzo castigado,  
 Despois que em Santarem soberbamente  
 Em vão dos Sarracenos foy cercado:  
 E despois que do martyre Vicente  
 O santíssimo corpo venerado  
 Do sacro promontorio conhecido,  
 À cidade Vlysea foy trazido.

75.

Porque leuasse auante seu desejo,  
 Ao forte sil'ho manda o lasso velho  
 Que às terras se passasse d' Alentejo,  
 Com gente, & co belligero aparelho:  
 Sancho desforço & animo sobejo  
 Auante passa, & faz correr vermelho  
 O rio que Seuilha vay regando,  
 Co sangue Mauro, barbaro, & nefando.

76.

E com esta vitoria cobiçoso,  
 Ia não descansa o moço, hattè que veja  
 Outro estrago como este temeroso,  
 No barbaro, que tem cercado Beja:  
 Não tarda muito o principe ditoso,  
 Sem ver o fim daquillo que deseja,  
 Assi estragado o Mouro, na vingança  
 De tantas perdas poem sua esperança.

77.

Ia se ajuntão do monte a quem Medusa  
 O corpo fez perder que teue o cèo,  
 Là vem do promontorio de Ampelusa,  
 E do Tinge, que assento foy d' Anteo:  
 O morador de Abila não se escusa,  
 Que tambem com suas armas se moueo,  
 Ao som da Mauritana & rouca tuba,  
 Todo o reino que foy do nobre luba.

78.

Entraua com toda esta companhia,  
 O Miralmomini em Portugal,  
 Treze Reis Mouros leua de valia,  
 Entre os quaes tem o sceptro imperial:  
 E assi fazendo quanto mal podia,  
 O que em partes podia fazer mal,  
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,  
 Porem não lhe soccede muito bem.

79.

Dalhes combates asperos, fazendo  
 Ardis de guerra mil o Mouro yroso,  
 Não lhe approueita já trabuco horrendo,  
 Mina secreta, Ariete forçoso,  
 Porque o filho de Affonso não perdendo  
 Nada do esforço & acordo generoso,  
 Tudo prouè com animo & prudencia,  
 Qu' em toda a parte ha esforço & resistècia.

80.

Mas o velho a quem tinhão ja obrigado  
 Os trabalhosos annos ao soffego,  
 Estando na cidade cujo prado  
 Enuerdescem as agoas do Mondego,  
 Sabendo como o filho està cercado,  
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,  
 Se parte diligente da cidade,  
 Que não perde a presteza co a idade.

Eco a famosa gente à guerra usada,  
 Vay socorrer o fiho, & assi ajuntados  
 A Portuguesa furia costumada,  
 Em breue os Mouros tem desbaratados:  
 A campina que toda está coalhada  
 De marlotas, capuzes variados,  
 De cauallos, jaezes, presa rica,  
 De seus senhores mortos chea fica.

Logo tódo o restante se partio  
 De Lusitania, postos em fugida;  
 O Miralmomini sò não fugio,  
 Porque antes de fugir lhe fogue a vida:  
 A quem lhe esta victoria permittio,  
 Dão lououres & graças sem medida:  
 Que em casos tão estranhos claramente  
 Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaus  
 O velho Affonso, principe subido,  
 Quando quem tudo em fim vencendo andaua  
 Da larga & muita idade foi vencido:  
 A pallida doença lhe tocava  
 Com fria mão o corpo enfraquecido:  
 E pagaraõ seus annos deste geito  
 Aa triste Libitina seu decuto.

Os altos promontorios o chorarão,  
 E dos rios as agoas saudosas,  
 Os semeados campos allagaraõ,  
 Com lagrimas correndo piadosas:  
 Mas tanto pello mundo se alargaraõ  
 Com fama suas obras valerosas,  
 Que sempre no seu reino chamarão  
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficara  
 Imitando seu pay na valentia,  
 E que em sua vida já se experimentara,  
 Quando o Betis de sangue se tingia:  
 E o barbaro poder desbaratara,  
 Do Ismaelita rei de Andaluzia:  
 E mais quando os q̄ Beja em vão cercaraõ,  
 Os golpes de seu braço em si prouáraõ.

Despois que foy por rei alleuantado,  
 Auendo poucos annos que reinaua,  
 A cidade de Silues tem cercado,  
 Cujos campos o barbaro lauraua:  
 Foy das valentes gentes ajudado,  
 Da Germanica armada que passaua,  
 De armas fortes, e gente apercebida,  
 A recobrar ludea ja perdida.

Passavaõ ájudar na santa empresa,  
 O roxo Federico, que moueo  
 O poderoso exercito, em defesa  
 Da cidade onde Christo padefceo:  
 Quando Guido co a gente em sede acesa,  
 Ao grande Saladino se rendeo,  
 No lugar onde aos Mouros sobejauão  
 As agoas que os de Guido desejanão.

Mas a fermosa armada, que viera  
 Por contraste de vento áquella parte,  
 Sancho quis ajudar na guerra fera  
 Lá que em seruiço vay do santo Marte:  
 Assim como a seu pay acontecera  
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte  
 Do Germano ajudado Silues toma,  
 E o brauo morador destrue, & doma.

E se tantos tropheos do Mabometa  
 Aleuantando vay, tambem do forte  
 Liones não consente estar quieto  
 A terra vsada aos casos de Mauorte:  
 Hattè que na ceruiz seu jugo metta  
 Da soberba Tuy, que a mesma sorte  
 Vio ter a muitas villas suas vezinhas,  
 Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

90.

Mas entre tantas palmas salteado  
 Da temerosa morte, fica herdeiro  
 Hum filho seu de todos estimado,  
 Que foy segundo Affonso, & rei terceiro:  
 No tempo deste, aos Mouros foi tomado  
 Alcacere do sal por derradeiro:  
 Porque dantes os Mouros o tomaraõ,  
 Mas agora estruidos o pagaraõ.

91.

Morto despois Affonso, lhe soccede  
 Sancho segundo, manso, & descuidado,  
 Que tanto em seus descuidos se desmede,  
 Que d'outrem que mandaua era mandado:  
 De governar o reino que outro pede  
 Por causa dos priuados foy priuado,  
 Porque como por elles se regia,  
 Em todos os seus vicios consentia

92.

Não era Sancho não taõ deshonesto  
 Como Nero, que hum moço recebia  
 Por mulher, & despois horrendo incesto  
 Com a mãy Agrippina cometia:  
 Nem taõ cruel ás gentes & molesto,  
 Que a cidade queimasse onde viuia,  
 Nem taõ mao como foi Helio Gabalo,  
 Nem como o molle rei Sardapâlo.

Nem

Nem era o pouo seu tirannizado,  
 Como Sicilia foy de seus tyrannos,  
 Nem tinha como Phalaris achado  
 Genero de tormentos inhumanos:  
 Mas o reino altiuo & costumado  
 A senhores em tudo soberanos,  
 A rei não obedesce, nem consente,  
 Que não for mais que todos excellente.

Por esta causa o reino governou  
 O Conde Bolonbes, despois alçado  
 Por rei, quando da vida se apartou  
 Seu irvão Sancho, sempre ao ocio dado.  
 Este que Affonso o brauo se chamou,  
 Despois de ter o reino segurado,  
 Em dillatalo cuida, que em terreno  
 Não cabe o altiuo peito tão pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora  
 Em casamento dada, grande parte  
 Recupera co braço, & deita fora  
 O Mouro malquerido ja de Marte:  
 Este de todo fez liure & senhora  
 Lusitania, com força & bellica arte:  
 E acabou de oprimir a nação forte  
 Na terra que aos de Luso coube em sorte.

96.

Eis depois vem Dinis, que bem parece  
 Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,  
 Com quem a fama grande se escurece  
 Da liberalidade Alexandrina:  
 Co este o reino prospero floresce,  
 (Alcançada ja a paz aurea diuina)  
 Em constituições, leis, & costumes,  
 Na terra já tranquilla claros lumes.

97.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
 O valeroso officio de Minerva,  
 E de Helicon as Musas fez passar-se  
 A pisar de Mondego a fertil herua:  
 Quanto pode de Athenas desejar-se  
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua:  
 'Aqui as capellas da tecidas d'ouro,  
 Do baccaro, & do sempre verde louro,

98.

Nobres villas de nouo edificou,  
 Fortalezas, castellos mui seguros,  
 E quasi o reino todo reformou  
 Com edificios grandes, & altos muros:  
 Mas depois que a dura Atropos cortou  
 O fio de seus dias já maduros,  
 Ficoulhe o filho pouco obediente,  
 Quarto Affonso, mas forte, & excellentè:  
 Este

Este sempre as soberbas Castelhanas  
 Co peito desprezou firme & sereno;  
 Porque não he das forças Lusitanas  
 Temer poder maior por mais pequeno:  
 Mas porem quando as gentes Mauritanas  
 A possuir o Hesperico terreno  
 Entraraõ pellas terras de Castella,  
 Vay o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis gente tanta  
 Veo os campos Hydaspicos enchendo,  
 Nem Attila, que Italia toda espanta,  
 Chamandose de Deos açoute horrendo:  
 Gottica gente trouxe tanta, quanta  
 Do Sarraceno barbaro estupendo  
 Co poder excessiuo de Granada  
 Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Evendo o rei sublime Castelhanao  
 A força inexpugnabil, grande, & forte;  
 Temendo mais o fim do pouo Hispano,  
 Ia perdido hũa vez, que a propria morte,  
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
 Lhe mandaua a carissima consorte,  
 Molher de quem a manda, & filha amada  
 D'aquelle a cujo reino foi mandada.

102.

Entrava a fermosíssima Maria  
 Polos paternais paços sublimados,  
 Lindo o gesto, mas fora d'alegria,  
 E seus olhos em lagrimas banhados,  
 Os cabellos Angelicos trazia  
 Pellos eburneos ombros espalhados:  
 Diante do pai ledo que agasalha,  
 Estas palauras tais chorando espalha.

103.

Quantos pouos a terra produzio  
 De Africa, toda gente fera & estranha,  
 O gran rei de Marrocos conduzio  
 Para vir possuir a nobre Hespanha:  
 Poder tamanho junto não se vio,  
 Despois que o salso mar a terra banha,  
 Trazem ferocidade & furor tanto  
 Que a vivos medo, & a mortos faz espanto,

104.

Aquelle que me deste por marido,  
 Por defender sua terra amedrontada,  
 Co pequeno poder, offerecido  
 Ao duro golpe està da Maura espada:  
 E se não for contigo socorrido  
 Verme às delle & do reino ser prinada,  
 Viuva & triste, & posta em vida escura,  
 Sem marido, sem reino, & sem ventura.

Por

Por tanto ô rei, de quem com puro medo  
 O corrente Muluca se congella,  
 Rompe toda a tardança, acude cedo,  
 À miseranda gente de Castella:  
 S'esse gesto que mostras claro & ledo  
 De pay o verdadeiro amor affella,  
 'Accude, & corre pay, que se não corres  
 Pode ser que não aches quem soccorres.

Não d'outra sorte a timida Maria  
 Fallando está, que a triste Venus, quando  
 A Iupiter seu pay favor pedia,  
 Para Eneas seu filho, nauegando:  
 Que a tanta piedade o comouia,  
 Que caído das mãos o rayo infando:  
 Tudo o clemente padre lhe concede,  
 Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas já cos esquadrões de gente armada,  
 Os Eborenses campos vão coalhados,  
 Lustra co sol o arnes, a lança, a espada,  
 Vão rinchando os cauallos jaezados:  
 A canora trombeta embandeirada,  
 Os corações à paz acostumados  
 Vay às fulgentes armas incitando,  
 Polas concavidades retumbando.

108.

Entre todos no meio se sublima,  
 Das insignias reaes acompanhado,  
 O valeroso Affonso, que por cima  
 De todos leua o colo alevantado:  
 E somente co gesto esforça & anima  
 A qualquer coração amedrontado,  
 Assim entra nas terras de Castella,  
 Com a filha gentil rainha della.

109.

Juntos os dous Affonsos finalmente  
 Nos campos de Tarifa, estão defronte  
 Da grande multidão da cega gente  
 Pera quem são pequenos campo & monte:  
 Não ba peito tão alto & tão potente,  
 Que de desconfiança não se affronte,  
 Em quanto não conbesça & claro veja  
 Que co braço dos seus Christo peleja.

110.

Estão de Agar os netos quasi rindo,  
 Do poder dos Christaões fraco & pequeno,  
 As terras como suas repartindo,  
 Ante mão, entre o exercito Agareno:  
 Que com titulo falso possuindo  
 Está o famoso nome Sarraceno,  
 Assim tambem com falsa conta & nua,  
 Aa nobre terra alba chamaõ sua.

Qual

# OS LUSIADAS DE L. DE CA.

111.

Qual o membrudo & barbaro Gigante,  
Do rei Saul com causa tão temido,  
Vendo o pastor inerme estar diante,  
Sò de pedras & esforço apercebido:  
Com palauras soberbas o arrogante  
Despreza o fraco moço mal vestido:  
Que rodeando a funda o desengana  
Quanto mais pode a fe q a força humana.

112.

Dest' arte o Mouro perfido despreza  
O poder dos Christãos, & não entende  
Que està ajudado d'alta fortaleza  
A quem o inferno horrifico se rende:  
Coella o Castelbano & com destreza,  
De Marrocos o rei comete & offende,  
O Portugues que tudo estima em nada,  
Se faz temer ao reino de Granada.

113.

Eis as lanças & espadas retinião,  
Por cima dos arneses, brauo estrago,  
Chamão (segundo as leis que ali seguião)  
Hūs Mafamede, & outros santi' lago:  
Os feridos com grita o cèu ferião,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde outros meios mortos se afogauão,  
Quando do ferro as vilas escapauão.

114.

Comesforço tamanho estrue & matta,  
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,  
 Totalmente o poder lhe desbarata,  
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:  
 De alcançar tal vittoria tão barata,  
 Inda não bem contente o forte braço,  
 Vay ajudar ao brauo Castelbano,  
 Que pelejando está co Mauritano.

115.

Já se via o sol ardente recolhendo,  
 Pera a casa de Thetis, & inclinadò,  
 Pera o ponente o Hespero trazendo,  
 Estava o claro dia memorado.  
 Quãdo o poder do Mauro grãde & horêdo  
 Foi pelos fortes reis desbaratado,  
 Com tanta mortandade, que a memoria,  
 Nunca no mundo vio tão grão victoria.

116.

Não mattou a quarta parte o forte Mario,  
 Dos que morrerão neste vencimento,  
 Quando as agoas co sangue do aauersario,  
 Fez beber ao exercito sedento.  
 N. m. o Peno asperissimo contrario,  
 Do Romano poder de nascimento:  
 Quando tantos matou da illustre Roma,  
 Que alquires tres deaneis dos mortos toma

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

117.

E se tu tantas almas so podeste,  
 Mandar ao reino escuro de Cécito,  
 Quando a santa cidade desfizeste  
 Do pozo pertinaz no antigo rito:  
 Permissão & vingança foy celeste,  
 E não força de braço, o nobre Tito,  
 Que assi dos Vates foy profetizado,  
 E despois por I E S V certificado.

118.

Passada esta tão prospera vittoria,  
 Tornado Affonso aa Lusitana terra,  
 Aa se legrear da paz com tanta gloria,  
 Quanta soube ganhar na dura guerra,  
 O caso triste, & dino da memoria,  
 Que do sepulchro os homēs desenterra,  
 Aconteceo da miseria, & mez quinba  
 Que despois de ser morta foy rainha.

119.

Tu so, tu paro amor com força crua,  
 Qu os corações humanos tanto obriga,  
 Deste causa àa molesta morte sua,  
 Como se fora perfida inimiga:  
 Se dizem fero amor que a sede tua,  
 Nem com lagrimas tristes se mitiga:  
 E porque queres aspero & tirano  
 Tuas aras banhar em sangue humano.

120.

Estavas linda Ines posta em socego  
 De teus annos, coihendo doce fruto,  
 Naquelle engano d'alma, ledo & cego,  
 Qu'a fortuna não deixa durar muito.  
 Nos saudosos campos do Mondego,  
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
 Aos montes insinuando, & às heruinhas  
 O nome que no peito escripto tinhas.

121.

Do teu principe alli te respondião,  
 As lembranças que na alma lhe morauão,  
 Que sempre ante seus olhos te trazião,  
 Quando dos teus fermosos se appartauão.  
 Denoite em doces sonhos, que mentião,  
 De dia em pensamentos que voauão  
 E quanto em fim cuidava, & quanto via,  
 Eraõ tud, memorias d'alegria.

122.

D'outras bellas senhoras, & princezas,  
 Os desejados thalamos engeita,  
 Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,  
 Quando hum gesto suaue te soggeita:  
 Vendo estas namoradas estranhezas,  
 O velho pay jesudo, que respeita  
 O murmurar do pouo, & a phantasia  
 Do filho, que casarse não queria:

OS LYSIADÁS DEL. DE CA.

123.

Tirar lues ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co sangue sò da morte indina,  
Mittar do firme amor o fogo aceso:  
Que furor consentio, que a espada fina,  
Que pude sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse alleuanta la,  
Contra hũa fraca dama delicada?

124.

Traziaõ a os horrificos algozes,  
Ante o rei, ja moído a piedade:  
Mas o pouo com falsas, & ferozes  
Razões, aa morte crua o persuade:  
Ella com tristes & piadulas vozes,  
Saidas sò da magoa, & saudade  
Do seu principe, & filhos que deixaua,  
Que mais que a propria morte a maguana.

125.

Pera o cèo cristalino alleuando,  
Com lagrimas os olhos piedosos,  
Os olhos, (porque as mãos lhe estava atado,  
Hum dos du os ministros rigurosos.)  
E despois nos mininos attentando,  
Que tão queridos tinha, & tão mimosos,  
Cuja orfandade como mãy temia,  
Pera o aúo cruel assi dizia.

Se já nas brutas feras, cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento,  
 E nas aves agrestes, que somente  
 Nas rapinas acrias tem o intento.  
 Com pequenas crianças vio a gente,  
 Terem tão piadoso sentimento,  
 Como co a mãy de Nino ja mostrãõ,  
 E cos irmãos que Roma edificarão.

O tu que tês de humano o gesto & o peito  
 ( Se ae humano he, mattar hũa donzella  
 Fraca & sem força, sò por ter soggeito  
 O coração, a quem soube vencella. )  
 A estas criançinhas tem respeito,  
 Pois o não tês âa morte escura della,  
 Mouate â piedade sua & minha,  
 Pois te não moue a culpa que não tiuha.

E se vencendo a Maura resistencia,  
 A morte sabes dar com fogo & ferro,  
 Sabe tambem dar vida com clemencia,  
 A quem pera perdilla não fez erro:  
 Mas se to assi mereſce esta iuuccencia,  
 Poem me em perpetuo & misero deſterro,  
 Na Scythia fria, ou la na Lybia ardente,  
 Onde em lagrimas viua eternamente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

129.

Poem me onde se vſe toda a feridade,  
 Entre Liões, & Tigres, & verey  
 Se nelles achar posso a piedade  
 Qu'entre peitos humanos não achey:  
 Alli co amor intrinſeco & vontade,  
 N'aquelle por quem mouro, criarey  
 Estas reliquias suas que aqui viſte,  
 Que refrigerio sejam da mãy triste.

130.

Queria perdoarlhe o rei benino,  
 Mouido das palauras que o magoão:  
 Mas o pertinaz pouo, & ſeu deſtino  
 ( Que deſta ſorte o quis ) lhe não perdoarõ.  
 Arrancaõ das espadas de aço fino,  
 Os que por bom tal feito alli apregoão,  
 Contra hũa dama, õ peitos carniceros  
 Feros vos amoſtrais, & caualleiros?

131.

Qual contra a linda moça Policena,  
 Conſolação extrema da mãy velha,  
 Porque a ſombra de Achilles a condena,  
 Co ferro o duro Pyrrro ſe aparelha:  
 Mas ella os olhos com que o ar ſerena,  
 ( Bem como paciente, & manſa ouelha )  
 Na miſera mãy poſtos, que endoudeçe.  
 Ao duro ſacrificio ſe offereçe.

132.

Tais contra Ines os brutos mattadores,  
 Não collo de alabastro, que sostinha  
 As obras com que amer mattou de amores  
 Aquelle que despois a fez rainha:  
 As espadas banhando, & as brancas flores,  
 Qu'ella dos olhos seus regadas tinha,  
 S'encarniçação; feruidos & yrosos,  
 No futuro castigo não cuidadosos.

133.

Bem poderas, ô sol, da vista destes  
 Teus rayos apartar aquelle dia,  
 Como da seua mesa de Tyestes,  
 Quando os filhos por mão de Atreu comia:  
 Vos, ô concaus vales que poderdes,  
 A voz extrema ouuir da boca fria,  
 O nome do seu Pedro que lhe ouuistes,  
 Por muito grande espaço repetistes.

134.

Assi como a bonina que cortada,  
 Antes do tempo foy, candida & bella,  
 Sendo das mãos lasciuas mal trattada,  
 Da minina que a trouxe na capella:  
 O cheiro traz perdido, & a cor murchada.  
 Tal está morta a pallida donzella,  
 Seccas do rosto as rosas, & perdida  
 A branca & viuacor, co a doce vida.

CSLVSIADAS DEL. DE CA.

135.

As filhas do Mondego, a morte escura  
Longo tempo chorando memoraraõ,  
E por memoria eterna em fonte pura  
As lagrimas choradas transformarãõ:  
O nome lhe poseraõ, qu'inda dura,  
Dos amores de Ines que alli passarãõ  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas saõ a agoa, & o nome amores.

136.

Não correo muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Qu'em tomando do reino à governança,  
A tomou dos fugidos homicidas:  
D'outro Pedro cruissimo os alcança,  
Qu'ambos inuigos das humanas vidas,  
O concerto fizeraõ duro & injusto,  
Que cõ Lepido, & Antonio fez Augusto.

137.

Este castigador foy riguroso,  
De latrocinios, mortes & adulterios,  
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,  
Eraõ os seus mais certos refrigerios:  
As cidades guardando justicozo,  
De todos os soberbos vituperios,  
Mais ladrões castigando âa morte deu,  
Que o vagabundo Alcides, ou The seu.

Do justo

137.

Do justo & duro Pedro nasce o brando  
 (Vede da natureza o desconcerto)  
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando,  
 Que todo o reino pos em muito aperto.  
 Que vindo o Castelhana deuastando  
 As terras sem defesa, esteve perto  
 De destruirse o reino totalmente,  
 Que hum fraco rei faz fraca a forte gente.

138.

Ou foy castigo claro do peccado,  
 De tirar Lianor à seu marido,  
 E casar se co ella d'enleuado,  
 Nã falso parecer mal entendido:  
 Ou foy que o coração soggeito, & dado  
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,  
 Molle se fez, & fraco, & bem parece  
 Que hum baxo amor os fortes enfraquesce.

139.

Do peccado teuerão sempre a pena  
 Muitos, que deos o quis, & permittio:  
 Os que forão roubar a bella Helena,  
 E com Apio tambem Tarquino o vio:  
 Pois por quem David santo se condena?  
 Ou quem o tribu illustre destruiu  
 De Benjamim? bem claro o loo insina,  
 Por Sarra Pharao Syehem por Dina.

E pois

E pois se os peitos fortes enfraquesce,  
 Hum inconcesso amor desatinado,  
 Bem no filho de Almena se parece,  
 Quando em Omfale andava transformado.  
 De Marco Antonio a fama se escuresce,  
 Com ser tanto à Cleopatra affiçoado:  
 Tu tambem Peno prospero o sentiste,  
 Despois que a moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar se por ventura,  
 Dos laços que amor arma brandamente  
 Entre as rosas & a neve humana pura,  
 O ouro, & o alabastro transparente?  
 Quem de hũa peregrina fermosura  
 D'hum vulto de Medusa propriamente  
 Qu' o coração conuerte que tem preso,  
 Em pedra não: mas em desejo aceso.

Quem vio hum elhar seguro, hũ gesto brando,  
 Hũa suaue & angelica excellencia  
 Qu' em si eslà sempre as almas trãformãdo  
 Que tiuesse contra ella resistencia:  
 Desculpado por certo eslà Fernando,  
 Pera quem tem de amor experiencia:  
 Mas antes tendo liure a phantasia,  
 Por muito mais culpado o julgaria.

1.

## Quanto Quarto:



Es pois de procellosa tē  
 pestade,  
 Nocturna sombra, & sibi-  
 lante vento,  
 Traz a manhaã serena cla-  
 ridade,

Esperança de porto, & saluamento:  
 Aparta o sol a negra escuridade,  
 Remouendo o temor ao pensamento:  
 Assi no reino forte aconteceo,  
 Despois que o rei Fernando falleceo.]

2.

Porque se muito os nossos desejarão,  
 Quem os danos & offensas vã vingando,  
 N'aquelles que tãbem s'aproueitaraõ,  
 Do descuido remisso de Fernando.  
 Despois de pouco tempo alcançaraõ,  
 Ioanne sempre illustre allenantando  
 Por rei, como de Pedro vnico herdeiro  
 (Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto

## OS LVSIADAS DEL. DECA.

3.

Ser isto ordenação dos cèos diuina,  
Por sinais muito claros se mostrou  
Quando em Euora a voz d'bũa minini,  
Ante tempo falando o nomeou:  
E como cousa em fim que o cêo destina,  
No berço o corpo, & a voz alleuantou,  
Portugal, Portugal, alçando a mão  
Disse, pello rei nouo Dom Ião.

4.

Alteradas então do reino as gentes,  
Co odio que occupado os peitos tinha,  
Absolutas cruzas, & euidentes  
Faz do pouo o furor por onde vinha.  
Mattando vão amigos & parentes,  
- Du adultero conde, & da rainha,  
Com quem sua incontinencia desho nesta  
Mais, despois de viuua, manifesta.

5.

Ma: elle em fim com causa deshonrado,  
Diante della á ferro frio morre,  
De outros muitos na morte acompanhado  
Que tudo o fogo erguido queima & corre:  
Quem como Astiana precipitado  
( Sem lhe valerem ordês ) de alta torre  
A quem ordês, nem aras, nem respeito,  
Quem nu por ruas & em pedaços feito.

Podese

6.

Podense por em longo esquecimento,  
 As cruzas mortais que Roma vio  
 Feitas do feroz Mario, & do cruento  
 Syla, quando o contrario lhe fogio:  
 Por isso Lianor, que o sentimento  
 Do morto conde ao mundo descobrio,  
 Faz contra Lusitania vir Castella,  
 Dizendo ser sua filha herdeira della.

7.

Beatriz era a filha, que casada  
 Co castelhano está, que o reino pede,  
 Por filha de Fernando reputada,  
 Se a corrompida fama lho concede.  
 Com esta voz Castella allenantada,  
 Dizendo que esta filha ao pay succede:  
 Suas forças ajunta pera as gneras  
 De varias regiões & varias terras.

8.

Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,  
 (Se foy) ja teue o nome diriuado  
 Das terras que Fernando, & que Rodrigo  
 Ganharão do tyrano & Mauro estado.  
 Não estimão das armas o perigo,  
 Os que cortando vão co duro arado  
 Us campos Lioneses, cuja gente,  
 Cos Mouros foi nas armas excellente.

# OS LVSIADAS DE L. DE C. A.

9.

Os Vandalos, na antiga valentia  
Ainda confiados, se ajuntauão  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Guadalquivir as agoas lauão.  
A nobre ilha tambem se apercebia,  
Que antigamente os Tírios habitauão:  
Trazendo por insignias verdadeiras  
As Herculeas columnas nas bandciras.

10.

Tambem vem la do reino de Toledo,  
Cidade nobre & antiga, áa quem cercando  
O Tejo em torno v.ay suaue & ledó,  
Que das ferras de Conca vem manando:  
A vos outros tambem não tolhe o n.edo,  
Os fardidos Gallegos, duro brandó,  
Que pera resistirdes, vos armastes,  
Aaquelles, cujos golpes já prouastes.

11.

Tambem mouem da guerra as negras furias,  
A gente Bizcainha, que carece  
De polidas razões, & que as injurias  
Muito mal dos estranhos compadesce:  
A terra de Guipuscua, & das Asturias  
Que com minas de ferro s'ennobresce,  
Armou d'elle, os soberbos mattadores,  
Para ajudar na guerra à seus senhores.

12.

Ieanê, daquem do peito o esforço cresce,  
 Como a Sansão Hebreo da guedelha,  
 Posto que tudo pouco lhe parece  
 Cos poucos de seu reino se aparelha.  
 E não por que conselho lhe falece,  
 Cos principaes senhores se aconselha:  
 Mas sô por ver das gentes as sentenças,  
 Que sempre ouue entre muitos differenças.

13.

Não falta com razões quem desconcerte,  
 Da opinião de todos, na vontade,  
 Em quem o esforço antigo se conuerte,  
 Em desusada & ma deslealdade.  
 Podendo o temor mais, gelado, incerte  
 Que a propria & natural fidelidade,  
 Negaõ o rei & a patria, & se conuem  
 Negação, como Pedro, o deos que tem.

14.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,  
 No forte dom Nuno Aluerez: mas antes  
 Posto que em seus irmãos tão claro o visse,  
 Reprouando as vontades inconstantes:  
 A aquellas duuidosas gentes disse,  
 Compalauras mais duras que elegantes,  
 A mão na espada irado, & não facundo,  
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

# OS LYSIADAS DE L. DE C.A.

15.

Como, da gente illustre Portuguesa,  
Hã de auer quem refuse o patria Marte?  
Como, desta prouincia que princesa  
Foy das gentes na guerra em toda parte,  
Ha de sair quem negue ter defesa,  
Quem negue a feè, o amor, o esforço, & arte  
De Portugues, & por nenhum respeito  
O proprio reino queira ver soggeito?

16.

Como, não sois vos inda os descendentes  
Daquelles, que de baixo da bandeira,  
Do grande Henriquez, feros & valentes  
Vencestes esta gente tão guerreira?  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,  
Poserão em fugida, de maneira,  
Que sette illustres condes lhe trouxerão  
Presos, afora a presa que tiuerão?

17.

Com quem forão contino sopeados  
Estes de quem o estais agora vos,  
Por Dinis & seu filho, sublimados  
De não cos vossos fortes pais & auôs?  
Pois se com seus descuidos, ou peccados,  
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,  
Torne vos vossas forças o rei nouo,  
Se be certo que co rei se muda o pouo.

18.

Rei tendes tal, que se o valor teuerdes  
 Igoal ao rei que agora alleuantastes,  
 Desbaratareis tudo o que quiserdes,  
 Quanto mais â quem já desbaratastes:  
 E se com isto em fim vos não mouerdes,  
 Do penetrante medo que tomastes,  
 Atay as mãos a vosso vão receio,  
 Que eu so resistirey àò jugo alheo.

19.

Eu sò com meus vassallos, & com esta,  
 ( E dizendo isto arranca mea espada )  
 Defenderey da força dura, & infesta  
 A terra nunca d'outrem sojugada.  
 Em virtude do rei, da patria mesta,  
 Da lealdade ja por vos negada,  
 Vencerey ( não so estes aduersarios: )  
 Mas quantos a meu rei forem contrarios.

20.

Bem como entre os mançebos recolhidos,  
 Em Camisio, reliquias sos de Canas,  
 Là pera se entregar quasi mouidos  
 Aa fortuna das forças affricanas:  
 Cornelio moço os faz, que compellidos  
 De sua espada jurem, que as Romanas  
 Armas, não deixarão em quanto a vida  
 Os não deixar, ou nellas for perdida.

OS LYSIADÁS DE L. DE CA.

21.

Destarte a gente força, & esfoça Nuno,  
Que com lhe ouir as vltimas razões  
Remouem o temor frio importuno,  
Que gelados lhe tinha os corações:  
Nos animais caualgão de Neptuno,  
Brandindo, & volteando arremessoes,  
Vão correndo & gritando a boca aberta,  
Tiua o famoso rei que nos liberta.

22.

Das gentes populares, hús approuão  
A guerra com que a patria se sostinha,  
Hús as armas alimpão & renouão,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:  
Capacetes estofão, peitos prouão,  
Armase cada hum como conuinha,  
Outros fazem vestidos de mil cores,  
Com letras & tenções de seus amores.

23.

Com toda esta lustrosa companhia,  
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,  
Abrantes, que tambem da fonte fria  
Do Tejo logra as agoas abundantes.  
Os primeiros armigeros regia  
Quem pera reger era os muy possantes,  
Orientais exercitos, sem conto,  
Com que passaua Xerxes o Helesponto.

24.

Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro  
 Açoute de soberbos Castelhanos,  
 Como ja o fero Huno o foy primeiro  
 Para Franceses, para Italianos,  
 Outro tambem famoso caualleiro,  
 Que a ala derecha tem dos Lusitanos,  
 Apto pera mandalos, & regellos,  
 Men Rodriguez se diz de Vasconcellos.

25.

E da outra ala que á esta corresponde,  
 Antão vazquez d' Almada he Capitão,  
 Que despois foy de Abranches nobre cõde,  
 Das gentes vay regendo a sestra mão.  
 Logo na retaguarda não se esconde,  
 Das quinas & castellos o pendão,  
 Com loanne rey forte em toda parte,  
 Que escurecendo o preço vay de Marte.

26.

Estauão pelos muros temerosas,  
 E d'hum alegre medo quasi frias,  
 Rezãdo as mais, irmãs, damas, & esposas,  
 Promettendo jejús, & romarias:  
 Ia chegão as esquadras bellicosas,  
 Defronte das imigas compãdas,  
 Que com grita grandissima os concedem,  
 Etodas grande duuida concedens.

Respondem as trombetas mensageiras,  
 Pisaros sibilantes, & atambores,  
 Alferezes volteão as bandeiras,  
 Que variadas são de muitas cores:  
 Era no secco tempo, que nas eiras  
 Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
 Entra em Astrea o sol, no mes de Agosto,  
 Bacho das vuas tira o doce mosto.

Deu sinal a trombeta Castellhana,  
 Horrendo, fero, ingente, & temeroso,  
 Ouio o o monte Artabro, & Guadiana,  
 À tras tornou as ondas de medroso:  
 Ouio o Douro, & a terra Transtagana,  
 Correo ao mar o Tejo duuidoso:  
 E as mãis que o som terribil escuitarão,  
 Aos peitos os filbinhos apertarão.

Quantos rostos alli se vem sem cor,  
 Que ao coração acode o sangue amigo,  
 Que nos perigos grandes, o temor,  
 He mayor muitas vezes que o perigo.  
 E se a não he, pareseo, que o furor  
 D'offender, ou vencer o duro immigo,  
 Faz não sentir, que he perda grãde & rara.  
 Dos membros corporais da vida cara.

30.

Começase a trauar a incerta guerra,  
 D'ambas partes se meue a primeira ala,  
 Hús leua a defensão da propria terra,  
 Outros as esperanças de gauballa:  
 Logo o grande Pereira em quem s'encerra  
 Todo o valor, primeiro se aasmala  
 Derriba, & encôtra, & a terra é fim semea  
 Dos que a tanto deseção, sendo alhea,

31.

Iá pelo espesso ar, os estridentes  
 Farpões, settas, & varios tiros voão,  
 Debaxo dos pès duros dos ardentes  
 Caualllos, treme a terra, os valles soão:  
 Espedação se as lanças, & as frequentes  
 Quedas, co as duras armas tudo atroão,  
 Recreçem os immigos sobre a pouca  
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

32.

Eis alli seus yrmãos contra elle vão,  
 ( Caso feo & cruel ) mas não se espanta,  
 Que menos he querer mattar o yrmão,  
 Quem contra o rei & a patria s'aleuanta.  
 Dos que ousarão seguiilos muitos saõ,  
 No primeiro esquadrão, que se adianta,  
 Contra yrmãos & parentes ( caso estranho )  
 Quaes nas guerras ciuis de Iulio Magno.

O tu Sertorio, ò nobre Coriolano  
 Catiina, & vos outros dos antigos,  
 Que contra vossas patrias, com profano  
 Coração, vos fizestes inimigos:  
 Se lá no reino escuro de Sumano  
 Receberdes grauisimos castigos  
 Dizeilhe que tambem dos Portugueses  
 Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,  
 Tantos dos inimigos a elles vão:  
 Esta alli Nuno, qual pellos outeiros  
 De Ceita esta o fortissimo Lião.  
 Que cercado se ve dos caualleiros  
 Qu'os campos vão correr de Tutuão,  
 Perseguem no co as lanças, & elle irroso  
 Toruado hũ pouco está, mas não medroso.

Com torua vista os ve, mas a natura  
 Ferina, & a ira não lhe compadescem  
 Qu'as costas uê, mas antes na espessura  
 Das lanças se arremessa, que recrescem:  
 Tal está o caualleiro que a verdura  
 Tinge co sangue albeo, alli perescem  
 Algũs dos seus, que o animo valente  
 Perde a virtude contra tanta gente.

36.

Sentio loane a affronta que possaua  
 Nuno, que como sabio capitão,  
 Tudo corria, & via, & à todos daua  
 Com presença & palauras coraçao:  
 Qual parida Lioa fera & braua  
 Que os filhos que no ninho sòs estão  
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscara,  
 O pastor de Massilia lbs furtara.

37.

Correrai uosa, & freme, & com bramidos  
 Os montes setteirniãos atroa & abala,  
 Tal loane com outros escolhidos  
 Dos seus, correndo acode àa primeira ala.  
 O fortes companheiros, o subidos  
 Caualleiros, a quem nenhum se ygoala,  
 Defendey vossas terras que a esperança  
 Da liberdade, està na vossa lança.

38.

Vedes me aqui, rei vosso, & companheiro  
 Que entre as lanças & settas, & os arneses  
 Dos inimigos corro, & vou primeiro  
 Pelejay verdadeiros Portugueses.  
 Isto disse o magnanimo guerreyro  
 E sopesando a lança quatro vezes,  
 Com força tira & desfe vnico no  
 Muytos lançarão o vltimo suspiro.

Por que eis os seus acesos nouamente  
 D'hũa n. bre vergonha & honroso fago  
 Sobre qual mais com animo valente,  
 Perigôs vencerá, do Marcio j. go  
 Porfião: tingeo ferro o sangue ardente  
 Rompem malhas primciro, & peitos logo  
 Assim recebem junto & dão feridas  
 Como a quem ja não doc perder as vidas.

**A** muitos mandão ver o Stygio lago  
 Em cujo corpo a morte, & o ferro extrana  
 O mestre morre alli de Sant' iago  
 Que fortissimamente pelejaua  
 Morre tambem, fazendo grande estrago  
 Outro mestre cruel de Calatraua  
 E os ingratos Pereiras, que podeaão  
 Armar se contra a terra, onde nasceraão.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome  
 Vão, & tambem dos nobres ao profundo  
 Onde o trisauce Cão perpetua fome  
 Tem, das almas que passaão deste mundo  
 E por que mais aqui se amanse & dome  
 A soberba do imo f. arribundo,  
 A sublime bandeira Castelhana  
 Foy derribada aos pés da Lusitana.

42.

Aqui a fera batalla se encruvesce  
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas  
 A multidão da gente que peresce  
 Tem as flores da propria cor mudadas:  
 Lá as costas dão & as vidas: já falece  
 O furor, & sobejão as lançadas,  
 Lá de Castella o rei desbaratado  
 Se vee, & de seu proposito mudado.

43.

O campo vay deixando ao vencedor  
 Contente de lhe não deixar a vida  
 Seguem no os que ficarão, & o temor  
 Lhe dá não pès, mas asas àa fugida:  
 Encobrem no profundo peito a dor  
 Da morte, da fazenda despendida,  
 Da magoa, da deshonra, & triste nojo  
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

44.

Algus vão maldizendo & blasfemando  
 Do primeyro que guerra fez no mundo  
 Outros a sede dura vão culpando  
 Do peito cobiçoso & sitibundo:  
 Que por tomar o albeo, o miserando  
 Pouo aventura àas penas do profundo  
 Deixando tantas mais, tantas espulas  
 Sem filhos, sem maridos desditos/as.

# OS LVSIADAS DE L. DE CA.

45.

O vencedor Ioanne esteue os dias  
Costumados no campo, em grande gloria  
Com effertas despois, & romarias  
As graças deu à quem lhe deu vittoria:  
Mas Nuno que não quer por outras vias,  
Entre as gentes deixar de si memoria  
Se não por armas sempre soberanas  
Para as terras se passa Trãstaganas.

46.

Ajudao seu destino de maneira  
Que fez igoal o effeito ao pensamento,  
Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o despojo & o vencimento.  
Iã de Seuilha a Betica bandeira  
E de varios senhores n'ũ momento  
Selhe derriba aos pès sem ter defesa  
Obrigados da força Portuguesa.

47.

Deſtas & outras vittorias longamente  
Erão os castelhanos opprimidos  
Quando a paz desejada já da gente  
Derão os vencedores áos vencidos:  
Despois que quis o Padre omnipotente  
Dar os reis inimigos por maridos  
Aas duas illustrissimas Inglesas  
Gentis, fermosas, inclytas princeſas.

Não

48.

Não sofre o peito forte vsado áa guerra  
 Não ter imigo já á quem faça dano,  
 E assi não tendo a quem vencer na terra  
 Vay cometer as ondas do Oceano:  
 Este he o primeiro rei que se desterra  
 Da patria, por fazer que o Africano,  
 Conhesça pollas armas, quanto excede  
 A lei de Christo áa lei de Masamede.

49.

Eis mil nadantes aues pello argento  
 Da furiosa Tethis inquieta,  
 Abrindo as pandas alas vão ao vento  
 Pera onde Alcides pos a extrema meta:  
 O monte Abila, & o nobre fundamento  
 De Ceita toma, & o torpe Mahomet a  
 Deita fora, & segura toda Hespanha  
 Da Iuliana, má, & desleal manha.

50.

Não consentio a morte tantos annos  
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse  
 Portugal, mas os coros soberanos:  
 De cêo supremo, quis que pouoa e:  
 Mas pera defenção dos Lusitanos  
 Deixou quem o leuou, quem governasse;  
 E áumentasse a terra mais que d'ntes  
 Inchyta geragão altos Infantes.

Nãõ

# OS LYSIADAS DE L. DE CA.

51.

Não foy do rey Duarte taõ ditoso  
O tempo que ficou na summa alteza,  
Que assi vay alternando o tempo irroso  
E bem co mal, o gosto co a tristeza:  
Quem vio sempre hum estado deleitoso?  
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?  
Pois inda neste reino, e neste rei  
Nao vsou ella tanto desta lei.

52.

Vio ser catiuo o santto irmaõ Fernando  
Que a taõ altas empresas aspiraua  
Que por saluar o pouo miserando  
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:  
Sò por amor da patria estã passando  
A vida de senhora feyta escrava,  
Por não se dar por elle ha forte Ceita  
Mais o pubrico bem que o seu respeita.

53.

Codro porque o inimigo não vencesse,  
Deixou antes vencer da morte a vida,  
Regulo porque a patria não perdesse,  
Quis mais a liberdade ver pidida:  
Este porque se Hespanha não temesse  
A cattiveiro eterno se conuida:  
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto  
Nem os Decios leais fizerão tanto.

Mas

54.

Mas Affonso do reino vnico herdeiro,  
 Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia  
 Que a soberba do barbaro fronteiro,  
 Tornou em baxa & humillima miseria.  
 Fora por certo inuidto caualleiro,  
 Se não quiser a yr ver a terra Iberia:  
 Mas Africa dira ser impossivel,  
 Poder ninguem vencer o rei terribil.

55.

Este pode colher as maçãs de ouro.  
 Que somente o Terinthio colher pode,  
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,  
 Aceruiz inda agora não sacode:  
 Na frente a palma leua, & o verde louro,  
 Das vittorias do barbaro, que acode  
 A defender Alcaçer forte villa,  
 Tangere populoso, & a dura Arzilla.

56.

Porem ellas em fim por força entradas,  
 Os muros abaxarão de Diamante,  
 Aas Portuguesas forças costumadas,  
 Aderribarem quanto achão diante,  
 Marauilhas em armas estremadas,  
 E de escriptura dinas elegante,  
 Fezerão caualleiros nesta empresa  
 Mais, affinando a fama Portuguesa.

Porem.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

57.

Porem despois tocado d' ambição,  
E gloria de mandar amara & bella,  
Vay cometter Fernando de Aragoão,  
Sobre o potente reino de Castella,  
Ajuntase a inimiga multidão,  
Das soberbas & varias gentes della,  
Desde Caliz ao alto Perineo,  
Que tudo ao rei Fernando obedeceo.

58.

Naõ quis ficar nos reinos occioso,  
O mancebo loanne, & logo ordena  
De ir ajudar o pay ambicioso,  
Que entãõ lhe foy ajuda naõ pequena.  
Saiose em fim do trançe perigoso,  
Com fronte naõ tornada, mas serena  
Desbaratado o pay sanguinolento:  
Mas ficou dunidojo o vencimento.

59.

Porque o filho sublime & soberano,  
Gentil, forte, animoso cavalleiro,  
Nos contrarios fazendo immenso danno,  
Todo hum dia ficou no campo inteiro.  
Desta arte foy vencido Octauiano,  
E Antonio vencedor seu companheiro,  
Quando d'quelles que Cesar mattarãõ  
Nos Philipicos campos se vingãrãõ.

Porem

60.

Porem despois que a escura noite eterna,  
 Assonso apousentou no cêo sereno,  
 O principe que o Reino entãõ gouerna,  
 Foy Ioanne segundo, & rei terzeno:  
 Este por auer fama sempiterna,  
 Mais do que tentar pode homem terreno  
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora  
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

61.

Manda seus mensageiros que passarão  
 Hespanha, França, Italia celebrada,  
 E lá no illustre porto se embarcarão,  
 Onde ja foy Parthenope enterrada.  
 Napoles onde os fados se mostrarão,  
 Fazendo a â varias gentes subjugada,  
 Pola illustrar no fim de tantos annos,  
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

62.

Polo mar alto Siculo nauegão,  
 Vaõ se aas praias de Rhodes arenosas,  
 E d'alli àas ribeiras altas chegaõ,  
 Que com morte de Magno saõ famosas:  
 Vaõ a Menphis, & àas terras que se regaõ,  
 Das enchentes Niloticas vndosas,  
 Sobem àa Ethiopia, sobre Egytto,  
 Que de Christo la guarda o sancto rito.

Passam

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

63.

Passão tambem as ondas Eryhtreas,  
Qu'o pouo de Israel sem nao passou,  
Ficão lbe a tras as serras Nabateas,  
Qu'o filbo de Ismael co nome ornou:  
'As costas odoriferas Sabeas,  
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,  
Cercão, com toda a Arabia descuberta  
Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

64.

Entrão no estreito Persico, onde dura  
Da confusa Babel, inda a memoria,  
'Alli co Tigre o Eufrates se mestura,  
Qu'as fontes onde nascem tem por gloria:  
Dalli vão em demanda d' agoa pura,  
Que causa inda serã de larga historia  
Do Indo, pellas ondas do Occeano,  
Onde não se atreueo passar Trajano.

65.

Virão gentes incognitas, & estranhas  
Da India, da Carmania, & Gedrosia,  
Vendo varios costumes, varias manhas  
Que cada Região produz e cria.  
Mas de vias tão asperas, tamanhas  
Tornarse facilmente não podia,  
Lá morreraõ em fim, & la ficãraõ.  
Que áa desejada patria não tornãraõ

Parece

66.

Parese que guardava o claro cèo  
 Aa Manoel, & seus merecimentos,  
 Esta empresa tão ardua, que o moneo  
 A subidos & illustres moviementos:  
 (Manoel, que a loane succedeo  
 No reino, & nos altiuos pensamentos)  
 Logo como tomou do reino cargo  
 Tomou mais a conquista do mar largo.

67.

O qual, como do nobre pensamento  
 D' aquella obrigação, que lhe ficára  
 De seus antepassados, ( cujo intento,  
 Foy sempre accrescentar a terra chara)  
 Não deixasse de ser hum sò momento  
 Conquistado: no tempo que a luz clara  
 Foge, & as estrellas nitidas que saem  
 A repouso conuidão, quando caem.

68.

Estando ja deitado no aureo leito  
 Onde ymaginações mais certas são,  
 Reuoluendo contino no conceito  
 De seu officio, & sangue a obrigação.  
 Os olhos lhe occupou o sonno accito  
 Sem lhe desoccupar o coração,  
 Por que tanto que lasso se a dormesce  
 Morfeo em varias formas lhe apparece.

K

Aqui

OS LYSIADAS DE L. DE CAI

69.

Aqui se lhe appresenta que subia  
Tão alto que tocava áa prima sphaera,  
Donde diante varios mundos via  
Nações de muita gente estranha, & feras:  
Elà bem junto donde nasce o dia  
Despois que os olhos longos estendera,  
Vio d'antiguos longinquos & altos mōtes  
Nascerem duas claras & altas fontes.

70.

Aues agrestes, feras & alimarias  
Pello monte seluatico habitauão,  
Mil aruores syluestres & heruas varias  
O passo & o tratto áas gentes atalbauão:  
Estas duras montanhas aduersarias  
De mais conuersação, por si mostrauão  
Que desque Adão peccou aos nossos annos  
Não as romperão nunca pès humanos.

71.

Das agoas se lhe antolha que saião  
Por elle os largos passos inclinando,  
Dous homēs, que muy velhos parecião  
De aspecto, inda que agreste, venerando:  
Das pontas dos cabellos lhe saião  
Gottas, que o corpo todo vão banhando,  
A cor da pelle baça & denegrada  
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

Dambos

72.

D'ambos de dous a fronte coroada  
 Ramos não combescidos & heruas tinha,  
 Hum delles a presença traz cansada  
 Como quem de mais longe alli caminha.  
 E assi a agaa com impito alterada  
 Parecia que d'outra parte vinha,  
 Bem como Alfeo d' Arcadia em Syracusa  
 Vay buscar os abraços de Arehtusa.

73.

Este que era o mais graue na pessoa  
 Dest' arte pera o rei de longe brada:  
 O tu á cujos reinos & coroa  
 Grande parte do mundo está guarda.  
 Nos outros, cuja fama tanto voa  
 Cuja ceruiz bem nunca foy domada,  
 Te auisamos que he tempo que ja mandes  
 Arceber de nos tributos grandes.

74.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
 Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
 Est' outro he o Indo rey que nesta serra  
 Que vês, seu nacimiento tem primeiro:  
 Custart'emos com tudo duraguerra,  
 Mas insisti do tu por derradeiro,  
 Com não vistas vittorias, sem receo  
 A quantas gentes vês poras o freo;

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

75.

Não disse mais o rio illustre & santo,  
Mas ambos desaparecem n'hum momento;  
Acorda Emanuel cum nouo espanto  
E grande alteração de pensamento:  
Estendeo nisto Phebo o claro manto  
Pelio escuro Hemispherio somnolento:  
Veyo a menham no céu pintando as côres.  
De pudibunda rosa & roxas flores.

76.

Chama o rei os senhores à conselho  
E propoê lhe as figuras da visão,  
As palauras lhe diz do santo velho,  
Que à todos serão grande admiração:  
Determinão o nautico apparelho  
Pera que com sublime coraçào  
Va à gente que mandar cortando os mares.  
A buscar novos climas, novos ares.

77.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito  
Se possesse o que o peito me pedia,  
Que sempre grandes cousas àeste geito  
Presago o coraçào me promettia.  
Não sei por que razão, por que respeito,  
Ou por que bom sinal que em mi se via,  
Me poê o inclito rei nas mãos a coaua  
Desto comettimento grande, & graue.

E com

78.

E com rogo & palavras amorosas  
 Que be hum mando nos reis q̄ a mais obriga,  
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas  
 S'alcanção com trabalho & com fadiga:  
 Faz as pessoas altas & famosas  
 A vida que se perde & que periga,  
 Que quando ào medo infame não se rende  
 Então, se menos dura, mais se estende.

79.

Eu vos tenbo entre todos escolhido  
 Para bũa empresa qual á vos se deue,  
 Trabalho illustre, duro & esclarecido,  
 O que eu sey que por mi vos será leue:  
 Não sofri mais, mas logo: O rei subido  
 Auenturarme á ferro, á fogo, á neuue,  
 He tão pouco por vos, que mais me pena  
 Ser esta vida cousa tão pequena.

80.

Imaginai tamanhas auenturas  
 Quaes Euristeo a Alcides inuentaua,  
 O lião Cleonè, Harpias duras  
 O porco de Erimanto, a Tydra braua:  
 Decer em fim âas sembras vaãs & escuras  
 Onde os campos de Dite a Styge laua,  
 Porque a mayor perigo, a mor affronta  
 Por vos, rei, o sprito & carne be premta:

Com merces sumptuosas me agardesce  
 E com razões me louua esta vontade,  
 Que a virtude louuada vine & cresce,  
 E o louuer altos casos persuade:  
 A acompanhar me logo se offrece  
 Obrigado da amor & da mizade,  
 Não menos cobiçoso de honra & fama,  
 O cha ro meu irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao coelho  
 De trabalhos muy grande sofredor,  
 Ambos são de valia & de conselho  
 Dexperiencia em armas & furor:  
 Já de manceba gente me aparelho  
 Em que crece o desejo do valor,  
 Todos de grande esforço, & assi parece  
 Quem á tamanhas cousas se offeresce.

Forão de Emanoel remunerados,  
 Porque com mais amor se apercebessem  
 E com palauras altas animados  
 Para quantos trabalhos succede sem:  
 Assi forão o Mynias ajuntados  
 Pera que o vèò dourado combatesssem,  
 Na fatuliga nao, que ouzou primeyra  
 Tentar o mar Euxino, aueneureyra.

E já no porto da inclytã Vliffea

Chum aluoroço nobre, & chum desejo,

Onde o licor meſtura & branca areia

Coſalgado Neptuno o doce Tejo:

As naos preſtes eſtão, & não refrea

Temor nenhum o inuenil deſpejo,

Por que a gente maritima & a de Marte

Eſtão para ſeguirme à toda parte.

Pellas prayas vestidos os ſoldados

De varias cores vem, & varias artes,

E não menos de eſforço aparelhados

Para buscar do mundo novas partes:

Nas fortes naos os ventos ſoſsegados

Ondeão os aerios eſtandartes,

Ellas promettem vendo os mares largos

De ſer no Olimpo eſtrellas como a de Argos

Deſpois de aparelhados deſta forte

De quanto tal viagem pede & manda,

Aparelhamos a alma pera a morte

Que ſempre aos nautas ante os olhos anda:

Para o ſumo poder que a etherea corte

Suſtenta ſò coa viſta veneranda,

Imploramos fauor que nos guiaffe

E que noſſos começos aſpiraffe.

# OS LUSIADAS DE L. DE CA

87.

Partiamonos assi do santo templo  
Que nas prayas do mar está assentado,  
Que o nome tem da terra, pera exemplo  
Donde deos foy em carne ao mundo dadó:  
Certificote, ò rei que se coutepllo  
Como fuy destas prayas apartado,  
Cheo dentro de duuida & receo  
Qu'a penas nos meus olhos ponho o freo.

88.

Agente da cidade aquelle dia  
( Hús por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver somente ) concorria  
Saudosos na vista & descontentes:  
E nos co a virtuosa companhia  
De mil religiosos diligentes,  
Em procissão solenne a deos orando  
Pera os bateis viemos caminhando.

89.

Em tão longo caminho & duuidoso  
Por perdidos as gentes nos julgauão,  
As mulheres cum choro piadoso,  
Os homẽs com sospiros que arrancauão:  
Mais Esposas, Irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrecentauão  
A desesperação, & frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo,

Qual

90.

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha  
 Sò pera refrigerio, & doce imparo  
 Desta cansada já velhice minha,  
 Que em choro acabará, penoso & amaro:  
 Porque me deyxas, misera & mezquinha?  
 Porque de mi te vas, ò filho charo  
 A fazer o funereo enterramento  
 Onde sejas de peyxes mantimento?

91.

Qual em cabelo: O doce & amado esposo  
 Sem quem não quis amor que viuer possa,  
 Porque is auenturar ao mar yroso  
 Essa vida que he minha, & não he vossa?  
 Como por hum caminbo duuidoso  
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
 Nosso amor, nosso vão contentamento  
 Quereis que com as velas leue o vento?

92.

Nestas & outras palauras que dezião  
 D'amor, & de piadosa hu manidade,  
 Os velhos & os mininos us seguião  
 Em quem menos esforço poem a idade:  
 Os montes de mais perto respondião  
 Quasi muidos d'alta piedade,  
 A branca areia as lagrimas banhauão  
 Que em multidaõ co ellas se ygoalauão.

Nos.

Nos outros sem a vista aleuarmos  
 Nem a mãy, nem a esposa, neste estado,  
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
 Do preposito firme começado:  
 Determiney de assi nos embarcarmos  
 Sem o despedimento costumado,  
 Que posto que he de amor vsança boa  
 Aquem se aparta, ou fica, mais magoa.

Mas hum velho daspeyto venerando,  
 Que ficaua nas prayas, entre a gente  
 Postos em nos os olhos, mencando  
 Tres vezes a cabeça, descontente.  
 A voz pesada hum pouco aleuando,  
 Que nos no mar ouuimos claramente,  
 Cum saber sò dexperiencias feyto  
 Tais palauras tirou do experto peyto.

O gloria de mandar, ò vãã cubiça  
 Desta vaidade a quem chamamos fama,  
 O fraudolento gosto, que se atixa  
 Cũa aura popular, que honra se chama:  
 Que castigo tamanho & que justiça  
 Fazes no peyto vão que muyto te ama,  
 Que mortes, que perigos, que tormentas  
 Que crueldades nelles esbrimentas?

96.

Dura inquietação d'alma & da vida  
 Fonte de desemparos & adulterios,  
 Sagaz consumidora conbescida  
 De fazendas, de reynos, & de imperios:  
 Chamão te illustre, chamão te subida,  
 Sendo digna de infames vituperios,  
 Chamãote fama, & gloria soberana,  
 Nomes com quem se o pouo nescio engana.

97.

A que novos desastres determinas  
 De leuar estes reynos & esta gente?  
 Que perigos, que mortes lhe destinas  
 De bayxo dolgum nome prminente?  
 Que promessas de reynos & de minas  
 D'ouro, que lhe faras tão facilmente?  
 Que famas lhe prometteras, que historias?  
 Que triumphos, que palmas, que vittorias?

98.

Mas ô tu geração da quelle insano  
 Cujõ peccado & desobediencia,  
 Não somente do reyno soberano  
 Te pos neste desterro & triste ausencia:  
 Mas inda d'outro estado mais que humano  
 Da quieta & da simpres innocencia,  
 Idade d'ouro, tanto te priuou  
 Quem na de ferro & d'armas te deytou.

# OS LVSIADAS DE L. DE CA.

99.

lá que nesta gostosa vaydade  
Tanto enleuas a leue phantasia,  
lá que áa bruta cruzza & feridade  
Pojeste nome esforço & valentia,  
lá que prezas em tanta quantidade  
O desprezo da vida, que deuia  
De ser sempre estimada, pois que já  
Temeo tanto perdella quem a dá.

100.

Naõ teës junto contigo o Ismaelita  
Com quem sempre teras guerras sobejas?  
Naõ segue elle do Arabio a lei maldita,  
Se tu polla de Christo sò pelejas?  
Naõ tem cidades mal, terra infinita,  
Se terras & riqueza mais desejas?  
Naõ he elle por armas esforçado  
Se queres por vittorias ser louuado?

101.

Deyxas criar àas portas o inimigo  
Por yres buscar outro de tão longe,  
Por quem se despouoe o reyno antigo  
Se enfraquesça & se va deitando a longe:  
Buscas o incerto & incognito perigo  
Por que a fama te exalte & te lifonge,  
Chamandote senhor com larga cepia  
Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.  
O maldito

102.

O maldito o primeiro que no mundo  
 Nas ondas vella pôs em seco lenho,  
 Dino da eterna pena do profundo  
 Se he justa a justa lei que sigo & tenho:  
 Nunca juyzo algum alto & profundo,  
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho,  
 Te dê por isso fama, nem memoria,  
 Mas contigo se acabe o nome & gloria.

103.

Trouxe o filho de Iapeto do céu  
 O fogo que ajuntou ao peito humano,  
 Fogo que o mundo em armas acendeo  
 Em moites, em deshonras (grande engano)  
 Quanto melhor nos fora Prometeo,  
 E quanto pera o mundo menos danno,  
 Que a tua estatua illustre não teuera  
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

104.

Não cometera o moço miserando  
 O carro alto do pai, nem o ar vazio  
 O grande Architector co filho, dando  
 Hú, nome ao mar, & o outro, fama ao rio.  
 Nenhum commettimento alto & nefando  
 Por fogo, ferro, agoa, calma, & frio,  
 Deixa intentado a humana geração:  
 Misera sorte, estranha condição:

FIM.

I.

Canto Quinto.



Stas sentenças tais o velho  
 honrado  
 Veciferando estaua, quando a-  
 brimos

As asas ao sereno & sossegado  
 Vento, & do porto amado nos partimos:  
 E como he ja no mar custume vsado  
 A vela desfraldando o ceo ferimos,  
 Dizendo Boa viagem, logo o vento  
 Nos troncos fez o vsado mouimento.

2.

Entraua neste tempo o eterno lume,  
 No animal Nemeo truculento,  
 E o muudo que com tempo se consume  
 Na seiستا idade andaua enfermo & lento:  
 Nella ve, como tinha por costume  
 Cursos do sol quatorze vezes cento,  
 Commais nouenta & sette, em que corria  
 Quando no mar a armada se estendia.

3.

Já a vista pouco & pouco se desterra  
 Daquelles patrios montes que ficauão,  
 Ficaua o claro Tejo, & afresca serra  
 De Cynthra, & nella os olhos se allegauão:  
 Ficauanos tambem na amada terra  
 O coração, que as magoas lá deyxauão,  
 E já despois que toda se escondeo  
 Não vimos mais em fim que mar & ceo.

4.

Assi fomos abrindo aquelles mares  
 Que geração algũa não abrio,  
 As nouas ilhas vendo, & os nouos ares,  
 Que o generoso Henrique descobrio:  
 De Mauritania os montes & lugares  
 Terra que Anteo n'hũ tempo possuyo,  
 Deyxando áa mão ezquerda, que áa direita  
 Não ha certeza a doutra, mas sospeita.

5.

Passamos a grande ilha da madeira  
 Que do muito aruoredo assi se chama,  
 Das que nos pouoamos, a primeira,  
 Mais celebre por nome, que por fama:  
 Mas nem por ser do mundo á derradeira  
 Se lhe auentajaõ quantas Venus ama,  
 Antes sendo esta sua se esquecera  
 De Cypro, Gnido, Paphos, & Cythèra.  
 Deixamos

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

6.

Deixamos de Massilia a steril costa  
Onde seu gado os Aznégues pastaõ,  
Gente qu'as frescas agoas nunca gosta  
Nem as heruas do campo bem lhe abastaõ:  
A terra a nenhum fructo em fim disposta,  
Onde as aues no ventre o ferro gastaõ,  
Padecendo de tudo extrema inopia  
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

7.

Passamos o limite aonde chega  
O sol, que pera o Norte os carros guia,  
Onde jazem os pouos, à quem nega  
O filho de Climeã a cor do dia:  
Aqui gentes estranhas lava & rega  
Do negro Sanagã a corrente fria,  
Onde o cabo Arsinario o nome perde  
Chamando se dos nossos Cabo verde.

8.

Passa das tendo já as Canareas ilhas  
Que teuerão por nome Fortunadas,  
Entramos nauegando pollas filhas  
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas.  
Terras por onde nouas maravilhas  
Andarão vendo já nossas armadas,  
Alli tivemos porto com bom vento  
Per tomarmos da terra mantimento.

A aquella

9.

Aquella ilha aportamos, que temou  
 O nome do guerreiro sant' lago,  
 Santo que os Hespanboes tanto ajudou  
 A fazerem nos Mouros brauo estrago:  
 Daqui tanto que Boreas nos ventou  
 Tornamos a cortar o immenso lago,  
 Do salgado Oceano, & assi deixamos  
 A terra onde o refresco doce achamos.

10.

Por aqui rodeando a larga parte  
 D' Africa, que ficaua ao Oriente,  
 A prouincia laloso, que reparte  
 Por diuersas nações a negra gente:  
 A muy grande Mandinga, por cuja arte,  
 Logramos o metal rico & luzente,  
 Que do curuo Gambea as agoas bebe  
 As quaes o largo Atlantico recebe.

11.

As Dorcadas passamos, pouoadas  
 Das irmaãs, que outro tempo alli viuião,  
 Que de vista total sendo priuadas  
 Todas tres d'hum sò olho se feruião:  
 Tu sò, tu cujas tranças encrespadas  
 Neptuno la nas agoas acendião,  
 Tornada já de todas a mais fea  
 De bioras encbeste a ardente arca.

L

Sempre

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

12.

Sempre em fim pera o Austro a aguda proa  
No grandissimo golfaõ nos mettemos,  
Deixando a seira asperrima Lyoa  
Co Cabo à quem das Palmas nome demos:  
O grande rio, onde battendo soa  
O mar nas prayas notas, que alli temos,  
Ficou, co à ilha illustre que tomou  
O nome d'hum que o lado à deos tocou!

13.

Alli o muy grande reyno esta de Congo  
Por nos já conuertido à fee de Christo,  
Por onde o Zaire passa claro e longo  
Rio pellos antigos nunca visto:  
Por este largo mar em fim me alongo  
Do conhecido polo de Calysto,  
Tendo o termino ardente já passado  
Onde o meyo do mundo he limitado.

14.

Lá descuberto tinhamos diante  
Lá no nouo Hemisperio noua estrella,  
Nãõ vista d'outra gente, que ignorante  
Algũs tempos estene incerta della:  
Vimos a parte menos rutilante  
E por falta d'estrellas menos bella,  
Do polo fixo, onde inda se não sabe  
Qu'outra terra comce, ou mar acabe.

15.

Assim passando aquellas regioes  
 Por onde duas vezes passa Apollo,  
 Dous inuernos fazendo & dous veroes  
 Em quanto corre d'humão outro Polo:  
 Por calmas por tormentas & oppressões  
 Que sempre faz na mar o irado Eolo,  
 Vimos as Vrsas a pesar de luno  
 Banharemse nas agoas de Neptuno.

16.

Contarte longamente as perigosas  
 Cousas do mar, q os homēs não entendem,  
 Subitas trouoadas temerosas,  
 Relampados que o ar em fogo acendem:  
 Negros chuueiros, noites tenebrosas,  
 Bramudos de trouoēs que o mundo fendem,  
 Não menos he trabalho, que grande erro  
 Ainda que tiuesse a voz de ferro.

17.

Os casos vi que os rudos marinheiros  
 Que tem por mestra a longa experiencia,  
 Contão por certos sempre & verdadeiros  
 Julgando as cousas sò pella apparencia:  
 E que os que tem juizos mais inteiros  
 Que sò por puro engenho & por sciencia,  
 Vem do mundo, os segredos escondidos  
 Julgão por falsos, ou mal entendidos.

OS LYSIADAS DEL DE CA

18.

Vi claramente visto o lume viuo  
Que a maritima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta & vento esquiuo  
De tempestade escura & triste pranto:  
Não menos foy a todos excessiuo  
Milagre, & cousa certo de alto espanto,  
Ver as nuuês do mar com largo cano  
Soruer as altas agoas do Oceano.

19.

Eu o vi certamente ( & não presumo  
Que a vista me enganaua) leuantarse,  
No ar hum vaporzinho & sutil fumo  
E do vento trazido, rodearse:  
De aqui leuado hum cano ao polo sumo  
Se via, tão delgado que enxergarse  
Dos olhos facilmente não podia,  
Da materia das nuuês parescia.

20.

Hia-se pouco & pouco acrescentando  
E mais que hum largo masto se engrossaua,  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de agoa em si chupaua:  
Estauase co as ondas ondeando,  
Encima delle hũa nuuem se espessaua,  
Fazendose maior mais carregada  
Co cargo grande d'agoa em si tomada.

Qual

21.

Qual roxa sangue suga se veria  
 Nos beiços da almaria que imprudente,  
 Bebendo a recolheo na fonte fria,  
 Fartar co sangue alheo a sede ardente:  
 Chupãdo mais & mais se engrossa & cria,  
 Alli se enche & se allarga grandemente,  
 Tal a grande columna, enchendo aumenta  
 A si, & a nuuem negra que sustenta.

22.

Mas despois que de todo se fartou  
 O pè que tem no mar a si recolhe,  
 E pello cêo chouendo em fim voou  
 Porque coa agoa ä jacente agoa molhe:  
 Aas ondas torna as ondas que tomou:  
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,  
 Vejão agora os sabios na scrittura  
 Que segredos são estes de natura.

23.

S'os antigos Philosophos, que andarão  
 Tantas terras, por ver segredos dellas,  
 As marauilhas que eu passei, passarão  
 A tão diuersos ventos dando as vellas:  
 Que grandes escripturas que deixarão  
 Que influição de sinos & de estrellas,  
 Que estranhezas, que grandes qualidades,  
 Etudo sem mentir, puras verdades.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

24.

Mas já o plant a que no céu primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meyo rosto, agora inteiro  
Mostrará, e quãto o mar cortaua a armada  
Quando da etherea gauea hum marinheiro  
Prompto coa vista, terra, terra, brada,  
Salta no bordo aluoroçada a gente  
Cos olhos no Horizonte do Oriente.

25.

A maneira de nuuës se começã  
A descubrir os montes que enxergamos,  
As anchoras pesadas se adereção,  
As vellas já chegados amainamos:  
E pera que mais certas se conheção  
As partes tão remotas onde estlamos,  
Pelo nouo instrumento do astrolabio  
Inuenção de sutil juiz o & sabio.

26.

Descembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas deseiosa  
Da terra que outro pouo não pisou:  
Porem eu cos pilotos na arenosa  
Praya, por vermos em que parte estou,  
Me detenho, em tomar do sol a altura  
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

27.

Achamos ter de todo já passado  
 Do Semicapro pexe à grande meta,  
 Estando entre elle & o circulo gelado  
 Austral, parte do mundo mais secreta:  
 Eis de meus companheiros rodeado  
 Vejo hũ estranho vir de pelle preta,  
 Que tomarão per força, em quanto apanha  
 De mel os doces fauos na montanha.

28.

Toruado vem na vista, como aquelle  
 Que não se vir a nunca em tal estremo,  
 Nem elle entende à nos nem nos à elle,  
 Seluagem mais que o bruto Poliphemos  
 Começolhe a mostrar da rica pelle  
 De Colcos o gentil met al supremo,  
 A prata fina, a quente especiarias:  
 A nada disto o bruto se mouia.

29.

Mando mostrarlhe peças mais somenos  
 Contas de Christalino transparente,  
 Alguũs soantes cascaueis pequenos,  
 Hum barrete vermelho, cor contente:  
 Vi logo por sinais & por acenos  
 Que com isto se alegra grandemente,  
 Mando o soltar com tudo, & assi caminha  
 Para a pecação, que perto tinha.

# OS LUSIADAS DE L. DE CA

30.

Mas logo ão outro dia seus parceiros  
Todos nús, & da cor da escura treua,  
Decendo pellos asperos outeiros  
As peças vem buscar que estoutro leua:  
Domesticos já tanto & companheiros  
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,  
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato  
E partirse co elles pello mato.

31.

He Velloso no braço confiado  
E l'arrogante cre que vay seguro,  
Mas, sendo c'bum grande espaço já passado,  
Em que algum bom sinal saber procuro:  
Estando, a vista alçada, co cuidado  
No aventureyro, eis pello monte duro  
Apparce, & segundo ao mar caminha  
Mais apressado do que fora, vinha.

32.

O batel de Coelho foy de pressa  
Pollo tomar, mas antes que chegasse,  
Hum Ethiope ousado se arremessa  
A elle, porque não se lhe escapasse:  
Outro & outro lhe saem: vesse em pressa  
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse,  
Acudo eu logo, & em quãto o remo aperto  
Se mostra bum bando negro descuberto.

Da

33.

De espessa nuuem sèttas & pedradas  
 Chouem sobre nos outros sem medida,  
 E não forão ao vento em vão deitadas  
 Qu' esta perna trouxe eu dalli ferida:  
 Mas nos como pessoas magoadas  
 A reposta lhe demos tão tecida,  
 Que em mais que nos barretes se sospeita  
 Que a cor vermelha leuão desta feita.

34.

E sendo já Velloso em saluamento  
 Logo nos recelhemos para a armada,  
 Vendo a malicia fea & rudo intento  
 Da gente bestial, bruta & maluada:  
 De quem nenhum milhor conbecimento  
 Podemos ter da India desejada,  
 Que estarmos inda muyto longe della  
 E assi torney â dar ao vento a vella.

35.

Disse extão à Velloso hum companheiro  
 ( Começando se todos a sorrir )  
 Oula Velloso amigo, aquelle outeiro  
 He milhor de decer que de subir:  
 Si he, responde o ousado aventureiro )  
 Mas quando eu pera qua vi tantos vir,  
 Daquelles caës, de pressa hum pouco v m  
 Por me lembrar que estaveis qua sem ním.

Contou então que tanto que passarão  
 Aquelle monte, os negros de quem fallo,  
 Auante mais passar o não deixarão,  
 Querendo, se não torna, alli matallo:  
 E tornando se, logo se embuscarão  
 Porque saindo nos pera tomallo,  
 Nos podessem mandar ao reino escuro  
 Por nos roubar em mais a seu seguro.

Porem ja cinco soes erão passados  
 Que dalli nos partiramos, cortando  
 Os mares nunca d'ourem nauegados,  
 Prosperamente os ventos assoprando:  
 Quando hũa noite estando descuidados  
 Na cortadora proa vigiando,  
 - Hũa nuvem que os ares escurece  
 Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha & carregada,  
 Que pos nos corações hum grande medo,  
 Bramindo o negro mar, de longe brada  
 Como se desse em vão nalgum rochedo:  
 O poteidade, disse, sublimada  
 Que ameaço diuino, ou que segredo,  
 Este clima, & este mar nos appresenta,  
 Que mór cousa parece que tormenta?

36.

Não acabaua, quando hũa figura  
 Se nos mostra no ar, robusta & valida,  
 De disforme & grandissima statura,  
 O rosto carregado, à barba squallida:  
 Os olhos encouados, & a postura  
 Medonha & maã, & a cor terrena & palida  
 Cheos de terra & cresspos os cabellos,  
 A boca negra, os dentes amarellos.

40.

Tão grande era de membros, que bem posso  
 Certificarte, que este era o segundo  
 De Rhodes estranhissimo Colosso,  
 Que hum dos sete milagres foy do mundo:  
 Cum tã de voz nos falla horrendo & grosso  
 Que pareceo sair do mar profundo,  
 Arrepiãose as carnes & o cabelo  
 Ami, & a todos, soode ounillo & vello.

41.

E disse: O gente ousada mais que quantas  
 No mundo cometeraõ grandes cousas,  
 Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
 E por trabalhos vaõs nunca repousas:  
 Pois os vedados terminos quibrantas  
 E nauegar meus longos mares ousas,  
 Qu eu tanto tempo ha já q guardo, & tenbo  
 Nũqua arados de estranho, ou proprio lenho.  
 Poi

# OS LYSIADAS DE L. DE CA.

42.

Pois vees ver os segredos escondidos  
Da natureza, & do humido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos.  
De nobre, ou de immortal merecimento:  
Ouue os dannos de mi, que apercebidos  
Estão, a teu sobejo atreuimento,  
Por todo o largo mar & polla terra  
Que inda has de sojugar com dura guerra.

43.

Sabe que quantas naos esta viaggem  
Que tu fazes, fizerem de atreuidas  
Inimiga terão esta paraggem  
Com ventos & tormentas desmedidas:  
E da primeira armada que passaggem  
Fezer por estas ondas insufridas,  
Eu farey dimprouiso tal castigo  
Que seja mor o dano que o perigo.

44.

'Aqui espero tomar se não me engano  
De quem me descobrio suma vingança,  
E não se acabarà sò nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes em vossas naos vereys cada anno  
Sebe v. rdade o que meu juyzo alcança,  
Naufragios. perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.

45.

E do primeiro illustre, que a ventura  
 Com fama alta fizer tocar os céos,  
 Serey eterna & noua sepoltura  
 Por juizos incognitos de deos:  
 Aqui porà da Turca armada dura  
 Os soberbos & prosperos tropheos,  
 Comigo de seus danos o ameaça  
 A destruida Quiloa com Mombaça.

46.

Outro tambem virà de honrada fama  
 Liberal, caualleiro, enamorado,  
 E consigo trará a fermosa dama  
 Que amor por grão merce lhe terà dado:  
 Triste ventura, & negro fado os chama  
 Neste terreno meu, que duro & yrado,  
 Os deixará dhum crû naufragio viuos  
 Pera verem trabalhos excessiuos.

47.

Verão morrer com fome os filhos charos  
 Em tanto amor gerados & nascidos,  
 Verão os Cafres asperos & auaros  
 Tirar àa linda dama seus vestidos.  
 Os cristalinos membros & perclaros  
 Aa calma, ao frio, ao ar verão despídos,  
 Depois de ter pisada longamente  
 Cos delicados pês a area ardente.

É verão.

OS LYSIADÁS DE L. DE CA.

48.

Everão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes miseros ficarem  
Na feruida & implacavel espessura:  
Alli despois que as pedras abrandarem  
Com lagrimas de dor, de magoa pura,  
Abraçados as almas soltarão  
Da fermosa & miserrima prisão.

49.

Mais bia por diante o monstro horrendo  
Dizendo nossos fados, quando alçado  
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo  
Corpo, certo me tem marauilhado  
Aboca & os olhos negros retorcendo,  
E dando hum espantoso & grande brado,  
Me respondeo, com voz pesada & amara  
Como quem da pergunta lhe pesara.

50.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo  
A quem chamais vos outros Tormentorio,  
Que nũca a Ptolomeu, Pomponio, Strabo,  
Plinio, & quantos passarão fuy notorio:  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto Promontorio,  
Que pera o polo Antartico se estende  
A quem vossa ousadia tanto offende.

51.

Fuy dos filhos asferrimos da terra  
 Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,  
 Chameime Adamastor, & fuy na guerra  
 Contra o que vibra os rayos de Vulcano:  
 Não que possesse serra sobre serra  
 Mas conquistando as ondas do Oceano,  
 Fuy capitão domar, por onde andava  
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

52.

Amores da alta esposa de Peleo  
 Me fizeram tomar tamanha empresa,  
 Todas as deusas desprezey do céu  
 Sò por amar das agoas a princesa:  
 Hum dia a vi coas filhas de Nereo  
 Sayr nua na praya, & logo presa,  
 A vontade senti, de tal maneira  
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

53.

Como fosse impossivel alcançalla  
 Polla grandeza fea de meu gesto,  
 Determiney por armas de tomalla  
 E a Doris este caso manifesto:  
 De medo a Deusa cretão por mi lhe fallas:  
 Mas ella com fermoso riso honesto,  
 Respondeo: Qual sera o amor bastante  
 De Nymphas que sustente o d'hum Gigante.

Com

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

54.

Com tudo por liurarinos o Oceand  
De tanta guerra, eu buscarey maneira,  
Com que com minha honra escuse o danno  
Tal resposta me torna a mensageira:  
Eu que cair não pude neste engano,  
(Que he grande dos amantes a cegueira)  
Encherãome com grandes abundanças  
O peito de desejos & esperanças.

55.

Iá nescio, já da guerra desfistindo  
Hũa noite de Doris promettida,  
Me apparece de longe o gesto lindo  
Da branca Tethis vnica despida:  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços, pera aquella que era vida  
Deste corpo, & começo os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

56.

O que não sey de nojo como o conte  
Que crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achey c'hum duro monte  
De aspero mato, & de espessura braua:  
Estando cum penedo fronte a fronte  
Qu' u pollo rosto angelico apertava,  
Não fiquey homem nã, mas mudo & quedo  
E junto d'hum penedo outro penedo.

O nimpha

57.

O Nympha á mais fermosa de Oceano  
 lá que minha presença não te agrada,  
 Que te custaua terme neste engano,  
 Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:  
 Daqui me parto irado, & quasi insano  
 Da magoa & da deshonra alli passada,  
 A buscar outro mundo, onde não vísse  
 Quê de meu pranto, & de meu mal se risse,

58.

Erão já neste tempo meus irmãos  
 Vencidos & em miseria extrema postos,  
 E por mais segurar-se os deoses vãos  
 Algũs â varios montes sottopostos:  
 E como contra o cêo não valem mãos,  
 Eu que chorando andaua meus desgostos,  
 Comecei a sentir do fado imigo  
 Por meus atreuimentos o castigo.

59.

Conuerteseme a carne em terra dura,  
 Em penedos os ossos se fizerão,  
 Estes membros que ves & esta figura  
 Por estas longas agoas se estenderão:  
 Em fim minha grandíssima estatura  
 Neste remoto cabo conuerterão  
 Os deoses, & por mais dobradas magoas  
 Me anda Tethis cercando destas agoas.

Assim contava & cum medonho choro  
 Subito dante os olhos se apartou,  
 De fez se a nuuem negra, & c'hum sonoro  
 Bramido, muito longe o mar soou:  
 Eu, leuando as mãos ao santo coro  
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
 A deos pedi que remouesse os duros  
 Casos, que Adamastor contou futuros.

Lá Pibegon, & Pyrois vinhão tirando  
 Cos outros dous o carro radiante,  
 Quando a terra alta se nos foy mostrando  
 Em que foy conuertido o grão gigante:  
 Ao longo desta costa, começando  
 Lá de cortar as ondas do Levante,  
 Por ella abaixo hum pouco nauegamos  
 Onde segunda vez terra tomamos.

A gente que esta terra possuia  
 Posto que todos Ethiopes erão,  
 Mais humana no tratto parecia  
 Qu'os outros, que tão mal nos receberão:  
 Com bailos & com festas d'alegria  
 Pella praya arenosa à nos vierão,  
 As molheres consigo & o manjo gado  
 Que apascentauão, gordo & bem criado.

63.

Asmolheres queimadas vem encima  
 Dos vagarosos bois, alli sentadas  
 Animais que elles tem em mais estima  
 Que todo o outro gado das manadas:  
 Cantigas pastoris, em prosa, ou rima;  
 Na sua lingua cantão concertadas,  
 Co doce som das rusticas auenas  
 Imitando de Titiro as Camenas.

64.

Estes como na vista prazenteiros  
 Fossem, humanamente nos tratarão,  
 Trazendonos gallinhas & carneiros  
 A troco d'outras peças que leuarão:  
 Mas como nunca em fim meus cōpanheiros  
 Palavra sua algũa lbe alcançaraõ  
 Que desse algum final do que buscamos:  
 As velas dando, as ancoras leuamos.

65.

Ià aqui tinhamos dado hum grão rodeo  
 Aa costa negra d'Africa, & tornaua  
 A proa a demandar o ardente meo  
 Do cèu, & o polo Antartico ficaua:  
 Aquelle ilheo deixamos, onde veo  
 Outra armada primeira, que buscava  
 O Tormentorio cabo, & descuberto,  
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

66.

Daqui fomos cortando muitos dias  
Entre tormentas tristes & bonanças;  
No largo mar fazendo nouas vias  
So conduzidos de arduas esperanças:  
Comar hum tempo andamos em porfias  
Que como tudo nelle são mudanças,  
Corrente nelle achamos tão possante  
Que passar não deixaua por diante.

67.

Era mayor a força em demasia  
Segundo para tras nos obrigaua,  
Do mar, que contra nos alli corria  
Que por nos a do vento que assoprava:  
Injurizado Noto da porfia  
Em que co mar ( parece ) tanto estaua  
Os assopros esforça iradamente  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

68.

Trazia o sol o dia celebrado  
Em que tres reis das partes do oriente,  
Forão buscar hum rei de pouco nado  
No qual rei outros tres há juntamente:  
Neste dia outro porto foy tomado  
Por nos, da mesma já conta da gente,  
N'hu largo rio ao qual o nome demos  
Do dia em que por elle nos mettemos.

Destá

69.

Desta gente refresco algum tomamos,  
 E do rio fresca agoa, mas com tudo  
 Nenhum sinal aqui da India achamos  
 No pouo com nos outros quasi mudo:  
 Hora ve rei quamanha terra andamos  
 Sem sair nunca deste pouo rudo,  
 Sem vermos nunca noua, nem sinal,  
 Da desejada parte oriental.

70.

Hora imagina agora quaõ coitados  
 Andariamos todos, quaõ perdidos,  
 De fomes, de tormentas quebrantados  
 Por climas & por mares não sabidos:  
 E do esperar comprido tão cansados  
 Quanto a desesperar já compellidos,  
 Por cêos não naturais, de qualidade  
 Inimiga de nossa humanidade.

71.

Corrutto já & dannado o mantimento  
 Dannoso & mau ao fraco corpo humano,  
 E alem disso nenhum contentamento  
 Que sequer da esperança fosse engano:  
 Cres tu que se este nosso ajuntamento  
 De soldados, não for a Lusitano,  
 Que durara elle tanto obediente  
 Por ventura à seu rei & à seu regente?

Crestu que já não forão levantados  
 Contra seu capitão se os resistira,  
 Fazendo se piratas, obrigados  
 De desesperação, de fome, de ira?  
 Grandemente por certo estão prouados  
 Pois que nenhum trabalho grande os tira  
 Daquella Portuguesa alta excellencia  
 De lealdade firme, & obediencia.

Deixando o porto em fim do doce rio  
 E tornando a cortar a agoa salgada,  
 Fizemos desta costa algum desuio  
 Deitando pera o pego toda a armada:  
 Porque ventando Noto manso & fiio  
 Não nos appanhasse a agoa da enseada,  
 Que a costa faz alli daquella banda  
 Donde a rica Sufala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme  
 Encomendado ao sacro Nicolao,  
 Pera onde o mar na costa brada & geme  
 A proa inclina d'hũa & doutra nao.  
 Quando mau o coração que espera & teme  
 E que tanto fiou d'hum fraco pao,  
 Do que esperava já desesperado  
 Foy d'hũa novidade alnorozado.

75.

E foy, que estando já da costa perto  
 Onde as prayas & valles bem se vião,  
 N'hum rio, que alli sae ao mar aberto  
 Bateis à vela entravão & sayão:  
 Alegria muy grande foy por certo  
 Achamos já pessoas que sabião  
 Nauegar, porque entrellas esperamos  
 De achar novas algúas, como achamos.

76.

Ethiopes são todos, mas parece  
 Que com gente melhor comunicavão,  
 Palaura algũa Arabia se conhece  
 Entre a liugoagem sua que falavão.  
 E com pano delgado que se tece  
 De algodão, as cabeças apertavão,  
 Com outro que de tinta azul se tinge  
 Cada hum as vergonhoſas partes cinge.

77.

Pella Arabica lingoa que mal falaõ,  
 E que Fernão martinz muy bem entende  
 Dizem, q̄ por naos, q̄ em grandez a ygoalão  
 As noſſas, o seu mar se corta & fende.  
 Mas que la donde sae o ſol, se abalaõ  
 Para õde a costa àõ ſul se alarga, & eſtêde,  
 E do Sul pera o ſol, terra onde avia  
 Gente aſſi como nos da cor do dia.

Muy grandemente aqui nos alegramos  
 Coa gente, & com as nouas muito mais  
 Pellas sinais que neste rio achamos  
 O nome lhe ficou dos boos sinais:  
 Hum padrão nesta terra alleuantamos  
 Que para a sinalar lugares tais  
 Trazia alguns, o nome tem do bello  
 Guiador de Tobias a Gabelo.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,  
 Nojosa criação das agoas fundas,  
 Alimpamos as naos, que dos caminhos  
 Longos do mar, vè sordidas & immundas:  
 Dos hospedes que tinhamos vizinhos  
 Com mostras apraziueis & jocundas,  
 Ouuemos sempre o vsado mantimento  
 Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foi, da esperança grande & immensa  
 Que nesta terra ouuemos, limpa & pura  
 A alegria: mas logo a recompensa  
 A Rhamnusia com noua desventura:  
 Assim no cêo sereno se dispensa,  
 Co esta condição pesada & dura  
 Nascemos, o pesar terà firmeza,  
 Mas o bem logo muda a natureza.

81.

E foy que de doença crua & fea  
 A mais que eu nunca vi, desepararão  
 Muitos a vida, & é terra estranha & alhea  
 Os ossos pera sempre sepultarão:  
 Quem auerá que sem o ver o crea  
 Que tão disformemente alli lhe incharão,  
 As gingiuas na boca, que crescia  
 A carne, & juntamente apodrescia.

82.

Apodrescia e hum fetido & bruto  
 Cheiro, que o ar vizinho inficionaua,  
 Não tinhamos alli medico astuto,  
 Cyrurgião sutil menos se achaua:  
 Mas qualquer neste officio pouco instrutto  
 Pella carne já podre assi cortaua,  
 Como se fora morta, & bem conuinha  
 Pois que morto ficaua quem a tinba.

83.

Em fim que nesta incognita espessura  
 Deixamos pera sempre os companheiros,  
 Que em tal caminho & em tãta desventura  
 Forão sempre com nosco aventureiros:  
 Quam facil he ao corpo a sepultura  
 Quaesquer ôdas do mar, quaesquer outeiros  
 Estranbos, assi mesmo como aos nossos,  
 Receberão de todo o illustre os ossos.

Assique deste porto nos partimos  
 Com mayor esperança & mór tristeza,  
 E pella costa abaixo o mar abrimos  
 Buscando algum sinal de mais firmeza:  
 Na dura Moçambique em fim sui gumos,  
 De cuja falsidade & má vileza  
 Ia seras sabedor, & dos enganos  
 Dos pouos de Mombaça pouco humanos.

Hattè que aqui no teu seguro porto,  
 Cuja brandura & doce tratamento,  
 Darà saude à hum viuo, & vida a hū morto,  
 Nostrouxe a piedade do alto assento:  
 Aqui repousou, aqui doce conforto,  
 Noua quietaçõ do pensamento  
 Nos deste, & vès aqui se attento ouuiste,  
 Te contey tudo quanto me pediste.

Iulga agora rei se ouue no mundo  
 Gentes que tais caminhos comettissem,  
 Crès tu que tanto Eneas & o facundo  
 Vlisses, pello mundo se estendessem?  
 Ousou algum a ver do mar profundo  
 Por mais versos que delle se escreuissim,  
 Do que eu vi, a poder d'esforço & de arte,  
 E do que inda ei de ver, a oitaua partes:

87.

Esse que bebo tanto da agoa Aonia  
 Sobre quem tem contenda peregrina,  
 Entre si, Rhodes, Smirna, & Colofonia,  
 Atrenas, Ios, Argo, & Salamina:  
 E s'outro que esclarece toda Ausonia,  
 A cuja voz altisona & diuina  
 Ouundo, o patrio Mincio se adormesce,  
 Mas o Tibre co som se ensoberuesce.

88,

Cantem, louuem, & escreuão sempre extremos  
 Desses seus Semideoses, & encareção,  
 Fingindo Magas Circes, Poliphemos,  
 Syrenas que co canto os adormescão:  
 Demlbe mais nauegar â vella & remos  
 Os Cicones, & a terra onde se esquecem  
 Os companheiros em gostando o Loto,  
 Demlbe p. rder nas agoas o Piloto.

89.

Ventos soltos lbe finjão & imaginem  
 Dos odres, & Calippos namoradas,  
 Harpias, que o manjar lbe contaminem  
 Decer aas sombras nuas já passadas.  
 Que por muito & por muito q se v'irnem  
 Nestas fabulas vaãs tambem sonhadas,  
 A verdade que eu conto nua & pura  
 Vence toda grandiloqua escriptura.

# OS LYSIADAS DE L. DE CA.

90.

Da boca do facundo capitão

Pendendo estauão todos embibidos,

Quando deu fim à longa narração

Dos altos feitos grandes & subidos:

Louua o rei o sublime coração

- Dos reis em tantas guerras conhecidos,

Da gente louua a antiga fortaleza,

A lealdade d'animo & nobreza.

91.

Vay recontando o pouo que se admirã

O caso cada qual que mais notou,

Nenhum delles da gente os olhos tira

Que tão longos caminhos rodeou:

Mas já o mancebo Delio as redeas virã

Que o irmão de Lampeccia mal guiou,

Por vir a descansar nos Tethios braços

E el rei se vay do mar aos nobres paços.

92.

Quão doce he o louuor & a justa gloria

Dos proprios feitos quando são soados,

Qualquer nobre trabalha qu'em memoria

Vença, ou ygoale os grandes já passados:

As euuejas da illustre & alhea historia

Fazem mil vezes feitos sublimados,

Quem valerosas obras exercita

Louuor alheo muito o esperta & incita.

Não

93.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
 D' Achiles, Alexandro na pelleja,  
 Quanto de quem o canta, os numerosos  
 Versos, isso sò louua, isso deseja:  
 Os tropheos de Melciades famosos  
 Temistocles despertaõ sò de enueja,  
 E diz, que nada tanto o deleitaua  
 Como a vez que seus feitos celebrava.

94.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama  
 Qu' essas nauegações que o mundo canta,  
 Não merecem tamanha gloria & fama:  
 Como a sua, que o cèu & a terra espanta:  
 Si mas aquelle Heroe que estima & ama  
 Com doês, merces, fauores, & honra tanta  
 Alira Mantuana faz que soe  
 Eneas, & a Romana gloria voe.

95.

Dá a terra Lusitana Scipiões  
 Cesares, Alexandros, & da Augustos,  
 Mas não lhe dá com tudo aquelles doês  
 Cujas falta os faz duros & robustos.  
 Octauio, entre as mayores oppressões  
 Compunha versos doutos & venustos,  
 Não dirá Fulvia certo que be mentira  
 Quando a deixar a Antonio por Glosira.

Vay

Vay Cesar sojugando toda França  
 E as armas não lhe impedem a sciencia,  
 Mas nũa mão a pena, & n'outra a lança  
 Igoalaua de Cícero a eloquencia:  
 U que de Scipião se sabe & alcança  
 He nas comedias grande experiencia,  
 Lia Alexandre â Homero de maneira  
 Que sempre se lhe sabe âa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão  
 Que não fosse tambem douto & sciente,  
 Da Lacia, Grega, ou barbara nação  
 Se não da Portugueza tão somente:  
 Sem vergonha o não digo, que a razão  
 D'algun não ser por versos excellente,  
 He não se ver prezado o verso & rima,  
 Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso & não por falta de natura  
 Não ha tambem Virgílios nem Homeros,  
 Nem auerá se este costume dura  
 Pios Eneas, nem Achilles feros:  
 Mas o pior de tudo he que aventura  
 Taõ asperos os fez, & taõ audteros,  
 Taõ rudos, & a'ingenho taõ remisso  
 Que á muitos lhe dà pouco, ou nada disso.

99.

Aas Musas agardeça o nesso Gama  
O muito amor da patria, que as obriga  
A dar ao seus na lira nome & fama  
De toda a illustre & bellica fadiga:  
Qu'elle, nem quem na stirpe seu se chama,  
Calliope não tem por tão amiga,  
Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
As telas d'ouro fino, & que o cantassem.

100.

Porque o amor fraterno & puro gosto  
De dar a todo o Lusitano feito  
Seu louvor, he somente o presuppsto  
Das Tagides gentis, & seu respeito:  
Porem não deixe em fim de ter disposto  
Ninguem à grandes obras sempre o peito;  
Que por esta, ou por outra qualquer via  
Não perdera seu preço & sua valia.

FIM.

# OS LYSIADAS DE L. DE CA

## Canto Seilto.

1.



A M sabia em que modo  
festejasse  
O rei pagão os fortes nauegan-  
tes,

Pera que as amizades alcançasse  
Do rei Christão, das gentes tão possantes;  
Pesalhe que tão longe o apousentasse  
Das Europeas terras abundantes.  
A ventura, que não no fez vizinho  
Donde Hercules ao mar abriu caminho.

2.

Com jogos, danças, & outras alegrias  
A segundo a policia Melindana,  
Com vsadas & ledas pescarias  
Cõ q̃ a Lageia Antonio alegre & engana;  
Este famoso rei todos os dias  
Fizesteja a companhia Lusitana,  
Com banquetes, manjares de vsados  
Com fruttas, aues, carnes, & pescados.

Mas

3.

Mas vendo o capitão que se detinha  
 Lá mais do que deuia, & o fresco vento  
 O convida que parta & tome a sinha,  
 Os pilotos da terra & mantimento.  
 Não se quer mais deter, que ainda tinha  
 Muito pera cortar do salso argento,  
 Já do Pagão benigno se despede  
 Que a todos amizade longa pede.

4.

Pedelhe mais, que aquelle porto seja  
 Sempre com suas frotas visitado,  
 Que nenhum outro bem mayor deseje  
 Que dar à tais varoës seu reino & estado:  
 E que em quanto seu corpo o espirito reja  
 Estará de continuo apparelhado,  
 A pôr a vida & reino totalmente  
 Por tão bom rei, por tão sublime gente:

5.

Outras palavras tais lhe respondia  
 O capitão, & logo as velas dando,  
 Para as terras da Aurora se partia,  
 Que tanto tempo ha já que vay buscando:  
 No piloto que leua não auia  
 Falsidade, mas antes vay mostrando  
 A naugação certa, & assi caminha  
 Lá mais seguro do que dantes vinha.

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

6.

As ondas nauegação do Oriente

La nos mares da India, & enxergaão  
Os thalamos do sol, que nasce ardente,  
Lá quasi seus desejos se acabauão:  
Mas o mao de Thioneo, que n'alma sente  
As venturas, qu'então se aparelhauão  
Aa gente Lusitana dellas dina,  
Ai de, morre, blasfema & desatina.

7.

Via estar todo o ceo determinado

De fazer de Lisboa noua Roma,  
Não no pode estoruar, que destinado  
Està dentro poder que tudo doma,  
Do Olimpo dece em fim desesperado,  
Nouo remedio em terra busca, & toma,  
Entra no humido reino, & vaise áa corte  
D'aquelle, à quem o mar cayo em sorte.

8.

No mais interno fundo das profundas

Cauernas altas, onde o mar se esconde,  
La donde as ondas saem furibundas,  
Quando às iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora, & morão as jocundas  
Nereidas, & outros deoses do mar, onde  
As agoas campo deixão àas cidades,  
Que habitão estas humidas deidades.

Descobre

9.

Descobre o fundo nunca descuberto  
 As areas alli de prata fina,  
 Torres altas se vem no campo aberto  
 Da transparente massa cristalina,  
 Quanto se chegão mais os olhos perto,  
 Tanto menos a vista determina  
 Se he cristal o que vê, se diamante,  
 Qu'assi se mostra claro & radiante.

10.

As portas d'ouro fino, & marchetas las  
 Do rico aljofar que nas conchas nasce,  
 De sculptura fermosa estão lauradas,  
 Na qual do irado Baco â vista pasce:  
 Evê primeiro em cores variadas  
 Do velho Chaos a tão confusa face,  
 Vem se os quatro elementos trasladados  
 Em diuersos officios occupados.

11.

Alli sublime o fogo estaua encima,  
 Que em nenbua materia se sustinha;  
 Daqui as cousas viuas sempre anima,  
 Despois que Prometheo furtado o tinha:  
 Logo a pos elle leue se sublima  
 Do inuisuel ar, que mais asinha  
 Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,  
 Algum deixa no mundo estar vazio.

# OS LYSIADAS DE L. DE CA.

12.

Estaua a terra em montes reuestida  
De verdes heruas & aruores floridas,  
Dando pasto diuerso & dando vida  
Aas alimarias nella produzidas:  
A clara forma alli estaua sculpida  
Das agoas entre a terra desparzidas,  
De pescados criando varios modos,  
Com seu humor mantendo os corpos todos.

13.

Noutra parte esculpida estaua a guerra  
Que tenerão cos deuses os Gigantes,  
Esta Tiseo debaixo da alta serra  
D' Etna, que as flamas lança crepitantes:  
Esculpido se vê ferindo a terra  
Neptuno, quando as gentes ignorantes.  
Delle o cavallo ouuerão, & a primeira  
De Minerua pacifica oulineira.

14.

Pouca tardança faz Lyeo irado  
Na vista destas cousas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que auisado  
Da vinda sua, o estaua ja aguardando:  
Aas portas o recebe, acompanhado  
Das Nimpbas, que se estão mar auilhando,  
De ver que comettendo tal caminho,  
Entre no reino d'agoa a rei do vinho.

O Neptuno

15.

O Neptuno, lhe disse, não te espantes  
 De Baccho nos teus reinos receberes,  
 Porque tambem cos grandes & possantes  
 Mostra a fortuna injusta seus poderes:  
 Manda chamar os deoses do mar, antes  
 Que fale mais, se ouvirme o mais quiseres,  
 Verão da desventura grandes modos,  
 Oução todos o mal que toca á todos.

16.

Iulgando já Neptuno que seria  
 Estranho caso aquelle, logo manda  
 Tritão, que chame os deoses dá agoa fria,  
 Que o mar habitão d'hũa & doutra banda.  
 Tritão, que de ser filho se gloria  
 Do Rei, & de Salacia veneranda,  
 Era mancebo grande, negro & feo  
 Trombeta de seu pay, & seu carroo.

16.

Os cabellos da barba, & os que decem  
 Da cabeça nos hombros, todos erão,  
 Hũs limos prenhes d'agoa, & bem parecem  
 Que nunca brando pentem conhecerão:  
 Nas pontas pendurados não falesem  
 Os negros Mixill.ões, que alli se gerão,  
 Na cabeça por gorra tinba posta  
 Hũa muy grande casca de Lago sta.

OS LYSIADAS DEL DECA.

18.

O corpo nu, & os membros genitais  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porem de pequenos animais  
Do mar, todos cubertos cento & cento:  
Camaroões, & Cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento,  
Ostras, & Camaroões do musgo çujos,  
As costas coa casca os Caramujos.

16.

Na mão a grande concha retorcida  
Que trazia, com força já tocava,  
A voz grande canora foy ouvida  
Por todo o mar, que longe retumboua:  
Ià toda à companhia apercebida  
Dos deoses, para os paços caminhava  
Do deos, que fez os muros de Dardania,  
Destroidos despois da Grega insania.

20.

Vinha o padre Oceano acompanhado  
Dos filhos & das filhas que gerara,  
Vem Nereo, que com Doris foy casado,  
Que todo o mar de Nimphas pouoara:  
O propheta Proteo, deixando o gado  
Maritimo pascer pella agoa amara,  
Alli veu tambem, mas já sabia  
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha

21.

Vinha por outra parte à linda esposa  
 De Neptuno, de Celo & Vesta filla,  
 Graue, & leda no gesto, & tão fermosa  
 Que s'amausava o mar de maravilha:  
 Vestida hũa camisa preciosa  
 Trazia de delgada teatilha,  
 Que o corpo cristalino dexa ver se,  
 Que tanto bem não he pera esconder se.

22.

Anpbrite fermosa como as flores,  
 Neste caso não quis que falecesse,  
 O delfim traz consigo, que aos amores  
 Do rei lhe aconselhou que obedecesse:  
 Cos olhos que de tudo são senhores  
 Qualquer parecerà que o sol venceesse,  
 Ambas vem pella mão, igal partido  
 Pois ambas são esposas a' hum marido.

23.

Aquella que das furias de Atamante  
 Fugindo, veo à ter diuino estado,  
 Consigo traz o filho, bello infante,  
 No numero deos dojes relatado:  
 Pella praya brincando vem diante  
 Com as lindas conchinhãs, que o salgado  
 Mar sempre cria, & às vezes pella areã  
 No collo o toma a bella Panopea,

E o deos que foy nh'um tempo corpo humano,  
 E por virtude da herua poderosa  
 Foy conuertido em peixe, & deste dano  
 Lhe resultou deidade gloriosa,  
 Inda vinha chorando o feo engano,  
 Que Circes tinha vsado coa fermosa  
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado  
 Que a viais obriga amor mal empregado.

Já finalmente todos assentados  
 Na grande sala nobre & diuinal,  
 As deosas em riquissimos estrados,  
 Os deoses em cadeiras de cristal:  
 Forão todos do padre agasalhados,  
 Que co Thebano tinha assento ygoal:  
 De fumos enche a casa a rica massa  
 Que no mar nace, & Arabia é cheiro passa.

Estando sossegado já o tumulto  
 Dos deoses, & de seus recebimentos,  
 Começa a descobrir do peito occulto,  
 A causa o Tyoneo de seus tormentos:  
 Hum pouco carregando se no vulto,  
 Dando mostra de grandes sentimentos,  
 Sò por dar aos de Luso triste morte  
 Co ferro albeo, fala desta sorte.

27.

Princepe que de juro senhoreas

D'hum polo, áo outro polo o mar irado,

Tu que as gentes da terra toda enfreas,

Que não passem o termo limitado:

E tu padre Oceano, que ro deas

O mundo vniuersal, & o teës cercado:

E com justo decreto assi permites,

Que dentro viuão só de seus limites.

28.

E vos deoses do mar, que não soffreis

Injuria algũa em vosso reino grande,

Que com castigo ygoal vos não vingueis,

De quemquer que por elle corra, & andez

Que descuido foy este em que viueis?

Quem pode ser que tanto vos abrande,

Os peitos, com razão endurecidos

Contra os humanos fracos & atreuidos?

29.

Vistes que com grandissima ousadia

Forão já cometter o céu supremo,

Vistes aquella infana phantasia

De tentarem o mar com vela & remo:

Vistes, & ainda vemos cada dia,

Soberbas & insolencias tais, que temo

Que do mar & do céu em poucos annos,

Venhão deoses à ser, & nos humanos.

Vedes

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

30.

Vedes agora a fraca geração

Que d'hum vassallo meu o nome toma,  
Com soberbo, & altiuo coração,  
A vos, & â mi, & o mundo todo doma:  
Vedes o vosso mar cortando vão,  
Mais do que fez a gen'e alta de Roma,  
Vedes o vosso reino deuaassando  
Os vossos estatutos vão quebrando.

31.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro  
No vosso reino este caninho abrirão,  
Boreas injuriado, & o companheiro  
Aquilo, & os outros todos resistirão:  
Pois se do ajuntamento aaventureiro  
Os ventos esta injuria assi sentirão,  
Vos à quem mais compete esta vingança,  
Que esperais, por que a pondeis em tardança?

32.

Enão consinto, deoses, que cuideis  
Que por amor de vos do céu deci,  
Nem da magoa da injuria que sofreis,  
Mas da que seme faz tambem a mi:  
Que a aquellas grandes honras, que sabeis  
Que no mundo ganbey, quando venci  
As terras Iudianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente.

Que

33.

Que o gram senhor & fados que destinão,  
 Como lhe bem parece, o baxo mundo,  
 Famas mores que nunca determinão  
 De dar a estes baroës no mar profundo:  
 'Aqui vereis ò deoses como ensinão  
 O mal tambem a deoses: que a segundo  
 Se ve, ninguem ja tem menos valia  
 Que quem com mais razão valer deuia.

34.

E por isso do Olimpo ja fugi,  
 Buscando algum remedio a meus pesares,  
 Por ver o preço, que no cêo perdi,  
 Se por dita acharey nos vossos mares:  
 Mais quis dizer, & não passou daqui,  
 Porque as lagrimas ja correndo a pares  
 Lhe saltaraõ dos olhos, com que logo  
 Se acendem as deidades d'agoa em fogo.

35.

'A ira com que subito alterado  
 O coração dos deoses foy n'hum ponto,  
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,  
 Nem dilacão, nem outro algum desconto:  
 Ao grande Eolo mandaõ ja recado  
 Da parte de Neptuno, que sem conto  
 Solte as furias dos ventos repugnantes,  
 Que não aja no mar mais nauegantes:

# OS LVSIADAS DE L. DE CA

36.

Bem quifera primeiro alli Protheo  
Dizer neste negocio o que sentia,  
E segundo o que â todos pareceo,  
Era algũa profunda prophacia:  
Porem tanto o tumulto se moueo  
Subito na diuina companhia,  
Que Tethis indinada lhe bradou,  
Neptuno sabe bem o que mandou.

37.

Ia la o soberbo Hyppotades soltaua  
Do carcere fechado os furiosos  
Ventos, que com palauras animaua,  
Contra os varoës audaces & animosos:  
Subito o cèo sereno se obumbrava,  
Que os ventos mais que nũqua impetuosos  
Começão nouas forças â yr tomando,  
Torres, montes & casas derribando.

38.

Em quanto este conselho se fazia  
No fundo aquoso, à leda lassa frota  
Com vento sussegado prosegua  
Pelto tranquillo mar, à longa rota:  
Era no tempo quando a luz do dia  
Do Eoo hemisperio está remota,  
Os do quarto da prima se deitauão  
Para o segundo os outros despertauão.

Vencidos

37.

Vencidos vem do sono, & mal despertos  
 Bocejando a miúdo se encoſtauaõ,  
 Pellas antenas, todos mal cubertos,  
 Contra os agudos ares que aſſoprauão:  
 Os olhos contra ſeu querer abertos  
 Mas esfregando os membros eſtirauão,  
 Remedios contra o ſonno buscar querem,  
 Historias contão, caſos mil referem.

40.

Com que melhor podemos, hum dizia,  
 Eſte tempo paſſar, que he tão peſado,  
 Se não com algum conto de alegria  
 Com que nos deixe o ſono carregado?  
 Reſponde Lionardo, que trazia  
 Penſamentos de firme namorado,  
 Que contos poderemos ter milhores  
 Pera paſſar o tempo, que de amores?

41.

Não he, diſſe Velloſo, couſa juſta  
 Tratar branduras em tanta aſpereza,  
 Que o trabalho do mar, que tanto cuſta,  
 Não ſoffre amores, nem delicadeza:  
 Antes de guerra feruida & robuſta.  
 A noſſa historia ſeja, pois dureza  
 Noſſa vida hu de ſer, ſegundo entendo  
 Que o trabalho por viu mo eſtãdizendo.

Consente

**C**onsentem nisto todos, & encommendão  
**A** Velloso que conte isto que approua,  
**C**ontarei disse, sem que me reprehendão  
**D**e contar cousa fabulosa, ou noua:  
**E** porque os que me ouïrem daqui aprêdão  
**A** fazer feitos grandes d'alta proua,  
**D**os nacidos direy na nossa terra,  
**E** estes sejam os doze de Inglaterra.

**N**o tempo que do reino a redealeue  
**I**oão filho de Pedro moderaua,  
**D**espois que sossegado & liure o teue  
**D**o vizinho poder que o molestoua:  
**L**à na grande Inglaterra, que da neue  
**B**oreal sempre abunda, semeaua  
**A** fera Erymnis dura & má cizania  
**Q**ue lustre fosse a nossa Lusitania.

**E**ntre as damas gentis da corte Inglesa,  
**E** nobres cortesãos, a caso hum dia  
**S**e leuantou discordia em ira acesa,  
**O**u foy opinião, ou foy porfia:  
**O**s cortesãos a quem tão pouco pesa  
**S**oltar palauras graues de oujadia  
**D**izem que prouarão, que honras & famas  
**E**m tais damas não ha, per a ser damas.

45.

E que se ouuer alguém com lança & espada  
 Que queira sustentar a parte sua,  
 Que elles em campo raso, ou em estrada  
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua:  
 A femeníl fraqueza pouco usada  
 Ou nunca a opprobrios tais, vendo se nua  
 De forças naturais conuenientes,  
 Socorro pede à amigos & parentes.

46.

Mas como fossem grandes & possantes  
 No reino os inimigos, não se atreuem  
 Nem parentes, nem feruidos amantes  
 A sustentar as damas, como deuem:  
 Com lagrimas fermosas & bastantes  
 A fazer que em socorro os deoses leuem  
 De todo o céu, por rostos de alabastro  
 Se vão todas ao duque de Alencastro.

47.

Era este Ingres potente, & militar  
 Cos Portugueses já contra Castella,  
 Onde as forças magnanimas prouara  
 Dos companheiros, & benigna estrella:  
 Não menos nesta terra esperimentara  
 Namorados affeitos, quando nella  
 A fil' a dio, que tanto o peito doma  
 Do forte, rei, que por mulher a toma.

Este

OS LUSIADAS DEL. DE CA

48.

Este que socorrer lbe não queria,  
Por não causar discordias intestinas  
Lbe diz, quando o direito pretendia  
Do reino la das terras lberinas,  
Nos Lusitanos vi tanta oujadia,  
Tanto primor, & partes tão diuinas,  
Que elles sos poderião, se não erro  
Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

49.

E se aggrauadas damas sois seruidas,  
Por vos lbe mandarei embaixadores,  
Que por cartas discretas & polidas,  
De vosso aggrauo os fação sabedores:  
Tambem por vossa parte encarecidas  
Con palauras dasagos & damores,  
Lbe sejaõ vossas lagrimas, que eu creio  
Que alli terees socorro & forte esteo,

50.

Deslarte as aconselha o duque experto,  
E logo lbe nomea doze fortes,  
E por que cada dama hum tenha certo,  
Lbe manda que sobrelles lancem sortes,  
Que ellas sò doze são: & descuberto  
Qual à qual tem caido das consortes,  
Cadhũa estreue ao seu por varios modos,  
E todas à seu rei, & o duque à todos.

La chega

51.

Iachega á Portugal o mensageiro,  
 Toda a corte aluoroça a novidade,  
 Quisera o rei sublime ser primeiro,  
 Mas não lho soffre a regia magestade:  
 Qualquer dos cortesaões aventureiro  
 Deseja ser, com feruida vontade,  
 E só fica por bemaumenturado,  
 Quem ja vem pello duque nomeado.

52.

Lá na leal cidade, donde teue  
 Origem ( como he fama ) o nome eterno  
 De Portug. l, armar madeiro leue  
 Manda o que tem o leme do gouernoz  
 Apercebem se os doze em tempo breue  
 D'armas, & roupas de t'lo mais moderno,  
 D'elmos, cimeras, letras, & primores  
 Cavallos, & concertos de mil cores.

53.

Já do seu rei tomado tem licença  
 Pera partir do douro celebrado,  
 Aquelles, que escolhidos por sentença  
 Forão do duque Ingres esperimentado:  
 Não ha na companhia differença  
 De caualeiro, de stro, ou esforçado:  
 Mis hum só, que Magriço se dizia,  
 Destarte fala aa forte companhia.

O

Fortissimos

# OS LYSIADAS DE L. DECA.

54.

Fortíssimos confocios, eu desejo  
Hã muito já de andar terras estranhas,  
Por ver mais agoas, q̃ as do Douro e Tejo  
Varias gentes, e leis, e varias manhas:  
Agora que apparelho certo vejo,  
(Pois q̃ do mundo as cousas são tamanhas)  
Quero se me deixais, ir sô por terra,  
Por que eu serey conuoso em Inglaterra.

55.

E quando caso for, que eu impedido  
Por quem das cousas he vltima linha,  
Não for com vosco ao prazo instituido,  
Pouca falta voz faz a falta minha:  
Todos por mi fareis o que he diuido:  
Mas se a verdade o sprito me adiuinha,  
Rios, montes, fortuna, ou sua enueja,  
Não farão que eu com vosco là não seja.

56.

Assi diz, e abraçados os amigos,  
E tomada licença, em fim se parte,  
Passa Lião, Castella vendo antigos  
Lugares, que ganhara o patrio Marte:  
Nauarra, cos altíssimos perigos  
Do Perineo, que Hespanha e Gallia parte  
Vistas em fim de França as cousas grandes,  
No grande emperio foy parar de Frandes.

57.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,  
 Sem passar se deteuue muitos dias,  
 Mas dos onze a illustrissima companhia  
 Cortão do mar do norte as andas frias:  
 Chegados de Inglaterra àa costa estranha,  
 Pera Londres já fazem todos vias,  
 Do duque são com festa agasalhados,  
 E das damas seruidos, & amimados.

58.

Chegasse o prazo, & dia asinalado,  
 De entrar em campo ja cos doze Ingrefes,  
 Que pollo rei já tinhão segurado,  
 Armanse delmos, grauas, & de arneses:  
 Já as damas tem por si fulgente & armado  
 O Mauorte feroz dos Portugueses,  
 Vestemse ellas de cores & de sedas  
 D'ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

59.

Mas aquella, à quem fora em sorte dado  
 Magriço, que não vinha, com tristeza  
 Se veste, por não ter quem nomeado  
 Seja sen caualleiro, nesta empresa:  
 Bem que os onze appiegoão, que acabado  
 Será o negocio assi na corte Ingresa,  
 Que as damas vencedoras se confesção  
 Posto que dous & tres dos seus falleção.

# OS LYSIADAS DE L. DE C.A.

60.

Iá n'hum sublime & pubrico theatro  
S'assenta o rei Ingres com toda acorte,  
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,  
Bem como á cada qual cubera em sorte:  
Nãõ sãõ vistos do sol do Tejo ao Batro,  
De força, esforço, & d'animo mais forte,  
Outros doze sayr como os Ingleses  
No campo, contra os onze Portugueses.

61.

Mastigão os caualllos escumando  
Os aureos freos, com feroz semblante,  
Estaua o sul nas armas rutilando,  
Como em cristal, ou rigido diamante:  
Mas enxergase n'hum & noutro bando  
Partido desigoal & dissonante  
Dos onze contra os doze: quando a gente  
Começa â oluoroçar se geralmente.

62.

Virão todos o rosto aonde auia  
A causa principal do rebuliço.  
Eis entra hum caualleiro, que trazia  
Armas, cauallo, ao bellico seruiço.  
Ao rei & às damas fala. & logo s'hia  
Para os onze, que este era o grãõ M agriço,  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem não falta certo nos perigos.

A dama

63.

Adama como ouuio, que este era aquelle,  
 Que vinha a defender seu nome, & fama,  
 S'alegra, & veste alli do animal d' Hele,  
 Que a gente bruta mais que vertude ama:  
 Ia dão final, & o som da tuba impelle  
 Os bellicosos animos, que inflamma,  
 Picão d'esporas, largão redas logo  
 Abaxão lanças, fere a terra fogo.

64.

Dos cauallos o strepito paresce  
 Que faz, que o chão debaixo todo treme,  
 O coração no peito, que estremeſce  
 De quem os olha, se aluroça, & teme:  
 Qual do cauallo voa, que não deſce,  
 Qual co cauallo em terra dando, geme,  
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
 Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

65.

Algum d'alli tomou perpetuo sono,  
 E fez da vida ao fim breue interuallo,  
 Correndo algum cauallo vay ſim dono.  
 E noutra parte o dono ſem cauallo:  
 Caee a soberba Ingreſa de ſeu throno,  
 Que dous ou tres já fora vão do vallo,  
 Us que de eſpada vim fazer batalha,  
 Mas achão já que arnes, eſcudo, & mulha.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

66.

Gastar palauras em contar estremos  
De golpes feros, cruas estocadas,  
He desses gastadores, que sabemos  
Maos do tempo, com fabulas sonbadas:  
Basta por fim do caso, que entendemos  
Que com finezas altas & affamadas,  
Cos nossos fica a palma da vittoria,  
E as damas vencedoras, & com gloria.

67.

Recolhe o duque os doze vencedores  
Nos seus paços, com festas & alegria,  
Cozinheiros occupa, & caçadores  
Das damas a fermosa companhia.  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
Em quanto se detem em Inglaterra,  
Hattè tornar àa doce & clara terra.

68.

Mas dizem que com tudo o grão Magriço  
Desejoso de ver as ccusas grandes,  
La se deixou ficar, onde hum seruiço  
Notauel àa condessa fez de Frandes:  
E como quem não era já nouiço  
Em todo trance, onde tu Marte mandes,  
Hum Frâces matta em campo, que o destino  
La tene de Torquato & de Coruino.

Outro

99.

Outro tambem dos doze em Alemanha  
 Se lança, & teue hum fero desafio  
 Chum Germano enganoso, que com manha  
 Não deuida o quis pôr no estremo fio:  
 Contando assi Velloso: já a companha  
 Lhe pede, que não faça tal desuio  
 Do caso de Magriço, & vencimento,  
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimeyto.

70.

Mas neste passo assi promptos estando,  
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
 O apito toca, acordão despertando  
 Os marinheiros d'hũa & doutra banda:  
 É por que o vento vinha refrescando,  
 Os traquetes das gaueas tomar manda,  
 Alerta, disse, estay, que o vento cresce  
 Daquella nuuem negra que apparece.

71.

Não erão os traquetes bem tomados,  
 Quando dá a grande & subita procella,  
 Amaina, disse o mestre a grandes brados  
 Amaina, disse, amaina à grande vella.  
 Não esperão os ventos indinados  
 Que amainassem, mas juntos dando nella,  
 Em pedaços a fazem, cum ruído  
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

OS LYSIADAS DEL DE CA.

72.

Ccêo fere com gritos nisto a gente,  
 Cum subito temor, & desacordo,  
 Que no romper da vela a nao pendente  
 Toma grão soma d'agoa pello bordo,  
 Alija, disse o mestre, rijamente,  
 Alija tudo ao mar, não falte acordo,  
 Vão outros dar à bomba não cessando,  
 Aa bomba que nos imos alligando.

73.

Correm logo os soldados animosos  
 A dar à bomba, & tanto que chegarão,  
 Os balanços, que os mares tem rosos  
 Derão à nao, n'hum bordo os derribarão:  
 Tres marinheiros duros, & forçosos,  
 A menear o l. me não bastarão,  
 Talhas lhe puzão d'hua & doutra parte  
 Se approucitar dos homens força & arte.

64

Os ventos erão tais, que não poderão  
 Mostrar mais força d'impeto cruel,  
 Se pera derribar então vierão  
 A fortissima torre de Babel:  
 Nos altissimos mares, que crescerão,  
 A pequena grandura d'hum batel,  
 Mostra a possante nao, que moue espanto  
 Vendo que se jostem nas ondas tanto.

75.

A nao grande, em que vay Paulo da Gama,  
 Quebrado leua o masto pello meo,  
 Quasi toda allagada: a gente chama  
 Aquelle que á saluar o mundo veo:  
 Não menos gritos vaõs ao ar derrama  
 Toda a nao de coelho, com recceo,  
 Com quanto tzeue o mestre tanto tento  
 Que primeiro amainou que disse o vento

76.

Agora sobre as nuuens os subiaõ  
 As ondas de Neptuno furibundo,  
 Agora a ver parece que deciaõ  
 As intimas entranhas do profundo:  
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriaõ  
 Arruinar a machina do mundo,  
 Anuite negra & fea se allumia,  
 Cos rayos, em que o polo todo ardia.

77.

As Alcionas aues triste canto  
 Junto da costa brava leuantaraõ,  
 Lembrando se de seu passado pranto,  
 Que as furiosas agoas l'he causaraõ:  
 Os delfins namorados entre tanto  
 La nas couas maritimas entraraõ,  
 Fugindo áa tempestade, & ventos duros  
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nuna

# OS LIVSIADAS DEL DE CA

78.

Nunca tão viuos rayos fabricou  
Contra a fera soberba dos Gigantes;  
O grão ferreiro sordido, que obrou  
Do enteado as armas radiantes:  
Nem tanto o grão Tonante arremessou  
Relampados ao mundo fulminantes,  
No grão diluuiio, donde sos viuerão  
Os dous que em gête as pedras conuerterão.

79.

Quantos montes então, que derribarão  
As ondas que batião denodadas,  
Quantas arvores velhas arrancarão  
Do vento brauo as furias indinadas:  
As forçosas raizes não cuidarão  
Que nunca pera o cêo fossem ~~variadas~~,  
Nem as fundas arêas que podessem  
Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Viradas

80.

Vendo Vasco da Gama que tão perto  
Do fim de seu desejo se perdia,  
Vendo hora o mar battê o inferno aberto;  
Hora com noua furia ao cêo subia.  
Confuso de temor, da vida incerto,  
Onde nenhum remedio lhe valia,  
Chama aquelle remedio santo & forte  
Que o impossivel pode, desta sorte.

Divina

81.

Diuina guarda, angelica, celeste,  
 Que os céos, o mar & terra senhoreas,  
 Tu que a todo Israel refugio deste  
 Por metade das agoas Erythreas:  
 Tu que liuraste Paulo & defendeste  
 Das Syrtes arenosas & ondas feas,  
 E guardaste cos filhos o segundo  
 Povoador do alagado & vacuo mundo.

82.

Se tenho nouos medos perigosos  
 Doutra Scylla & Caribdis já passados,  
 Outras Syrtes, & baxos arenosos,  
 Outros Acroceraunios infamados,  
 No fim de tantos casos trabalhosos,  
 Porque somos de ti deseparados,  
 S'este nosso trabalho não te offende,  
 Mas antes teu seruiço sò pretende?

83.

O ditosos aquelles que puderaõ  
 Entre as agudas lanças Affricanas  
 Morrer, em quanto fortes sostiuerãõ  
 A sancta Fe, nas terras Mauritanas:  
 De quem feitos illustres se souberãõ,  
 De quem ficaõ memorias soberanas,  
 De quem se ganha a vida com perdella,  
 Doce fazendo a morte as honras della.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

84.

Assi dizendo os ventos que luttavaõ,  
Como touros indemitos bramando,  
Mais & mais a tormenta acrescentavaõ,  
Pella miuda enxarcia assuuiando:  
Relampados medonhos não cessavaõ,  
Feros trouoës que vem representando  
Cair o cèo dos cixos sobre a terra,  
Configo os elementos terè guerra.

85.

Mas já a amorosa strella scintillava  
Diante do sol claro, no orizonte  
Mensageira do dia, & visitava  
A terra, & o largo mar, com leda fronte:  
A deosa que nos cèos a governava,  
De quem foge o ensifero Oriente,  
Tanto que o mar, & a chara armada vira,  
Tocada junto foy de medo, & d'ira.

86.

Estas obras de Baccho são por certo,  
Disse, mas não será, que auante leue  
Tão dannada tenção, que descuberto  
Me sera sempre o mal à que se atreue.  
Isto dizendo, dece ao mar aberto,  
No caminho gastando espaço breue,  
Em quanto manda as Nymphas amorosas  
Grinaldas nas cabeças por de rosas.

Grinaldas

87.

Grinaldas manda por de varias cores  
 Sobre cabellos louros a porfia,  
 Quem não dirá, que nascem roxas flores  
 Sobre ouro natural, que amor enfia:  
 Abrandar determina por amores  
 Dos ventos a nojosa companhia,  
 Mostrandolhe as amadas Nymphas bellas,  
 Que mais fermosas viuhão que as estrellas.

88.

Assi foy, por que tanto que chegarão  
 Aa vista dellas, logo lhe fulescem  
 As forças com que dantes pellejarão,  
 E ja como rendidos lhe obedecem.  
 Os pés e mãos, parece, que lhe atarão  
 Os cabellos que os rayos escurecem,  
 A Boreas, que do peito mais queria,  
 Assi disse a bellissima Oris'ia.

89.

Não creas, fero Boreas que te creio  
 Que me tiueste nunca amor constante,  
 Que brandura he d'amor mais certo arreo,  
 E não conuem furor á firme amante:  
 Se ja não poês a tanta infancia freo,  
 Não esperes de mi daqui em diante,  
 Que possa mais amarte, mas temerte,  
 Qu'amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

Assi mesmo a fermosa Galatea  
 Dizia ao fero Noto, que bem sabe  
 Quedias ha que em vella se recrea,  
 E bem crê que com elle tudo acabe.  
 Não sabe o brauo tanto bem se o crea,  
 Que o coração no peito lhe não cabe,  
 De contente de ver que a dama o manda,  
 Pouco cuida que faz se logo abranda.

Destá maneira as outras amansauão  
 Subitamente os outros amadores,  
 E logo à linda Venus se entregauão,  
 Amansadas as iras & os furores,  
 Ella lhe prometteo vendo que amauão  
 Sempiterno fauor em seus amores,  
 Nas bellas mãos tomandolhe homenagem  
 De lhe serem leais esta viageu.

Lá a menham clara daua nos outeiros,  
 Por onde o Ganges murmurando soa,  
 Quando da celsa gauea os marinheiros  
 Enxergarão terra alta pella proa.  
 Lá fora de tormenta, & dos primeiros  
 Mares, o temor vão do peito voa,  
 Disse alegre o piloto Melindano,  
 Terra he de Calceu, se não me engano.

93.

Esta he por certo a terra que buscais  
 De verdadeira India, que apparece:  
 E se do mundo mais não desejas,  
 Vosso trabalho longo aqui fenescer:  
 Soffrer aqui não pode o Gama mais,  
 De ledo em ver que a terra se conhece,  
 Os geolhos no chão, as mãos ao céu  
 Amerce grande a deos agardescer.

94.

As graças a deos daua, & razão tinha  
 Que não somente a terra lhe mostrava,  
 Que com tanto temor buscando vinha  
 Por quem tanto trabalho sprimentava.  
 Mas via se liurado tão asinha  
 Da morte, que no mar lhe apparelhava  
 O vento duro, feruido, & medonho,  
 Como quem despertou de horrendo sonho.

95.

Por meo destes horridos perigos  
 Destes trabalhos graues & temores,  
 Alcanção os que são de fama amigos  
 As honras immortais, & graos maiores:  
 Não encostados sempre nos antigos  
 Troncos nobres de seus antecessores,  
 Não nos leitos dourados, entre os finos  
Animais de Moscouia Zebellinos.

Não

# OS LUSIADAS DE L. DE CA

96.

Não cos manjares novos, & exquisitos,  
Não cos passeos molles, & ouciosos,  
Nãõ cos varios deleites, & infinitos  
Que afeminaõ os peitos generosos:  
Nãõ cos nunca vencidos appetitos  
Qu'a fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que não soffre a nenhum que o passo mude  
Para algũa obra heroica de virtude.

97.

Mas com buscar co seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando, & vestindo o forjado aço  
Soffrendo tempestades & ondas cruas:  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, & regioes de abrigo nuas,  
Engulindo o corrupto mantimento  
Temperado com hum arduo sofrimento.

98.

E com forçar o rosto que se enfia,  
A parecer seguro, ledo, inteiro,  
Pera o pilouro ardente, que affouia  
E leua a perna, ou braço ao companheiro:  
Destarte o peito hum callo honroso cria  
Desprezador das honras, & dinheiro,  
Das honras, & dinheiro, que a ventura  
Forjou, & não vertude justa, & dura.

Destarte

99.

Dest' arte s'esclareſce o entendimento,  
 Que experiencias fazem repouſado,  
 E fica vendo, como de alto aſſento  
 O baixo traçto humano embaraçado:  
 Eſte onde tiuer força o regimento  
 Direito, & não de aſſeitos occupado,  
 Subirá (como deue) a illuſtre mando,  
 Contra vontade ſua, & não rogando.

FIM.

## Canto Septimo.

I.



A ſe vião chegados junto  
 aa terra,  
 Que deſejada ja de tantos fora:  
 Que entre as correntes ludicas  
 ſe encerra,

E o Ganges, que no cêo terreno mora:  
 Ora ſus gente forte que na guerra  
 Quereis leuar a palma vencedora,  
 Já ſois chegados, ja tendes diante  
 A terra de riquezas abundante.

P

A vos

2.

A vos ô geração do Lusa digo,  
 Que tão pequena parte sois no mundo;  
 Não digo inda no mundo, mas no amigo  
 Curral de quem gouerna o ceo rotundo:  
 Vos a quem não somente algum perigo  
 Estorua conquistar o pouo immundo,  
 Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
 Da Madre, que nos ceos está em essencia!

3.

Vos Portugueses poucos quanto fortes,  
 Que o fraco poder vosso não pesais,  
 Vos que á custa de vossas varias mortes  
 A lei da vida eterna dilatais:  
 Assim do ceo deitadas são as sortes  
 Que vos por muito poucos que sejais  
 Muito façaes na santa Christandade,  
 Que tanto (ô Christo) exaltas a humildade.

4.

Vedelos Alemães, soberbo gado,  
 Que por tão largos campos se apacenta,  
 Do soccessor de Pedro rebelado,  
 Nouo pastor, e noua feita inuenta:  
 Vedelo em feas guerras occupado,  
 Que inda co cego error se não conta  
 Não contra o superbissimo Otomano,  
 Mas por sair do jugo soberano.

Vedela

5.

Vedelo duro Ingles, que se nomea  
 Rei da velha & santissima cidade,  
 Que o torpe Ismaelita senborea,  
 (Quem vio honra tão longe da verdade?)  
 Entre as Boreaes neues se recrea,  
 Noua maneira faz de Christandade,  
 Pera os de Christo tem a espada nua,  
 Não por tomar a terra qu'era sua.

6.

Guardalhe por entant o hum falso Rei  
 A cidade Hierosolyma terrestre,  
 Em quanto elle não guarda a santa lei  
 Da cidade Hierosolyma celeste:  
 Pois de ti Gallo indigno que direi?  
 Que o nome Christianissimo quiseste,  
 Não pera defendelo, nem guardalo,  
 Mas pera ser contr' elle, & derribalo.

7.

Achas que tês direito em senborios  
 De Christaões, sendo o teu tão largo & tãto,  
 E não contra o Cynifio & Nilo rios,  
 Inimigos do antigo nome santo:  
 Ali se baõ de prouar da espada os fios,  
 Em quem quer reprovuar da Igreja o canto,  
 De Carlos, de Luis o nome & a terra  
 Erdaste, & as causas não da justa guerra?

Pois que direi daquelles que em delicias,  
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
 Gastão as vidas, lograõ as diuicias,  
 Esquecidos de seu valor antigo:  
 Nascem da tyrannia inimicicias,  
 Que o pouo forte tem de si inimigo,  
 Contigo Italia falo, já sumersa,  
 Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura  
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
 Que hũs aos outros se dão a morte dura,  
 Sendo todos de hum ventre produzidos?  
 Não vedes a diuina sepultura  
 Possuida de cães, que sempre unidos  
 Vos vem tomar a vossa antiga terra,  
 Fazendo se famosos pola guerra?

Vedes que tem por uso & por decreto,  
 Do qual são tão inteiros obseruantes,  
 Ajuntarem o exercito inquieto  
 Contra os pouos q̄ são de Christo amâtes:  
 Entre vos nunca deixa a fera Aleto  
 De semear cizanias repugnantes,  
 Ulhai s'estais seguros de perigos,  
 Que elles & vos sois vossos inimigos.

11.

Se cobiça de grandes senhorios  
 Vos faz ir conquistar terras alheas,  
 Não vedes que Pactolo & Hermon rios,  
 Ambos voluem auríferas areas:  
 Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,  
 Affrica esconde em si luzentes veas,  
 Mouuuoos ja se quer riqueza tanta,  
 Pois moueruos não pode a casa Santa.

12.

Aquellas inuenções feras & nouas,  
 De instrumentos mortais da artellaria,  
 Ia deuem de fazer as duras prouas,  
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia:  
 Fazei que torne la ás siluestres couas,  
 Dos Caspios montes, & da Citia fria,  
 A Turca geração, que multiplica  
 Na policia da vossa Europa rica.

13.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos,  
 Bradando vos estão, que o pouo bruto  
 Lhe obriga os caros filios aos profanos  
 Preceptos do Alcorão (duro tribut.)  
 Em castigar os feitos inhumanos,  
 Vos gloriay de peito forte & astuto,  
 E não queirais louuores arrogantes,  
 De serdes contra os vossos minus possantes.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

14.

Mas em tanto que cegos & sedentos  
Andais de vosso sangue, ô gente insana,  
Nã faltaraõ Christaõs atreuimentos  
Nesta pequena casa Lusitana:  
De Affrica tem maritimos assentos,  
He na Asia mais que todas soberana,  
Na quarta parte noua os campos ara,  
E se mais mundo ouuera, la chegara.

15.

E vejamos em tanto que acontece  
Aaquelles taõ famosos nauegantes,  
Despois que a branda Venus enfraquesce  
O furor vaõ dos ventos repugnantes:  
Despois que a larga terra lhe apparece,  
Fim de suas perfias taõ constantes,  
Onde vem semear de Christo a ley,  
E dar nouo costume, & nouo Rei.

16.

Tanto que à noua terra se chegaraõ,  
Leues embarcações de pescadores  
Acharaõ, que o caminho lhe mostraraõ  
De Calecu, onde eraõ moradores:  
Pera la logo as proas se inclinaraõ,  
Porque esta era a cidade das melhores,  
Do Malabar milhor, onde viuia  
O Rei que a terra toda possuia.

17.

Alem do Indo jaz, & a quem do Gange,  
 Hũ terreno mui grande, & assaz famoso,  
 Que pela parte Austral o mar abrange,  
 E pera o Norte o Emodio cauernoso:  
 Iugo de Reis diuersos o constrange  
 'A varias leis: algũs o vicioso  
 Maboma, algũs os Idolos adoraõ,  
 'Algũs os animais que entr'elles moraõ.

18.

La bem no grande monte, que cortando  
 Taõ larga terra, toda Asia discorre,  
 Que nomes tão diuersos vai tomando,  
 Segundo as regiões poronde corre:  
 'As fontes saem, donde vem manando  
 Os rios, cuja grã corrente morre  
 No mar Indico, & cercão todo o peso  
 Do terreno, fazendo o Chersonezo.

19.

Entre hum & o outro rio, em grande espaço  
 Da larga terra sae hũa longa ponta,  
 Quasi piramidal, que no regaço  
 Do mar com Ceilão insula confronta:  
 E junto donde nasce o largo braço  
 Gangetico, o rumor antigo conta,  
 Que os vezinhos da terra moradores  
 Do cheiro se mantem das finas flores.

Mas agora de nomes, & de vsança,  
 Nouos & varios são os habitantes,  
 Os Delijs, os Patanes, que em possança  
 De terra & gente são mais abundantes:  
 Decanes, Oriãs, que a esperança  
 Tem de sua salvação nas resonantes  
 Agoas do Gange, & a terra de Bengala,  
 Fertil de sorte que outra não lhe ignala.

O reino de Cambaia bellicoso  
 (Dizem que foi de Poro rei potente)  
 O reino de Narsinga poderoso,  
 Mais d'ouro & pedras, que de forte gente:  
 Aqui se enxerga la do mar vndoso  
 Hum monte alto, que corre longamente,  
 Seruindo ao Malabar de forte muro,  
 Com que do Canará viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,  
 Do pè do qual pequena quantidade  
 S'estende hũa fralda estreita, que combatê  
 Do mar a natural ferocidade:  
 Aqui d'outras cidades sem debate,  
 Calecu tem a illustre dignidade,  
 De cabeça de Imperio rica & bella,  
 Samorim se intitula o senhor della.

23.

Chegada a frota ao rico senhorio,  
 Hum Portugues mandado logo parte,  
 A fazer sabedor o Rei gentio  
 Da vinda sua a taõ remota parte:  
 Entrando o mensageiro pello rio,  
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte  
 A cor, o gesto estranho, o trajo nouo,  
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

24.

Entre a gente que a vello concorria,  
 Se chega hum Mahometa, que nascido  
 Fora na regiaõ da Berberia,  
 La onde fora Anteo obedescido:  
 Ou pela vezinhança ja teria  
 O reino Lusitano conhecido,  
 Ou foi ja aßinalado de seu ferro,  
 Fortuna o trouxe a taõ longo desterro.

25.

Em vendo o mensageiro com jocundo  
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana  
 Lhe disse, Quem te trouxe a estoutro mundo,  
 Taõ longe da tua patria Lusitana?  
 A brinde (lhe responde) o mar profundo,  
 Por onde nunca veio gente humana,  
 Vimos buscar do ludo a gran corrente,  
 Por onde a lei diuina se accrescente.

Espantado ficou da gran viagem  
 O Mouro, que Monçaide se chamaua,  
 Ouuindo as oppressões que na passagem  
 Do mar o Lusitano lhe contaua:  
 Mas vendo emfim que a força da mensagem  
 So pera o Rei da terra releuaua,  
 Lhe diz que estaua fora da cidade,  
 Mas de caminho pouca cantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse  
 De sua estranha vinda, se queria  
 Na sua pobre casa repousasse,  
 E do manjar da terra comeria:  
 E despois que se bum pouco recreasse,  
 Coelle pera a armada tornaria,  
 Que alegria não pode ser tamanha,  
 Qu'achar gente vezinha em terra estranha.

Portugues aceita de vontade  
 O que o ledo Monçaide lhe offeresce,  
 Como se longa fora ja a amizade,  
 Coelle come & bebe, & lhe obedesce:  
 Ambos se tornão logo da cidade,  
 Pera a frotta, que o Mouro bem conhesce,  
 Sobem à Capitaina, & toda a gente  
 Monçaide recebeo benignamente.

29.

O Capitão o abraça em cabo ledo,  
 Ouindo clara a lingua de Castella,  
 Junto de si o assenta, & prompto & quedo  
 Pela terra pergunta, & cousas della:  
 Qual se ajuntava em Rodope o aruoredo,  
 So por ouir o amante da donzella  
 Euridice, tocando a lyra de ouro,  
 Tal a gente se ajunta a ouir o Mouro.

30.

Elle começa, O gente que a natura  
 Vezinha fez de meu paterno ninho,  
 Que destino tão grande, & que ventura  
 Vos trouxe a cometerdes tal caminho:  
 Não he sem causa não occulta, & escura,  
 Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,  
 Por mares nunca d'outro lenho arados,  
 A Reinos tão remotos & apartados.

31.

Deos por certo vos traz, porque pretende  
 Algum serviço seu por vos obrado:  
 Por isso sò vos guia, & vos defende  
 Dos imigos do mar, do vento irado:  
 Sabey qu' estais na India, onde s'estende  
 Diuerso pouo, rico, & prosperado,  
 De ouro luzente, & rica pedraria,  
 Cheiro suave, ardente especiaria.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

32.

Esta prouincia, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama;  
Do culto antigo os Idolos adora  
Que ca por estas partes se derrama:  
De diuersos Reis he, mas d'hum sò fora  
Noutro tempo, segundo a antiga fama,  
Saramá Perimal foi derradeiro  
Rei qu'este reino teue vnido & inteiro.

33.

Porem como a esta terra entã viessem  
De lá do seyo Arabico outras gentes,  
Que o culto Mahometico trouxesssem,  
No qual me instruirã meus parentes,  
Succedeo que pregando conueitesssem  
O Perimal, de sabios & eloquentes  
Fazemlhe a lei tomar com feruor tanto,  
Que imaginou de nella morrer santo.

34.

Naos arma, & nellas mete curioso  
Mercadoria que offereça rica,  
E sem temer o mar tempestuosa,  
O propheta vay ver que a ley publica:  
Antes que parta, o Reino poderoso  
Cos seus reparte, porque não lhe fica  
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,  
Ricos de pobres, liures de sojeitos.

Ahum

35.

A hum Cochim, & a outro Cananor,  
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,  
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor,  
 E os mais a quem o mais serue & contenta:  
 Hum sò moço, a quem tinha muito amor,  
 Despois que tudo deu, se lhe apresenta,  
 Pera este Calecu samente fica,  
 Cidade ja por trato nobre & rica.

36.

Esta lhe dá co titulo excellente  
 De Emperador, que sobre os outros mãde,  
 Isto feito se parte diligente,  
 Onde como deseja acabe & ande:  
 E daqui fica o nome de potente  
 Camorî, mais que todos digno & grande,  
 Ao moço, & descendentes, donde vem  
 Este, qu' agor' o Imperio manda & tem.

37.

A ley da gente toda rica & pobre,  
 De fabulas composta se imagina:  
 Andão nús, & samente hum pano cobre  
 As partes que a cubrir natura ensina:  
 Dous modos ha de gente, por que a nobre  
 Naires chamados são, & a menos digna  
 Poleãs tem por nome, a quem obriga  
 A lei não mesturar a casta antiga.

Porque

# OS LUSIADAS DEL. DE CA.

38.

Porque os que usaraõ sempre hã mesmo officio  
D'outro naõ podem receber consorte,  
Nem os filhos teraõ outro exercicio  
Senaõ o de seus passados battè a morte:  
Pera os Naires he certo grande vicio  
Destes serem tocados, de tal sorte  
Que quando algum se toca por ventura,  
Com cerimonia mil s'alimpa & apura.

39.

Destá sorte o Iudaico pouo antigo  
Naõ tocava na gente de Samaria,  
Mais estranhezas inda das que digo  
Nesta terra vereis de vsança varia:  
Os Naires sos saõ dados ao perigo  
Das armas, sos defendem da contraria  
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada  
Na esquerda a adarga, e na direita a espada:

40.

Bramenes saõ os seus religiosos,  
Nome antigo, & de grande preminencia,  
Oseruaõ os preceitos taõ famosos  
D'hum que primeiro pos nome à sciencia:  
Naõ mataõ cousa viua, & temerosos  
Das carnes tem grandissima abstinencia,  
Somente no venerco ajuntamento  
Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais

41.

Gerais são as mulheres: mas semente  
 Pera os da geração de seus maridos,  
 Ditosa condiçãõ, ditosa gente,  
 Que não são de ciumes offendidos.  
 Estes & outros costumes variamente  
 São pellos Malabares admittidos:  
 A terra he grossa em trato, em tudo aquillo  
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

42.

Assim contava o Mouro: mas vagando  
 Andava a fama ja pella cidade,  
 Da vinda desta gente estranha, quando  
 O Rei saber mandava da verdade:  
 Ia vinhaõ pellas ruas caminhando,  
 Rodeados de todo sexo, & idade,  
 Os principaes, que o Rei buscar mandara  
 O Capitaõ da armada que chegara.

43.

Mas elle, que do Rei ja tem licença  
 Pera desembarcar, acompanhado  
 Dos nobres Portugueses, sem detença  
 Parte de ricos panos adornado:  
 Das cores a fermosa differença  
 A vista alegre ao pouo aluoroçado:  
 O remo compassado fere frio  
 Agora o mar, despois o fresco rio.

Na praia hum regedor do reino estaua,  
 Que na sua lingua Catual se chama,  
 Rodeado de Naires, que esperaua  
 Com desusada festa o nobre Gama:  
 Ià na terra nos braços o leuaua,  
 E n'hum portatil leito hũa rica cama  
 Lhe offeresce em que va, costume vsado,  
 Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Dest' arte o Malabar, dest' arte o Luso,  
 Caminhão la pera onde o rei o espera,  
 Os outros Portugueses vão ao vsõ  
 Que infantaria segue esquadra fera:  
 O pouo que concorre vay confuso  
 De ver a gente estranha, & bem quiser a  
 Preguntar, mas no tempo já passado  
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama & o Catual hião falando  
 Nas cousas que lhe o tempo offerencia,  
 Monçaide entr'elles vay interpretando  
 As palauras que d'ambos entendia:  
 Assim pola cidade caminhando,  
 Onde hũa rica fabrica se erguia  
 D'hum sumptuoso templo já chegauão,  
 Pola porta do qual juntos entravão.

47.

*Alli estão das deidades as figuras  
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,  
 Varios de gestos, varios de pinturas,  
 A segundo o demonio lhe fingia:  
 Vem se as abominaueis esculturas,  
 Qual à Chimèra em membros se varia,  
 Os christãos olhos a ver deos vsados  
 Em forma humana estão marauilhados*

84.

*Hum na cabeça cornos esculpidos,  
 Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,  
 Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,  
 Bem como o antigo Iano se pintaua:  
 Outro com muitos braços diuididos  
 A Briareo parece que imitaua:  
 Outro fronte Canina tem de fora,  
 Qual Anubis Menphítico se adora.*

49.

*Aqui feita do barbaro gentio  
 A supersticiosa adoração,  
 Direitos vão sem outro algum desuio,  
 Pera onde estaua o rei do pouo vão:  
 Engrossando se vay da gente o fio,  
 Cos que vem ver o estranho capitão,  
 Estão pellos telhados & janellas  
 Velhos & moços, donas & donzellas.*

# OS LUSIADAS DE L. DE CA.

50.

Iá chegão perto, & não com passos lentos,  
Dos jardins odoríferos fermosos,  
Qu'em si escondem os regios apouentos,  
Altos de torres não, mas sumptuosos.  
Edificação os nobres seus assentos,  
Por entre os aruoredos deleitosos,  
Assi viuem os reis d'aquella gente,  
No campo & na cidade juntamente.

51.

Pella portais da cerca a sutileza  
S'enxerga da Dedaleu facultade,  
Em figuras mostrando por nobreza  
Da India a mais remota antiguidade:  
Affiguradas vão com tal viueza  
As historias d'aquella antiga idade,  
Que quem dellas tiuer noticia inteira,  
Pella sombra conhesce a verdadeira.

52.

Estaua hum grande exercito que pisa  
A terra oriental, que o Idaspe lava,  
Rege o hum capitão de fronee lisa,  
Que com frondentes tirsos pelejava.  
Por elle edificada estaua Nisa  
Nas ribeiras do rio, que manaua,  
Tão proprio, que se alli estiuer Semelle,  
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

Mais

53.

Mais auante bebendo secca o rio,  
 Mui grande multidão da Assiria gente,  
 Sujeta â feminino senhorio,  
 De hũa tão bella, como incontinente:  
 Alli tem junto ao lado nunca frio,  
 Esculpido o seroz ginete ardente,  
 Com quem teria o filho competencia,  
 Amor nefando, bruta incontinencia.

54.

Daqui mais apartadas tremolauão  
 As bandeiras de Grecia gloriosas,  
 Terceira monarchia, e sojugauão,  
 Hattè as agoas Gangeticas vudosas:  
 D'hũ capitaõ mancebo se guiauaõ  
 De palmas rodeado valerosus.  
 Que já naõ de Philippo, mas sem falta  
 De progenie de Iuppiter se exalta.

55.

Os Portuguezes vendo estas memorias,  
 Dizia o Catualão capitaõ,  
 Tempo cedo virá que outras vittorias,  
 Estas que agora olhais abaterão:  
 Aqui se escreuerão nouas historias,  
 Por gentes estrangeiras que virão  
 Que os nossos sabios magos o alcançarão,  
 Quando o tempo futuro specularão.

# OS LYSIADAS DEL DECA.

56.

E dizlhe mais a magica sciencia,  
Que pera se evitar força tamanha,  
Não valerá dos homẽs resistencia,  
Que contra o cẽo não val da gente manha:  
Mas tambem diz que a bellica excellencia  
Nas armas, & na paz, da gente estranha  
Será tal, que será no mundo ouvido  
O vencedor, por gloria do vencido.

57.

Assi fallando entrãõ já na sala,  
Ondo a quelle potente Emperador  
N'ũa camilha jaz, que não se igoala  
De outra algũa no preço & no lauor:  
No recoitado gesto se asinala  
Hum venerando & prospero senhor,  
Hum pano d'ouro cinge, & na cabeça  
De preciosas gemmas se adereça.

58.

Bem junto delle hum velho reuerente,  
Cos giolhos no chãõ, de quando em quando  
Lhe daua a verde folha da herua ardente  
Que a seu costume estava ruminando:  
Hum Bramene, pessoa preminente,  
Para o Gama vem com passo brando,  
Para que ao grande principe o apresente,  
Que diante lhe acena que se assente.

Sentado

59.

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
 Os seus mais afastados, prompto em vista  
 Estava o Samori no trajo & geito  
 Da gente, nunca de antes delle vista:  
 Lançando a graue voz do sabio peito,  
 Que grande authoridade logo aquista  
 Na opinião do rei, & do pouo todo  
 O capitão lhe falla deste modo.

60.

Hum grande rei, de la das partes, onde  
 O céu volubil com perpetua roda  
 Da terra a luz solar coa terra esconde,  
 Tingindo a que deixou de escura nodã,  
 Ouuindo do rumor que la responde  
 O eco, como em ti da India toda  
 O principado está, & a majestade,  
 Vinculo quer contigo de amizade.

61.

E por longos rodeos a ti manda,  
 Por te fazer saber que tudo aquillo  
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda  
 De riquezas, de là do Tejo ao Nilo:  
 E desda fria plaga de Gelandã,  
 Hattẽ bem donde o sol não muda o estillo  
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,  
 Tudo tem no seu reino em grande copia.

E se queres compastos, & alianças  
 De paz, & d'amizade sacra, & nua,  
 Commerçio consentir das abundanças  
 Das fazendas da terra sua, & tua.  
 Por que crecção as rendas, & abastanças,  
 Por quem a gente mais trabalha & sua,  
 De vossos reinos, sera certamente  
 De ti proveito, & delle gloria ingente.

E sendo assi que o no desta amizade,  
 Entre vos firmemente permaneça,  
 Estara prompto à toda aduersidade,  
 Que por guerra à teu reino se offerença:  
 Com gente, armas, & naos de qualidade  
 Que por irmão te tenha, & te conheça,  
 E da vontade em ti sobristo posta  
 Me des a my certissima resposta.

Tal embaxada daua o capitão,  
 A quem o rei gentio respondia,  
 Qu'em ver embaxadores de nação  
 Tão remota, grão gloria recebia:  
 Mas neste caso a vltima tenção  
 Com os de seu conselho tomaria,  
 Informando se certo de quem era  
 O rei, & a gente, & terra que differa.

65.

E que em tanto podia do trabalho  
 Passado yr repousar, & em tempo breue  
 Daria o seu despacho hum justo talho,  
 Com que a seu rei reposta alegre leue:  
 Ia nisto punha a noite o vsado atalho  
 Aas humanas canseiras, por que ceue  
 De doce sono os membros trabalhados,  
 Os olhos occupando ao ocio dados.

66.

Agasalhados forão juntamente,  
 O Gama, & Portugueses no aposento  
 Do nobre regedor da Indica gente,  
 Com festas & geral contentamento:  
 O Cauak no cargo diligente  
 De seu rei, tinha ja por regimento  
 Saber da gente estranha donde vinha  
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

67.

Tanto que os igneos carros do fermoso  
 Mancebo Delio vio, que a luz renoua,  
 Manda chamar Monçaide, deseioso  
 De poderse informar da gente noua:  
 Ia lhe pergunta prompto & curioso,  
 Se tem noticia inteira, & certa proua,  
 Dos estranhos quem são que ouuido tinha  
 Que he gente de sua patria muy vizinha.

OS LYSIADAS DE L. DE C.A.

68.

Que particularmente alli lbe desse  
Informação muy larga, pois, fazia  
Nisso seruiço ao rei, por que soubesse.  
O que neste negocio se faria:  
Monçaide torna, posto que eu quisesse  
Dizerte disto mais não saberia,  
Somente sey qu'he gente là d' Hespanha  
Onde o meu ninho, & o sol no mar se banha.

69.

Tem aley dum Propheta, que gerado  
Foi sem fazer na carne detrimento  
Da mãy, tal que por baso està approuado  
Do deos, que tem do mundo o regimento:  
O que entre meus antigos he vulgado  
Delles, he que o valor sanguinolento  
Das armas, no seu braço resplandesce,  
O que em nossos passados se parece.

70.

Por que elles com virtude sobre humana,  
Os deitarão dos campos abundosos.  
Do rico Tejo, & fresca Goadiana,  
Com feitos memoraveis, & famosos:  
E não contentes inda, & na Affricana  
Parte, cortando os mares procellosos  
Nos não querem deixar viuer seguros,  
Tomando nos cidades, & altos muros.

Não.

71.

Não menos tem mostrado esforço, & manha;  
 Em quaesquer outras guerras qua' cõtesção,  
 Ou das gentes belligeras d' Hespanha,  
 Ou la d' algũs que do Pirene desção.  
 'Assi que nunca em fim com lança estranha  
 Se tem, que por vencidos se conbesção,  
 Nem se sabe inda não, te affirmo & assello  
 Pera estes Annibais nenhum Marcello.

72.

Esta informação não for inteira  
 Tanto quanto conuem, delles pretende  
 Informarte, que he gente verdadeira,  
 A quem mais falsidade enoja & offende:  
 Vay verlhe a frota, as armas, & a maneira  
 Do fundido metal, que tudo rende,  
 E folgaras de veres a policia  
 Portuguesa na paz, & na milicia.

73.

La com desejos o Idolatra ardia,  
 De ver isto, que o Mouro lhe contava,  
 Manda esquipar bateis, que yr ver queria:  
 Os lenhos em que o Gama nauegava:  
 Ambos partem da praia, a quem seguia  
 A Naira geração, que o mar coalhava,  
 Aa capitaina sobem forte & bella,  
 Onde Paulo os rescebe à bordo della.

Purpureos.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras  
 Do rico fio são, que o bicho gera,  
 Nellas estão pintadas as guerreiras  
 Obras, que o forte braço já fizera:  
 Batalhas tem campais aventureiras,  
 Desafios crueis, pintura fera,  
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
 A tanto nella os olhos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama  
 Lhe pedia primeiro que se assente,  
 E que aquelle deleite que tanto ama  
 A ceita Epicurea, experimente:  
 Dos espumantes vasos se derrama  
 O licor, que Noe mostrara à gente:  
 Mas comer o Gentio não pretende,  
 Que a ceita que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,  
 Imagem faz de guerra, rompe os ares,  
 Co fogo o diabolico instrumento,  
 Se faz ouvir no fundo la dos mares:  
 Tudo o Gentio nota mas o intento  
 Mostrava sempre ternos singulares  
 Feitos dos bomês, que em retrato breue  
 Amuda poesia alli descreue:

77.

Alçase em pé, co elle os Gamas junto  
 Coelho d'outra parte, & o Mauritano  
 Os olhos poem no bellico trafunto  
 De hum velho branco, aspeito venerando.  
 Cujó nome não pode ser defuntto  
 Em quanto ouuer no mundo trato humano,  
 No trajo à Grega vsança está perfeita,  
 Hum ramo por insignia na direita.

78.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego  
 Eu que cometto insano, & temerario,  
 Sê vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,  
 Por caminho tão arduo, longo, & vario:  
 Vosso fauor inuoco, que nauego  
 Por alto mar, com vento tão contrario,  
 Que se não me ajudais, hei grande medo,  
 Que o meu fraco batel se allague cedo.

79.

Olhay que há tanto tempo, que cantando  
 O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 Nouos trabalhos vendo, & nouos danos:  
 Agora o mar, agora esprimentando  
 Os perigos Mauorcios inhumanos,  
 Qual Canace que á morte se condena;  
 Nũa mão sêpre a espada, & noutra a pena:

Agora

Agora com pobreza auorrecida,  
 Por hospícios alheos degradado,  
 Agora da speranza já adquirida,  
 De nouo mais que nunca derribado:  
 Agora às costas escapando a vida,  
 Que dum fio pendia tão delgado,  
 Que não menos milagre foi salvar se,  
 Que para o rei Iudaico acrescentar se.

E ainda Nymphas minhas não bastaua,  
 Que tamanhas misérias me cercassem:  
 Senão que aquelles que eu cantando andaua  
 Tal premio de meus versos me tornassem.  
 A troco dos descansos que esperaua,  
 Das capellas de louro qu' me honrassem,  
 Trabalhos nunca usados m'inventarão,  
 Com qu'em tão duro estado me deitirão.

Vede Nymphas que engenhos de senhores  
 O vosso Tejo cria valerosos,  
 Qu'assi sabem prezar com tais fauores  
 A quem os faz cantando gloriosos:  
 Qu'exemplos à futuros escriptores,  
 Para espertar engenhos curiosos,  
 Para porem as cousas em memoria,  
 Que merecerem ter eterna gloria.

83.

Pois logo em tantos males he forçado,  
 Que sò vosso fauor me não fallesça,  
 Principalmente aqui, que sou chegado  
 Onde feitos diuersos engrandesça:  
 Daimo vos sos, que eu tenbo já jurado  
 Que não no empregue em quē o não mereça  
 Nem por lisonja louue algum subido,  
 Sob pena de não ser agradecido.

84.

Nem creais Nymphas não que fama desse  
 A quem ao bem comum, & do seu rei  
 Anteposer seu proprio interesse:  
 Imigo da diuina & humana ley,  
 Nenhum ambicioso, que quisesse  
 Subir a grandes cargos, cantarey,  
 Sò por poder com torpes exercicios  
 Vjar mais largamente de seus vicios.

85.

Nenhum que vſe de seu poder bastante  
 Para seruir a seu desejo feo,  
 E que por comprazer ao vulgo errante  
 Se muda em mais figuras que Proteio.  
 Nem Camenas tambem cuideis que cante  
 Quem com habito honesto & graue veu,  
 Por contentar o rei no officio nouo,  
 A despir & roubar o pobre pouo.

Nem

Nem quem acha qu'he justo & qu'he dereito  
 Guardase a ley do rei seueramente,  
 E não acha que he justo & bom respeito,  
 Que se pague o suor da seruil gente.  
 Nem quem sempre com pouco experto peito  
 Razões apprêde, & cuida que he prudente,  
 Para taxar com mão rapace & escassa,  
 Os trabalhos albeos, que não passa.

Aquelles sos direy que aventurârão  
 Por seu deos, por seu rei, a amada vida  
 Onde perdendoa, em fama a dilatârão,  
 Tambem de suas obras merecida.  
 Apolo, & as Musas que me acompanharão,  
 Me dobraraõ a furia conscedida  
 Em quanto eu tomo alento descansado,  
 Por tornar ao trabalho mais folgado.

FIM.

## Canto Oitavo.

1.



A primeira figurase deti-  
nha.

O Catual, que vira estar pinta-  
da.

Que por diuisa hum ramo na mão tinha,  
A barba branca, longa, e penteada:  
Quem era, e por que causa lhe conuinha  
A diuisa que tem na mão tomada,  
Paulo responde, cuja voz discreta  
O Mauritano sabio lhe interpreta.

2.

Estas figuras todas que apparecem,  
Brauos em vista, e feros nos aspeitos,  
Mais brauos, e mais feros se conhecem  
Pella fama, nas obras, e nos feitos  
Antigos são, mas inda resplandescem  
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos;  
Este que ves de Luso, donde a fama  
O nosso reino Lusitana chama.

Foi

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

3.

Foy filho & companh. iro do Thebano,  
Que tão diuersas partes conquistou  
Parece vindo ter ao ninho Hispano,  
Seguindo as armas que continuo vsou,  
E Do Douro, Guadiana o campo vsano,  
Lá dito Elisio, tanto o contentou  
Que alli quis dar, àos já cansados ossos  
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

4.

O ramo que lhe ves pera diuisa,  
O verde tyrso foi de Baccho vsado,  
O qual aa nossa idade amostra & auisa  
Que foi seu companheiro & filho amado:  
Ves outro, que do Tejo a terra pisa,  
Despois de ter tão longo mar arado,  
Onde muros perpetuos edefica,  
E templo a Pallas, qu'em memoria fica.

5.

Vlisses he o que faz a santa casa  
Aa deosa, que lhe da lingua facunda,  
Que se la na Asia Troia insigne abraça,  
Ca na Europa Lisboa ingente funda:  
Quem sera estoutro ca que o campo arrasa  
De mortos, com presença furibunda?  
Grandes batalhas tem desbaratadas,  
Que as Agueas nas bandeiras tẽ pintadas.

6.

Assim o Gentio diz, responde o Gama,  
 Este que ves pastor já foi de gado,  
 Viriato sabemos que se cbama,  
 Destro na lança mais que no cajado:  
 Injuriada tem de Roma a fama,  
 Vencedor inuenciuel affamado,  
 Não tem coelle não, nem ter puderão  
 O primor que com Pyrrho já tiuerão,

7.

Com força não: com manha vergonhosa,  
 A vida lhe tirarão que os espanta,  
 Que o grãde aperto em gente, inda q̃ hõrosa  
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:  
 Outro està aqui que contra a patria irosa  
 Degradado com nosco se alleuanta,  
 Escolheo bem com quem se alleuantasse  
 Para que eternamente se illustrasse.

8.

Ves com nosco tambem vence as bandeiras  
 Dessas aues de Iuppiter validas,  
 Que já n'aquelle tempo as mais guerreiras  
 Gentes de nos souberão sir vencidas:  
 Olha tão sotis artes & maneiras,  
 Para acquerir os pouos tão fingidas  
 A fatidica cerua que o auisa,  
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

9.

Olha estoutra bandeira & ve pintado,  
O grão progenitor dos reis primeiros,  
Nos Vngaro o fazemos, porein nado  
Crein ser em Lotharingia os estrangeiros:  
Despois de ter cos Mouros superado  
Gallegos, & Leoneses caualleiros,  
Aa casa Santa passa o santo Henrique,  
Porque o tronco dos reis se santifique.

10.

Quem he me dize estoutro que me espanta,  
Pergunta o Malabar marauilhado,  
Que tantos esquadrões, que gente tanta,  
Com tão pouca, tem roto & destroçado:  
Tantos muros asperrimos quebranta,  
Tantas batalhas dá nunca cansado,  
Tantas coroas tem por tantas partes,  
A seus pés derribadas, & estandartes?

11.

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,  
Que todo Portugal aos Mouros toma,  
Por quem no Estigio lago jura a fama,  
De mais não celebrar nenhum de Roma:  
Este he aquelle zeloso á quem deos ama,  
Com cujo braço o Moura imigo doma,  
Para quem de seu reino abaxa os muros,  
Nada deixando já pera os futuros.

12.

Se Cesar, se Alexandre rei tiverão,  
 Tão pequeno poder, tão pouca gente,  
 Contra tantos inimigos quantos erão,  
 Os que desbaratava este excellente,  
 Não creas que seus nomes se estenderão  
 Com glorias immortais tão largamente:  
 Mas deixa os feitos seus ineplicaveis,  
 Ve que os de seus vassallos são notaveis.

13.

Este que ves olhar com gesto yrado,  
 Para o rompido alumno mal sofrido,  
 Dizendo lhe que o exercito espalhado,  
 Recolha, & torne ao campo defendido:  
 Torna o moço do velho acompanhado,  
 Que vencedor o torna de vencido,  
 E gas moniz se chama o forte velho  
 Para leais vassallos claro espelho.

14.

Vello ca vai cos filhos a entregar se,  
 A corda ao collo, nu de seda & pano,  
 Porque não quis o moço sog veitar se,  
 Como elle promettera ao Castil' ano:  
 Fez com siza & promessas levantar se  
 O circo que ja estava soberano,  
 Os filhos & a mulher obriga aa pena,  
 Para que a senhor salve, a si condena.

Não fez o Consultante que cercado  
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante  
 Quando a passar por baxo foi forçado  
 Do Samnitico jugo triumphante:  
 Este pello seu pouo injuriado,  
 Assi se entrega sò firme & constante,  
 Est' outro assi, & os filhos naturais,  
 E a consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saindo di cilada,  
 Dà sobre o rei que cerca a villa forte,  
 Ia o rei tem preso, & a villa descercada  
 Illustre feito digno de Mauorte,  
 Vello ca vay pintado nesta armada  
 No mar tambẽ aos Mouros dando a morte,  
 Tomando lhe as gales, leuando a gloria,  
 Da primeira maritima vittoria.

He dom Fuas Roupinho que na terra,  
 E no mar resplandesce juntamente,  
 Co fogo que acendeo junto da serra  
 De Abila, nas gales da Maura gente  
 Olba como em tão justa & santa guerra  
 De acabar pelejando està contente:  
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma  
 Triunfando nos cèos com justa palma.

18.

Não ves hum ajuntamento d' estrangeiro  
 Trajo, sair da grande armada noua,  
 Qu' ajuda à combater o rei primeiro  
 Lisboa, de si dando santa proua:  
 Olha Henrique famoso caualleiro,  
 A palma que lhe nasce junto àa coua,  
 Por elles mostra deos milagre visto,  
 Germanos são os Martyres de Christo.

19.

Hum sacerdote vê brandindo a espada,  
 Contra Arronches que toma, por vingança  
 De Leiria, que d' antes foi tomada,  
 Porquem por Masamede enresta à lança:  
 He Teotonio prior: mas vê cercada  
 Santarem, & veras a segurança  
 Da figura nos muros, que primeira  
 Subindo ergueo das quinas à bandeira:

20.

Vello ca donde Sancho desbarata  
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,  
 Os inimigos rompendo, o alferez matta,  
 E Hispalico pendão derriba em terra.  
 Mem Moniz he, que em si o valor retratta,  
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,  
 Digno destas bandeiras, pois sem falta  
 A contraria derriba, & a sua exalta.

# OS LVSIADAS DE L. DE CA

21.

Olha a quelle que deçe pela lança,  
Com as duas cabeças dos vigias,  
Onde a çilada esconde, com que alcança  
A cidade por manhas & ousadias:  
Ella por armas toma a semelhança  
Do caualleiro, que as cabeças frias  
Na mão leuaua, feito nunca feito,  
Giraldos sem pavor he o forte peito.

22.

Não vês hum Castelhana, que aggrauado,  
D' Affonso nouo rei, pelo odio antigo  
Dos de Lara cos Mouros he deitado,  
De Portugal fazendose inimigo?  
Abrantes villa toma acompanhado  
Dos duros infieis que traz consigo:  
Mas vê que hum Portugues com pouca gête  
O desbarata & o prende ousadamente.

23.

Martim Lopez se chama o caualleiro,  
Que destes leuar pode a palma, & o louro:  
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,  
Que em lança de aço torna o bago d'ouro:  
Vello entre os duuidosos tão inteiro,  
Em não negar batalha ao brauo Mouro,  
Olha o final no céu que lhe appareçe,  
Com que nos poucos seus o esforço cresce.

Vês

24.

Vesvão os reis de Cordoua & Seuilba,  
 Rottos, cos outros dous, & não de espaço,  
 Rottos? mas antes mortos, marauilha  
 Feita de deos, que não de humano braço:  
 Vès já a villa de Alcaçare se humilha,  
 Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,  
 A dom Matheus o Bispo de Lisboa,  
 Que a corou de palma alli coroa.

25.

Olha hum Mestre que deçe de Castella.  
 Portugues de nação, como conquista  
 A terra dos Algarucs, & já nella  
 Não acha quẽ por armas lhe resista,  
 Com manha, esforço, & cõ benigna estrella  
 Villas, castellos toma à escalla vista:  
 Ves Tauila tomada aos moradores,  
 Em vingança dos sete caçadores.

26.

Vès com bellica astucia ao Mouro ganha  
 Silues, qu'elle ganhou com força ingente,  
 He dom Paio Correa, cuja manha  
 E grande esforço faz enueja àa gente:  
 Mas não passes os tres q' e Frãça & Espanha  
 Se fazem conhecer perpetuamente,  
 Em desafios, justas & torneos,  
 Nellas deixando publicos tropheos.

# OS LYSIADAS DE L. DE CA

27.

Vellos como co nome de aventureiros,  
A Castella, onde o preço sos leuãrão  
Dos jogos de Bellona verdadeiros,  
Que com dano de algũs se exercitarão,  
Vê mortos os soberbos caualleiros,  
Que o principal dos tres desafiarão,  
Que Gonçallo Ribeiro se nomea,  
Que pode não temer a ley Lethea.

28.

Attenta n'hum que à fama tanto estende,  
Que de nenhum passado se contenta,  
Que a patria que de hum fraco fio pende  
Sobre seus duros hombros a sustenta,  
Não no ves tinto de ira, que reprende  
A vil desconfiança inerte & lenta  
Do pouo, & faz que tome o doce freo,  
De rei seu natural, & não d'alheo.

29.

Olba por seu conselho & ousadia,  
De deos guiada sò, & de santa strella:  
Sò pode o que impossivel parescia,  
Vencer o pouo ingente de Castella:  
Ves por industria, esforço, & valentia  
Outro estrago & vittoria clara & bella:  
Na gente, assi feroz como infinita,  
Qu'entre o Tarteso, & Goadiana habita.

Mas,

30.

Mas não ves quasi já desbaratado,  
 O poder Lusitano, pella ausencia  
 Do capitão deuoto, qu' apartado  
 Orando vestocêo pode clemencia  
 Vello compressa já dos seus achado,  
 Que lhe dizem que falta resistencia  
 Contra poder tamanho, & que viesse,  
 Por que consigo esforço àos fracos desse.

13.

Mas olha com que santa confiança,  
 Que inda não era tempò respondia,  
 Como quem tinha em deos a seguransça  
 Da vittoria, que logo lhe daria:  
 Assi Pompilio, ouuindo que à possansça  
 Dos imigos a terra lhe corria,  
 A quem lhe a dura noua estaua dando,  
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

32.

Se quem com tanto esforço em deos se atrene,  
 Ouuir quiseres como se nomea,  
 Portugues scipião chamar se deue:  
 Mas mais de dom Nuno Alvarez sarrea  
 Ditosa patria que tal filho teue:  
 Mas antes pay, que em quanto o sol rodea:  
 Este globo de Ceres & Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal aluno.

# OS LVSIADAS DE L. DE CA.

33.

Na mesma guerra vê que presas ganha,  
Estoutro capitão de pouca gente,  
Commédadores vence, & o gado appanha,  
Que leuauão roubado ousadamente:  
Outra vez ve que a lança em sangue banha  
Destes, sò por liurar com amor ardente  
O preso amigo, preso por leal,  
Pero Rodriguez he do Landroal.

34.

Olha este desleal o como paga  
O perjurio que fez & vil engano,  
Gil Fernandez he d' Eluas quem o estraga,  
E faz vir à passar o vltimo danno:  
De Xerez rouba o campo, & quasi alarga  
Co sangue de seus donos Castelhanao:  
Mas olha Rui Pireira que co rosto  
Faz escudo às gales, diante posto.

35.

Olha que dezefete Lusitanos,  
Neste outeiro subidos se defendem,  
Fortes de quatrocentos Castelhanos,  
Que em derredor pelos tomar se estendem.  
Porem logo sentiraõ com seus danos,  
Que não sò se defendem, mas offendem,  
Digno feito de ser no mundo eterno,  
Grande no tempo antigo & no moderno.

Sabese

36.

Sabese antigamente que trezentos  
 Là contra mil Romanos pelejarão,  
 No tempo que os viris atreuimentos  
 De Viriato tanto se illustrarão,  
 E delles alcançando vencimentos  
 Memoraveis, de herança nos deixarão,  
 Que os muitos por ser poucos não temamos  
 O que despois mil vezes ammostramos.

37.

Olha qua dous Inffantes Pedro & Henrique,  
 Progenie generosa de loane,  
 Aquelle faz que fama illustre fique  
 Delle em Germania, com q̄ a morte engane:  
 Este, que ella nos mares o pubrique,  
 Por seu descobridor, & desengane  
 De Ceita a Maura tumida vaidade,  
 Primeiro entrando as portas da cidade.

38.

Ves o conde dom Pedro que sustenta  
 Dous cercos contra toda a Barbaria,  
 Ves outro conde está que representa  
 Em terra Marte, em forças & ousadia,  
 De poder defender se não contenta  
 Alcaçere da ingente companhia:  
 Mas do seu rei defende a cara vida,  
 Pondo por muro a sua, alli perdida.

Outros

OS LYSIADAS DEL. DE CA.

39.

Outros muitos verias, que os pintores  
Aqui tambem por certo pintarião:  
Mas faltalhe pincel, faltão lhe cores,  
Honra, premio, fauor que as artes crião,  
Culpa dos viciosos successores,  
Que degenerão certo, & se desuião  
Do lustre, & do valor dos seus passados,  
Em gostos & vaidades atolados.

40.

Aquelles pais illustres que já derão  
Principio áa geração que delles pende,  
Pella virtude muyto antão fizerão,  
E por deixar a casa que descende,  
Cegos, que dos trabalhos que teuerão,  
Se alta fama & rumor delles se estende,  
Escuros deixão sempre seus menores,  
Com lhe deixar descansos corrutores.

42.

Outros tambem hã grandes & abastados,  
Sem nenhum tronco illustre donde venhão,  
Culpa de reis, que áas vezes a priuados  
Daõ mais q̃ a mil, q̃ esforço & saber tenhão.  
Estes os seus não querem ver pintados,  
Crendo que cores vaãs lhe não conuenhão,  
E como a seu contrario natural,  
Aa pintura à que falla querem mal.

42.

Não nego que há com tudo descendentes  
 Do generoso tronco, & casa rica  
 Que com costumes altos & excellentes  
 Sustentão a nobreza que lhe fica:  
 E s'a luz dos antigos seus parentes  
 Nelles mais o valor não clarifica,  
 Não falta ao menos, nem se faz escura:  
 Mas destes acha poucos a pintura.

43.

Assi està declarando os grandes feitos,  
 O Gama que alli mostra a varia tinta,  
 Que a douta mão tão claros, tão perfeitos  
 Do singular artifice alli pinta:  
 Os olhos tinha promptos & direitos,  
 O Catual na historia bem distinta,  
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,  
 As gostosas batalhas que alli via.

44.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,  
 Porque a alampada grande se escondia  
 Debaxo do orizonte & luminosa  
 Leuava aos antipodas o dia,  
 Quando o Gentio, & a gente generosa,  
 Dos Naires, da nao forte se partia  
 A buscar o repouso que descansa,  
 Os lassos animais, na noite mansa,

Entre

# OS LVSIADAS DE L. DE CÃ.

45.

Entre tanto os aruspices famosos  
Na falsa opiniaõ, qu'em sacrificios  
Anteuem sempre os casus duuidosos,  
Por sinais diabolicos, & indicios.  
Mandados do rei proprio, estudiosos  
Exercitauaõ a arte & seus officios,  
Sobr' esta vinda desta gente estranha,  
Que as suas terras vê da ignota Hespanna

46.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,  
De como a noua gente lhe seria  
Iugo perpetuo, eterno cattiuo,  
Destruicão de gente, & de valia:  
Vaise espantado o attonito agoureiro  
Dizer ao rei (segundo o que entendia)  
Os sinais temerosos que alcançara  
Nas entranhas das victimas que oulbara.

47.

A isto mais se ajunta qu'hum deuoto  
Sacerdote da les de Masamede,  
Dos odios concebidos não remoto,  
Contra à diuina Fe, que tudo excede.  
Em forma do propheta falso & notho,  
Que do filho da escrava Agar procede,  
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,  
Que de seus odios inda se não desce.

E diz

48.

E diz lhe assi: guardaiuos gente minha,  
 Domal que se apparelha pelo inimigo  
 Que pelas agoas humidas caminha,  
 Antes que esteis mais perto do perigo:  
 Isto dizendo acorda o Mourro asinha,  
 Espantado do sonho: mas consigo  
 Cui ta que não he mais que sonho usado  
 Torna â dormir quieto & sossegado.

49.

Torna Baccho dizendo, não conbesces  
 O grão legislador que a teus passados  
 Tem mostrado o preceito a que obedesces  
 Sem o qual foreis muitos baptizados?  
 Eu parti rudo vello, & tu adormesces?  
 Pois saberas que aquelles que chegados  
 De nouo saõ, seraõ muy grande dano  
 Da lei que eu dei ao nescio pouo humano.

50.

Em quanto he fraca a força desta gente,  
 Ordena como em tudo se resista,  
 Porque quando o sol sae facilmente  
 Se pode nelle por a aguda vista:  
 Porem despois que sobe claro & ardente,  
 S'agudeza dos olhos o conquista,  
 Tão cega fica, quanto ficareis  
 Se raizes criar lhe não tolheis.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

51.

Isto ditto, elle o sono se despede,  
Tremendo fica o attonito Agareno  
Salta da cama, lume aos seruos pede  
Laurando nelle o feruido veneno:  
Tanto que a noua luz que ao sol precede  
Mostrara rosto angelico & sereno,  
Conuoca os principais da torpe ceita,  
Aos quais do que sonhou dà conta estreita.

52.

Diuersos pareceres & contrarios  
Alli se dão segundo o que entendiaõ,  
Astutas traições, enganos varios,  
Perfidias inuentauaõ & teciaõ:  
Mas deixando conselhos temerarios,  
Destruicão da gente prentendiaõ,  
Por manhas mais sotis & ar dis milhores,  
Com peitas acquerindo os regedores.

53.

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas  
Conciliaõ da terra os principais,  
E com razões notauéis & discretas  
Mostraõ ser perdição dos naturais.  
Dizendo que são gentes inquietas,  
Que os mares discorrendo occidentais,  
Viuem sò de piratitas rapinas,  
Sem rei, sem leis humanas ou diuinãs.

O quanto

54.

O quanto deue o rei que bem gouerna,  
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,  
 De consciencia, & de virtude interna,  
 E de sincero amor sejam dotados:  
 Porque como este posto na superna  
 Cadeira, pode mal dos apartados  
 Negocios, ter noticia mais inteira,  
 Do que lhe der a lingua conselheira.

55.

Nem tão pouco direy que tome tanto  
 Em grosso, a consciencia limpa & certa  
 Que se enleue n' hū pobre & humilde manto,  
 Onde ambição a caso ande encuberta.  
 E quando hū bom em tudo he justo & santo  
 Em negocios do mundo pouco acerta,  
 Que mal coelles poderá ter conta,  
 A quieta innocencia, em sò deos pronta.

56.

Mas aquelles auaros Catuais,  
 Que o Gentilico pouo governauão,  
 Induzidos das gentes infernais,  
 O Portugues despacho dilatauão:  
 Mas o Gama, que não pretende mais,  
 De tudo quanto os Mouros ordenauão,  
 Que leuar a seu rei hum final certo  
 Do mundo, que deixaua descuberto.

Nisto trabalha sò, quem bem sabia  
 Que despois que leuasse esta certeza,  
 Armas, & naos, & gentes mandaria  
 Manoel, que exercita a summa alteza.  
 Com que a seu jugo & lei sometteria  
 Das terras, & do mar a redondeza,  
 Qu'elle não era mais que hum diligente  
 Descobridor das terras do oriente.

Fallar ao rei gentio determina,  
 Porque com seu despacho se tornasse,  
 Que ja sentia em tudo da malina  
 Gente impedirse quanto desejasse.  
 O rei que da noticia falsa, & indina  
 Não era despantar s'espantasse,  
 Que tão credulo era em seus agouros,  
 E mais sendo affirmados pellos Mouros.

Este temor lhe esfria o baixo peito:  
 Por outra parte a força da cobiça,  
 A quem por natureza està suggeito,  
 Hum desejo immortal lhe acende, & atiça.  
 Que bem vê que grandissimo proueito  
 Fará, se com verdade, & com justiça  
 O contrato fizer por longos annos,  
 Que lhe comette o rei dos Lusitanos.

60.

Sobre isto nos conselhos que tomava,  
 Achava muy contrarios pareceres,  
 Que naquelles, com quem se aconselhava,  
 Executa o dinheiro seus poderes:  
 O grande capitão chamar mandava,  
 A quem chegado disse, se quiseses  
 Confessar-me a verdade limpa, & nua,  
 Perdão alcançaras da culpa tua.

61.

Eu sou bem informado, que a embaxada  
 Que de teu rei me deste, qu'he fingida:  
 Porque nem tu tês rei, nem patria amada,  
 Mas vagabundo vas passando a vida:  
 Que quem da Hisperid vltima allongada  
 Rei, ou senhor de insania desmedida,  
 Ha de vir cometter com naos, & frotas  
 Tão incertas viaggēs, & remotas.

62.

E se de grandes reinos poderosos.  
 O teu rei tem a regia majestade,  
 Que presentes me trazes valerosos,  
 Sinais de tua incognita verdade:  
 Com peças & dões altos sumptuosos.  
 Se liz dos reis altos a amizade  
 Que final nem penhor não he bastante,  
 As palauras d'hu vago nauegante.

## OS LUSIADAS DEL: DE CA

63.

Se por ventura vindes desterrados,  
Como já forão homẽs d'alta sorte,  
Em meu reino sereis agasalhados,  
Que toda a terra he patria para o forte:  
Ou se piratas sois ao mar vsados,  
Dizeimo sem temor de infamia, ou morte:  
Que por se sustentar em toda idade,  
Tudo faz a vital necessidade.

64.

Isto assi ditto, o Gama que já tinha  
Suspeitas das insidias que ordenava  
O Mabometico odio, donde vinha  
Aquillo que tão mal o rei cuidava:  
C'ũa alta confiança, que conuinha,  
Com que seguro credito alcançava,  
Que Venus Acidalia lhe influa,  
Tais palauras do Jabio peito abria.

65.

S'os antigos delittos, que a malicia  
Humana cometteo na prisca idade,  
Não cansarão, que o vaso da niquicia,  
Açoute tão cruel da Christandade,  
Viern por perpetua inimicicia  
Na geração d'Adão, coa falsidade  
O poderoso rei da torpe seita,  
Não conceberas tu tão má sospeita.

Mas.

Mas porque nenhum grande len se alcança  
 Sem grandes oppressões, & em todo o feito  
 Segue o temor os passos da esperança,  
 Que em suor viue sempre de seu peito.  
 Me mostras tu tão pouca confiança  
 Desta minha verdade: sem respeito  
 D'as razões em contrario que acharias  
 Senão creffes à quem não crer deuias.

Porque se eu de rapinas sò viuesse  
 Vndiuago, ou da patria desterrado,  
 Como cres que tão longe me viesse,  
 Buscar assento incognito & apartado?  
 Porque esperanças, ou porque interesse,  
 Viria esprimentando o mar yrado,  
 Os Antarticos frios, & os ardores  
 Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes d'alta estima  
 O credito me pedes do que digo,  
 Eu nã vim mais q' a achar o estrange Clima  
 Onde a natura pos teu reino antigo:  
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,  
 Qu'eu torne à minha patria & reino amigo  
 Então veràs o dom soberbo & rico  
 Com que minha tornada certico.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

69.

Se te parece inopinado feito,  
Que rei da vltima Hesperia à ti me mande,  
O coração sublime, o regio peito,  
Nenhum caso possivel tem por grande.  
Bem parece que o nobre & grão conceito  
Do Lusitano spirito demande  
Maior credito, & se de mais alteza,  
Que crea delle tanta fortaleza.

70.

Sabe que há muitos annos, que os antigos  
Reis nossos firmemente propuserão  
De vencer os trabalhos, & perigos,  
Que sempre às grandes coujas se opuserão  
E descobrindo os mares inimigos  
Do quieto descanso, pretenderão  
De saber que fim tinhaõ, & onde estanaõ  
As derradeiras praias que lanuaõ.

71.

Conceito digno foi do ramo claro  
Do venturoso rei, que aron primeiro  
O mar, por yr deitar do ninho caro  
O morador de Abila derradeiro:  
Este por sua industria, & engenho raro,  
N'ũ madeiro ajuntando outro madeiro,  
Descobrir pode a parte, que faz clara  
D'Argos, da Idra a luz, da Lebre, e da Ara  
Crescendo

72.

Crescendo cos successos bons primeyros  
 No peyto as ousadias, descobrirão  
 Pouco & pouco caminhos estrangeyros,  
 Que hūs succededo aos outros profeguirão:  
 D' Affrica os moradores derradeyros  
 Austrais, que nūqua as sette flammaz virão,  
 Forão vistos de nos, atras deyxando  
 Quantos estão os Tropiccos queymando.

73.

Assi com firme peito, & com tamanho  
 Proposito vencemos à Fortuna,  
 Hattè que nos no teu terreno estranho  
 Viemos por a vltima columna:  
 Rompendo a força do liquido Estanho  
 Da tempestade horrifica, & importuna  
 Ati chegamos de quem sò queremos  
 Sinal, que ão nosso rey de ti leuemos.

74.

Esta he a verdade rei, que não faria  
 Por tão incerto bem, tão fraco premio  
 Qual, não sendo isto assi. esperar podia,  
 Tão longo tão fingido, & vão proemio:  
 Mas antes descansar me deyxaria  
 No nunca descansado & fero gremio  
 Da madre tethys, qual pirata inisco  
 Dos trabalhos al. eos feyto rico.

# OS LUSIADAS DE L. DE CA

75.

Assi que ô rei, se minha grão verdade  
Tês por qual he, sincera, & não dobrada,  
Ajuntame ao despacho breuidade,  
Não me impidas o gosto da tornada:  
E s'inda te parece falsidade,  
Cuyda bem na razão que esta prouada,  
Que com claro juyzo pode ver se,  
Que facil he a verdade dentender se.

76.

A tentto estaua o rei na segurança,  
Com que prouaua o Gama o que dizia,  
Conheste delle certa confiança,  
Credito firme, em quanto proferia.  
Pondera, das palauras a abastança,  
Julga na autoridade grão valia,  
Começa de julgar por enganados.  
Os Catuais curruttos, mal julgados.

77.

Iuntamente a cobiça do proueyto,  
Que espera do contrato Lusitano,  
O faz obedescer, & ter respeyto,  
Co capitão, & não co Mauro engano:  
Enfim ao Gama manda, que direyto  
Aas naos se vâ, & seguro d'algum danô  
Possa a terra mandar. qualquer fazenda,  
Que pella especiaria troque, & venda.

Que.

78.

Que mande da fazenda enfim lhe manda,  
 Que nos reinos Gangeticos faleſca,  
 Salgũa traz idonea là da banda  
 Donde a terra ſe acaba, & o mar começa;  
 Là da real preſença veneranda  
 Se parte o capitão, pera onde peça  
 Ao Catual, que delle tinha cargo  
 Embarcação, que a ſua eſta de largo.

79.

Embarcação que o leue âas naos lhe pede:  
 Mas o mau regedor, que novos laços  
 Lhe machinava, nada lhe concede,  
 Interpondo tardanças & embaraços:  
 Cuelle parte ao caes, porque o arrede  
 Longe quanto poder dos regios paços,  
 Onde, ſem que ſeu rei tenha noticia,  
 Faça o que lhe inſinar ſua malicia.

80.

Là bem longe lhe diz, que lhe daria  
 Embarcação baſtante, em que partiſſe,  
 Ou que pera a luz craſtina do dia  
 Futuro, ſua partida diſſiriſſe:  
 Là côm tantas tardanças entendia  
 O Gama, que o Gentio conſentiſſe  
 Na ma tenção dos Mouros, torpe & fera,  
 O que delle attê lr não entendera:

# OS LVSIADAS DE L. DE CA.

81.

Era este Catual, hum dos que estauão  
Corruttos pella Maumetana gente,  
O principal por quem se governauão  
As cidades do Samorimpotente:  
Delle samente os Mouros esperauão  
E feyt o a seus enganos torpemente,  
Elle, que no concerto vil conspira  
De suas esperanças não delira.

82.

O Gama com instancia lhe requere  
Que o mande por nas naos, & não lhe val,  
E que assi lho mandàra, lhe refere,  
O nobre successor de Perimal:  
Porque razão lhe impede & lhe difere  
A fazenda trazer de Portugal,  
Pois aquillo que os reis já tem mandado  
Não pode ser por outrem derogado?

83.

Pouco obedece o Catual corrutto  
A tais palauras, antes reuoluendo  
Na fantasia algum sutil, & astuto  
Engano diabolico, & stupendo.  
Ou como banbar possa o ferro bruto  
No sangue auorrecido, estaua vendo,  
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,  
Porque uenhuã áa patria mais turnasse.

Que

84.

Que nenhum torne à patria só pretende  
 O conselho infernal dos Maumetanos,  
 Porque não saiba nunca onde se estende  
 A terra Eoa o rei dos Lusitanos:  
 Não parte o Gama em fim, que lho defende  
 O regedor dos barbaros profanos,  
 Nem sem licença sua yr se podia,  
 Que as alnádias todas lhe tolhia.

85.

Aos brados & razões do capitão,  
 Respondeo o Idolatra, que mandasse  
 Chegar àa terra as naus, que longe estão,  
 Porque melhor dalli fosse, & tornasse  
 Sinal he de inimigo, & de ladraão,  
 Que la tão longe a frota se alargasse,  
 Lhe diz, por que do certo & fido amigo  
 He não temer do seu nenhum perigo.

86.

Nestas palauras o discreto Gama  
 Enxerga bem, que as naos deseja perto  
 O Catual, porque com ferro, & flama  
 Lhas assalte, por odio descuberto:  
 Em varios pensamentos se derrama:  
 Fantasiando esta remedio certo,  
 Que desse a quanto mal se lhe ordenava,  
 Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Qual

OS LVSADAS DEL. DE CA.

87.

Qual o reflexo lume do polido  
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,  
Que do rayo solar sendo ferido,  
Vai ferir n'outra parte luminoso.  
E sendo da ociosa mão mouido  
Pella casa do moço curioso,  
Anda pelas paredes, & telhado,  
Tremulo, aqui & alli, & de ssosegado.

88.

Tal o vago juyzo fluctuaua  
Do Gama preso, quando lhe lembrára  
Coelho, te por caso o esperaua  
Na praia cos bateis, como ordenára:  
Logo secretamente lhe mandaua,  
Que se tornasse âa frota, que deixára,  
Não fosse salteado dos enganos,  
Que esperaua, dos feros Maumetanos.

89.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte  
Imitar os illustres, & igoalallos,  
Voar co pensamento a toda parte,  
Adiuinhar perigos, & euitallos:  
Com militar engenho, & sutil arte  
Entender os inimigos, & enganallos,  
Crer tudo em fim, que nunca louuarey  
O capitão que diga, não cuidey.

90.

Infiste o Malabar em tello preso,  
 Senão manda chegar à terra à armada,  
 Elle constante, & de yra nobre áceso,  
 Os ameaços seus não teme nada:  
 Que antes quer sobre si tomar o peso,  
 De quanto mal a vil malicia ousada  
 L'andar armando, que por em ventura  
 A frota de seu rei, que tem segura.

91.

Aquella noite esteve alli detido,  
 E parte do outro dia, quando ordena  
 De se tornar ao rei mas impedido  
 Foi da guarda que tinha não pequena:  
 Comette lhe o Gentio outro partido,  
 Temendo de seu rei castigo, ou pena,  
 Se sabe esta malicia, à qual asinha  
 Saberà, se mais tempo alli o detinha.

92.

Diz lhe que mande vir toda a fazenda  
 Vendibil, que trazia, para à terra,  
 Para que de vagar setroque, & venda,  
 Que que não quer commercio, busca guerra:  
 Posto que os maos propositos entenda  
 O Gama, que o d'annado peito encerra,  
 Consente, porque sabe por verdade,  
 Que compra co a fazenda a liberdade.

Concertãse

# OS LYSIADAS DE L. DE CA.

93.

Concertãse que o negro mande dar,  
Embarcações idoneas com que venha,  
Que os seus bateis não quer aventurar,  
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha:  
Partem as almadias a buscar  
Mercadoria Hispana, que conuenha,  
Escreue à seu irmão, que lhe mandasse  
A fazenda, com que se resgatasse.

94.

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
A agasalhou o infame Catual:  
Coella ficam Alvaro & Diogo,  
Que a podessem vender pelo que val,  
Se mais que obrigação, que mando & rogo  
No peito vil o premio pode, & val,  
Bem o mostra o gentio a quem o entenda,  
Pois o Gama soltou pella fazenda.

95.

Por ella o solta, crendo que ali tinha  
Penhor bastante, donde recebesse  
Interesse maior do que lhe vinha,  
Se o capitão mais tempo detivesse:  
Elle vendo que já lhe não conuinha  
Tornar a terra, porque não podesse  
Ser mais retido, sendo às naos chegado  
Nellas estar se deixa descansado,

Nas

96.

Nas naos estar se deyxá vagaroso,  
 Hattè ver o que o tempo lhe descobre,  
 Que não se fia já do cobiçoso  
 Regedor corrompido, & pouco nobre.  
 Veja agora o juyz o curioso  
 Quanto no rico, assi como no pobre  
 Pode o vil interesse & sede imiga  
 Do dinheyro, que à tudo nos obriga.

97.

A Polidoro matta o rei Treicio,  
 Sò por ficar senhor do grão tesouro:  
 Entra, pelo fortissimo edificio,  
 Com a filha de Acriso a chuua d'ouro:  
 Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,  
 Que a troco do metal luzente, & louro,  
 Entrega àos inimigos a alta torre,  
 Do qual quasi affogada empago morre.

98.

Este rende munidas fortalezas,  
 Faz tredores, & falsos os amigos,  
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
 E entrega capitaes aos inimigos:  
 Este corrompe virginais purezas,  
 Sem temer d'honra, ou fama algũs perigos  
 Este deprava as vezes às sciencias,  
 Os juyz os cegando, & as consciencias.

Este

Este interpreta mais que sutilmente  
 Os textos este faz & desfaz leis:  
 Este causa os perjuros entre a gente:  
 E mil vezes tyrndooos torna os reis.  
 Hattè os proprios irmãos que estreytamète  
 Amor ligou, mil vezes ouuireis  
 Que corrompe este encantador, & illude:  
 Mas não sem cor com tudo de vir tude.

F I M.

Canto Nono.

I.



Iuerão longamente nã cidã  
de

Sem vender se a fazenda os do  
us feitores,

Que os infieis por manha, & falsidade  
 Fazem, que não lba comprem mercadores,  
 Que todo seu proposito, & vontade  
 Era, deter alli os descubridores  
 Da India, tanto tempo que viessem  
 De Meca as naos, que as suas desfizessem.

La no

2.

La no seio Erythreo, onde fundada  
 Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,  
 Do nome da irmã sua assi chamada,  
 Que despois em Suez se connerteo,  
 Não longe, o porto jaz da nomeada  
 Cidade Meca, que s'engrandesceo  
 Com a superstição falsa, & profana,  
 Da religiosa agoa Maumetana.

3.

Gidá se chama o porto, aonde o tratto  
 De todo o roxo mar mais florescia,  
 De que tinha proueito grande, & grato  
 O Soldão que esse reino possuia:  
 Daqui aos Malabares, por contrato  
 Dos infieis, fermosa companhia  
 De grandes naos, pelo Indico oceano,  
 Especiaria vem buscar cada anno.

4.

Por estas naos os Mouros esperauão,  
 Que como fossem grandes & possantes  
 Aquellas, que o commercio lhe tomauão,  
 Com flammias abrasassem crepitantes:  
 Neste socorro tanto confiauão,  
 Que já não querem mais dos nauegantes,  
 Senão que tanto tempo ali tardassem,  
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

T

Mas

# OS LVSIADAS DE L. DE CA.

5.

Mas o gouernador dos cêos, & gentes;  
Que para quanto tem determinado,  
De longe os meos dá conuenientes,  
Por onde vem à effeito o fim sadado.  
Influo piadosos accidentes  
De afeição em Monçai de, que guardado  
Estaua para dar ao Gama auiso,  
E merecer por isso o parayso.

6.

Este de quem se os Mouros não guardauão,  
Por ser Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinauão,  
A tençaõ lhe descobre torpe, & fera:  
Muitas vezes as naos que longe estauão  
Visita, & com piedade considera  
O danno, sem razão, que se lhe ordena,  
Pella maligna gente Sarracena.

7.

Informa o cauto Gama das armadas;  
Que d' Arabica Meca vem quad' anno,  
Que agora são dos seus tão desejadas,  
Para ser instrumento deste danno.  
Diz lhe que vem de gente carregadas,  
E dos trouões horrendos de Vulcano,  
E que pode ser dellas opprimido,  
Segundo estaua mal appercebido.

8.

OG1 ma que tambem considerava  
 O tempo, que para a partida o chama,  
 E que despacho já não esperava  
 Milhor do rei, que os Maumetanos ama:  
 Aos feitores, que em terra estão, mandava  
 Que se tornem às naos: & por que a fama  
 Desta subita vinda os não impida,  
 Lhe manda que a fizessem escondida.

9.

Porem não tardou muito, que voando  
 Hum rumor não soasse com verdade,  
 Que forão presos os feitores, quando  
 Forão sentidos virse da cidade:  
 Esta fama as orelhas penetrando  
 Do sabio capitão, com brevidade  
 Faz represaria n'haús, que às naos vierão,  
 A vender pedraria que trouxeraõ.

10.

Eraõ estes antigos mercadores  
 Ricos em Calecú, & conhecidos  
 Da falca dellis, logo entre os melhores  
 Sentido foi que stão no mar retidos:  
 Mas já nas naos os bõs trabalhadores,  
 Vluem o cabrestante, & repartidos  
 Pello trabalho, lús puxaõ pella amarra,  
 Outros quebrãõ co peito duro a barra.

# OS LUSIADAS DE L. DE CA

11.

Outros pendem da verga, & já desatão  
A vella, que com grita se soltava,  
Quando com maior grita ao rei relatão  
A pressa, com que a armada se leuana:  
As mulheres & filhos, que se mattão  
D'aquelles que vão presos, onde estava  
O Samorim, se aqueixão que perdidos  
Hũdem os pais, as outras os maridos.

12.

Manda logo os feitores Lusitanos  
Com toda sua fazenda liurement e,  
A pesar dos inimigos Maumetanos,  
Por que lhe torne a sua presa gente:  
Desculpas manda o rei de seus engannos,  
Recebe o capitão de melhormente  
Os presos, que as desculpas, & tornando  
Algũs negros, se parte as velas dando.

13.

Partese costa abaixo, por que entende  
Que em vão co rei gentio trabalhava,  
Em querer delle paz, a qual pretende  
Por firmar o comercio que tratava:  
Mas como aquella terra que se estende  
Pela Aurora, sabida já deixava,  
Com estas novas torna aa patria cara,  
Certos sinais levando do que achara.

Leua.

14.

Leua algũs Malabares, que tomou  
 Per força, dos que o Samorim mandara,  
 Quando os presos feitores lle t rncu:  
 Leua primenta ardente que comprara:  
 Aseca flor de Banda não ficou,  
 A Noz, & o negro crauo, que faz clara  
 A noua ilha Maluco, coa canella,  
 Com que Ceilão he rica illustre & bella.

15.

Isto tudo 'be ouuera à deligrncia  
 De Monçude fiel, que tambem leua,  
 Que inspirado de Angelica influencia,  
 Quer no liuro de Christo que se escreua.  
 O ditoso Affricano, que a clemencia  
 Diuina assi tirou d'escura treua,  
 Etão longe da patria achou maneira,  
 Para subir àa patria verdadeira.

16.

Apartadas assi da ardente costa,  
 As venturosas naos, leuando a proa  
 Para onde a natureza tinha posta  
 A meta Austrina da esperança boa,  
 Leuando alegres nouas & reposta,  
 Da parte oriental para Lisboa,  
 Outra vez comettendo os dui os medos  
 Do mar incerto, tímidos & ledas.

O prazer de chegar à patria cara,  
 A seus penates caros & parentes,  
 Para contar a peregrina, & rara  
 Naugação, os varios céos, & gentes,  
 Vir a lograr o premio, que ganhara  
 Por tão longos trabalhos, & accidentes,  
 Cada hum, tem por gosto tão perfeito,  
 Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a deosa Cypria, que ordenada  
 Era para favor dos Lusitanos  
 Do padre eterno, & por bom genio dada  
 Que sempre os guia já de longos annos,  
 Agloria por trabalhos alcançada,  
 Satisfação de bem sofridos dannos,  
 Lhe andava já ordenando, & pretendia  
 Darlhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco reuoluido  
 Na mente, o largo mar que nauegarão,  
 Os trabalhos, que pello deos nascido,  
 Nas Amphioneas Thebas, se causarão.  
 Lá trazia de longe no sentido,  
 Para premio de quanto mal passarão,  
 Buscarlhe algum deleite, algum descanso  
 No reino de cristal liquido, & manso.

20.

Algun repouso em fim, com que podesse  
 Re fucilar a lassa humanidade  
 Dos nauegantes seus, como interesse  
 Do trabalho, qu'incurta a breue idade:  
 Parecelhe razão que conta desse  
 A seu filho, por cuja potestade  
 Os deoses faz decer ao vil terreno,  
 E os humanos subir ao cèo sereno.

21.

Isto bem reuoluido, determina  
 De terlhe aparelhada la no meo  
 Das agoas, algũa insula diuina,  
 Ornada d'ismaltado & verde arceos  
 Que muitas tem no reino, que confina  
 Da mãy primeira co terreno seo,  
 A fora as que possue soberanas,  
 Para dentro das portas Herculanãs.

22.

Alli quer que as aquaticas donzellas,  
 Esperem os fortissimos barões,  
 Todas as que tem tit olo de bellas,  
 Gloria dos olhos, dor dos coraçãoes.  
 Com danças, & coreas, porque nellas  
 Influida secretas affeições,  
 Para com mais vontade trabalharem  
 De contentar à quem se affeioarem.

Tal manha buscou já, para que aquelle  
 Que d' Anchises pario, bem recebido  
 Fosse no campo que a bouina pelle  
 Tomou de espaço, por sutil partido:  
 Seu filho vai buscar, por que sò nelle  
 Tem todo seu poder, fero Cupido,  
 Que assi como n'aquella empresa antiga.  
 A ajudau ji, nestoutra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues, que na vila  
 Vão da morte as exequias celebrando,  
 E aquellas em que ja foi conuertida.  
 Peristera, as boninas apanhado:  
 Em derredor de deosa já partida,  
 As prateadas vãs vão cortando:  
 Ella por onde passa o ar, & o vento  
 Sereno faz, com brando mouimento.

La sobre os Idalios montes pende,  
 Onde o filho frecheiro estaua então,  
 Ajuntando outros muitos, que pretende  
 Fazer hũa famosa expedição  
 Contra o mundo rebelde, por que emende  
 Erros grandes, que ha dias nelle estão,  
 Amando cousas que nos forão dadas,  
 Não para ser amadas, mas usadas.

26.

Via Acleon na caça, tão austero,  
 De cego na alegria bruta, insana,  
 Que por seguir hum feo animal fero,  
 Foge da gente, & bella forma humana:  
 E por castigo quer doce, & seueros,  
 Mostra lhe a fermosura de Diana,  
 E guarde se não seja inda comido  
 D'esses cães que agora ama, & consumido.

27.

E vê do mundo todo os principais,  
 Que nenhum no bem pubrico imagina,  
 Vê nelles, que não tem amor a mais  
 Que a si somete, & a quẽ Philaucia insina:  
 Vê que esses que frequentão os reais  
 Paços, por verdadeira & saã doutrina  
 Vendem adulação, que mal consente  
 Mondar-se o nouo trigo florecente.

28.

Vê que aquelles que deuem àa pobreza  
 Amor diuino, & ao pouo charidade,  
 Amão somente mandos, & riquezas,  
 Simulãdo justiça, & integridade:  
 Da fea tyrannia, & de aspereza  
 Fazem direito, & vaã seueridade:  
 Leis em fauor do rei se stabeloscem,  
 As em fauor do pouo sò perefcem.

Vcem:

Ve em fim que ninguem ama o que deue,  
 Se não o que somente mal deseja,  
 Não quer que tanto tempo se reelue,  
 O castigo que duro, & justo seja:  
 Seus ministros ajunta, por que leue  
 Exercitos conformes aa peleja,  
 Que espera ter coa mal regida gente,  
 Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,  
 Estão em varias obras trabalhando,  
 Hús amolando ferros passadores,  
 Outros hasteas de settas delgaçando,  
 Trabalhando cantando estão de amores,  
 Varios casos em verso modulando,  
 Melodia sonora, & concertada,  
 Suave a letra, angelica a soada,

Nas fragoas immortais, onde forjauão,  
 Para as settas as pontas penetrantes,  
 Por lenha, corações ardendo estauão,  
 Viuas entranhas inda palpitantes:  
 As agoas onde os ferros temperauão,  
 Lagrimas são de miseros amantes,  
 A viua flama, o nunca morto lume,  
 Desejo he só que queima, & não consume.

32.

Algũs exercitando a mão andanaõ,  
 Nos duros corações da plebe ruda,  
 Crebros suspiros pello ar soauaõ,  
 Dos que ferido s'vaõ, da setta aguda.  
 Fermosas Nymphas saõ, as que curauaõ.  
 As chagas recebidas, cuja ajuda  
 Naõ somente dà vida aos mal feridos:  
 Mas poem em vida os inda naõ nascidos.

33.

Fermosas saõ algũas, & outras feas;  
 Segundo a qualidade for das chagas;  
 Que o veneno espalhado pellas veas,  
 Curaõ no ãas vezes asperas triagas  
 Algũs ficaõ ligados em cadeas,  
 Por palauras sutis de sabias Magas,  
 Isto acontece aas vezes quando as settas  
 Acertaõ de leuar bernas secretas.

34.

Destes tiros assi desordenados,  
 Que estes moços mal destros vaõ tirando,  
 Nascem amores mil desconcertados,  
 Entre o pouo ferido miserando.  
 E tambem nos heroes de altos eçtados,  
 Exemplos mil se vem de amor nefando,  
 Qual o das moças, Bibli, & Cynirea  
 Hum mancebo de Asiria, hum de Iudea.

E vos

E vos ò poderosos por pastoras  
 Muytas vezes ferido o peyto vedes,  
 E por bayxos, & rudos vos senhoras  
 Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,  
 Elãs esperando andais nocturnas horas,  
 Outros subis telhados & paredes,  
 Mas eu creyo que deste amor indino,  
 He mais culpa a da mãy, que a do minino.

Mas jì no verde prado o carro leue,  
 Punhão os brancos cisnes mansamente,  
 E Dione, que as rosas entre a neve  
 No rosto traz, decia diligente:  
 O Frecheiro, que contra o ceo se atreue,  
 A recebella vem, ledos, & contente,  
 Vem todos os Cupidos seruidores,  
 Beijar a mão áa deusa dos amores.

Ella porque não gaste o tempo em vão,  
 Nos braços tendo o filho, confiada  
 Lhe diz, amado filho, em cuja mão  
 Toda minha potencia está fundada:  
 Filho em quem minhas forças sempre estão,  
 Tu que as armas Tipheas tês em nãda,  
 A socorrer me a tua potestade,  
 Me traz especial necessidade.

38.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,  
 Qu'eu já de muito longe fauoreço,  
 Porque das Parcas sei minhas amigas,  
 Que m' ande venerar & ter em preço.  
 E porque tanto imitação as antigas  
 Obras de meus Romanos, me offeresco  
 Albe dar tanta ajuda em quanto posso,  
 A quanto se estende o poder nesso.

39.

E porque das insidias do odioso  
 Baceho forão na India molestados,  
 E das injurias sos do mar vndoso,  
 Poderão mais ser mortos, que cansados:  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero que sejam repousados,  
 Tomando aquelle premio, & doçe gloria.  
 Do trabalho que faz clara a memoria.

40.

E pera isso queria que feridas  
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
 D'a mor dos Lusitanos encendidas,  
 Que vem de descobrir o nouo mundo.  
 Todas n'hũa illha juntas & subidas,  
 Ilha que nas entranhas do profundo  
 Oceano, terei apparelhada,  
 De dões de Flora, & Zephyro adornada.

# OS LYSIADAS DEL DECA.

41.

Alli com mil refrescos, & manjares,  
Com vinhos odoriferos, & rosas,  
Em cristalinos paços singulares,  
Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:  
Em fim com mil delectes não vulgares,  
Os espere as Nymphas amorosas,  
Damor feridas, para lhe entregarem  
Quanto dellas os olhos cobizarem.

42.

Quero que aja no reino Neptunino  
Onde eu nasci, pro genie forte & bella,  
E tome exemplo o mundo, vil, malino,  
Que contra tua potencia se revella,  
Porque entendaõ que muro adamantino,  
Nem triste hypocresia val contr'ella  
Mal auerã na terra quem se guarde,  
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

43.

Assi Venus propoz, & o fil' o inico  
Para lhe obedecer já se apersebe,  
Manda trazer o arco eburneo rico,  
Onde as settas de ponta d'ouro embebe:  
Com gesto ledo a Cypria, & impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe,  
A redea larga das aues, cujo canto  
A Paetente a morte chorou tanto.

Mas

44.

Mas diz Cupido, qu'era necessaria  
 Hũa famosa, & celebre tcrceyra,  
 Que posto que mil vezes l'he he contraria,  
 Outras muytas a tem por companheyras:  
 A deosa Gigantea temeraria,  
 Lactante, mintirosa, & verdadeyra,  
 Que com cem olhos ve, & por onde voa  
 O que vê com mil boccas apregoa.

45.

Vão a buscar, & mandão a diante,  
 Que celebrando va com tuba clara,  
 Os louvores da gente nauegante,  
 Mais do que nunca os doutrem celebrara:  
 Ia murmurando a fama penetrante  
 Pellas fundas cauernas se espalhara,  
 Fala verdade, a vida por verdade,  
 Que junto a deosa traz Credulidade.

46.

O louvor grande, o rumor excellente  
 No coração dos deoses, qu'indinados  
 Forão por Baccho contra a illustre gente,  
 Mudando os fez hum pouco a feyçoados:  
 O feyto feminiil, que leuemente  
 Muda quaesquer propositos tomados,  
 Là julga por mau zelo, & por crueza  
 Desjar mal á tanta fortaleza.

Despede

OS LYSIADAS DEL. DE CA.

47.

Despede nisto o fero moço as setas  
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,  
Dereitas pellas ondas inquietas,  
Algũas vão, & algũas fazem giros:  
Caem as Nymphas, lanção das secretas  
Entranhbas ardentissimos sospiros,  
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,  
Que tanto como a vista pode a fama.

48.

Os cornos ajuntou da eburnea lũa,  
Com força o moço indomito excessiua,  
Que sethys quer ferir mais que nenhũa,  
Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:  
La não fica na aljava setta algũa,  
Nem nos equoreos campos Nympha viua,  
E se feridas inda estão viuendo,  
Sera pera sentir que vão morrendo.

49.

Day lugar altas & ceruleas ondas,  
Que vedes Venus traz a medicina,  
Mostrando as brancas velas, & redondas  
Que vem por cima d'agoa Neptunina:  
Para que tu reciproco respondas  
Ardente amor àa flama feminina,  
He forçado que a pudicicia honesta  
Faça quanto lhe Venus amoesta.

50.

Já todo o bello coro se aparelha  
 Das Nereidas, & junto caminhava  
 Em coreas gentis, v'sança velha,  
 Para a ilha, à que Venus as guiaua:  
 Alli a fermosa deosa lbe aconselha  
 O que ella fez mil vezes, quando amava,  
 Ellas que vão do doce amor vencidas,  
 Estão à seu conselho offercidas.

51.

Cortando vão as naos a larga via  
 Do mar ingente, para a patria amada,  
 Desejando prouerse de agoa fria,  
 Para a grande viagem prolongada:  
 Quando juntas com subita alegria,  
 Ouuerão vista da ilha namorada,  
 Rompendo pelo céu a mãy fermosa  
 De Memnone, suaue & deleitosa.

52.

De longe a ilha virão fresca, & bella,  
 Que Venus pellas ondas lba leuava,  
 ( Bem com o vento leua branca vela )  
 Para onde a forte armada se enxergaua:  
 Que porque não passassem sem que nella  
 Tomassem porto, como desejava,  
 Para onde as naos nauégão a mouia  
 A Acydèlia, que tudo em fim podia.

V

Mas

Mas firme a fez & imobil, como vio  
 Que era dos nautas vista, & demandada;  
 Qual ficou Delos, tanto que pario  
 Latona Pbebo, & a deosa áa caça vsada:  
 Para lá logo a proa o mar abrio,  
 Onde a costa fazia hũa enseada  
 Curua, & quieta, cuja branca areã  
 Pintou de ruiuas conchas Cytherea.

Tres fermosos outeiros se mostrauão,  
 Erguidos com soberba graciosa,  
 Que de gramineo esmalte se adornauão,  
 Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:  
 Claras fontes & limpidas manauão  
 Do cume, que a verdura tem viçosa,  
 Por entre pedras aluas se diriuã,  
 A sonora Lympha fugitiua.

Nhum valle ameno, qu'os outeiros sende,  
 Vinhão as claras agoas ajuntarse,  
 Onde hũa mesa fazem, que se estende  
 Tão bella, quanto pode imaginar-se:  
 Aruaredo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto está para enfeitarse,  
 Vendose no cristal resplandecente,  
 Que em si o stã pintando propriamente.

56.

Mil arvores estão ao cèo subindo,  
 Com pomos odoriferos & bellos,  
 A Larangeira tem no fructo lindo  
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos:  
 Encoftase no chão, que está caindo  
 A Cidreira cos pesos amarelllos,  
 Os fermosos limoës alli cheirando  
 Estão virgineas tetas imitando.

57.

As arvores agrestes, que os onteiros  
 Tem com frondente coma ennobrecidos  
 Aemos são de Alcides, & os louceiros  
 Do louro Deos amados, & queridos:  
 Mirtos de Cytherea, cos Pinheiros  
 De Cybele por outro amor vencidos,  
 Está apontando o agudo Cypariso  
 Para onde he posto o ethereo paraíso.

58.

Os does que dà Pomona, alli natura  
 Produze differentes nos sabores,  
 Sem ter necessidade de cultura,  
 Que sem ella se dão muito milhores.  
 As cereijas porpureas na pintura,  
 As amoras, que o nome tem de amores,  
 O pomo, que da patria Persia veo,  
 Melhor tornado no terreno albeo.

Abre a romã, mostrando a rubicunda  
 Cor, com que turubi teu preço perdes:  
 Entre os braços do vlmeiro està a jocunda  
 Vide, cūs cachos, roxos & outros verdes:  
 E vos se na vossa aruore fecunda  
 Peras pyramidais viuer quiserdes,  
 Entregaiuos ao danno, que cos bicos,  
 Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,  
 Com que se cobre a rustico terreno,  
 Faz ser a de Achemenia menos dina:  
 Mas o sombrio valle mais ameno:  
 Alli a cabeça n flor Cysifia inclina,  
 Sobolo tanque lucido & sereno,  
 Floresçe o filbo & neto de Cyniras,  
 Por quem tu deosa Paphia inda suspiras..

Para julgar difficil cousa fora,  
 No cèo vendo, & na terra as mesmas cores:  
 Se daua às flores cor a bella Aurora,  
 Ou selha dão a ella as bellas flores:  
 Pintando estava alli Zephyro, & Flora:  
 As violas da cor dos amadores,  
 O lirio roxo, a fresca rosa bella,  
 Qual reluze nas faces da donzella.

62

A candida Cecem das Matutinas  
 Lagrimas rucida, & a Manjarona,  
 Vemse as letras nas flores Hyacintinas,  
 Tão queridas do filho de Latona:  
 Bem se enxerga nos pomos & boninas,  
 Que competia Cloris com Pomona,  
 Pois se as aues no ar cantando voão,  
 Alegres animais o chaõ pouoão.

63

A longo da agoa o niueo Cisne canta,  
 Responde-lhe do ramo Philomela,  
 Da sombra de seus cornos não se espanta  
 Acteon nagoa cristalina & bella:  
 Aqui a fugace Lebre se levanta  
 Da espessa mata, ou timida gazella,  
 Ali no bico traz ao caro ninho  
 O mantimento o leue passarinho.

64

Nesta frescura tal desembarcauão  
 Ia das naos os segundos Argonautas,  
 Onde pela floresta se deixauão  
 Andar as bellas Deosas como incautas,  
 Algũas doces cytaras tocavão,  
 Algũas Arpas, & sonoras frautas,  
 Outras cos arcos de ouro se fingião  
 Seguir os animais, que não seguião.

V 3

ass

Assim lho aconselhara a mestra experta,  
 Que andassem pellos campos espalhadas,  
 Que vista dos varões a presa incerta,  
 Se fizessem primeyro desejadas:  
 Algũas, que na forma descuberta  
 Do bello corpo estauão confiadas:  
 Posta a artificiosa fermosura,  
 Nuas lauar-se deixão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya  
 Punhão os pes de terra cubicosos,  
 Que não ha nenhum delles que não saya  
 De acharem caça a greste desejosos:  
 Não cuydaõ que sem laço, ou redes caya  
 Caça na quelles montes deleytosos  
 Tão suauẽ, domestica, & benina,  
 Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em espingardas, & nas bestas,  
 Pera ferir os Ceruos se fiauaõ,  
 Pellos sombrios matos, & florestas  
 Determinadamente se lançauaõ:  
 Outros nas sombras, que das altas seſtas  
 Defendem a verdura, passeauaõ  
 Ao longo da agoa, que suauẽ, & queda,  
 Por aluas pedras corre aa praya leda.

68

*Começão de enxergar subitamente*

Por entre verdes ramos varias cores,  
 Cores de quem a vista julga, & sente,  
 Que não eraõ das rosas, ou das flores,  
 Mas da lã fina & seda diferente,  
 Que mais incita a força dos ancores,  
 De que se vestem as humanas rosas,  
 Fazendose por arte mais fermosas.

69

*Da Veloso espantado hum grande grito,*  
*Senhoras caça estranha (disse) he esta,*  
*Se inda dura o Gentio antigo rito,*  
*A deosas he sagrada esta floresta:*  
*Mais descobrimos do que humano espirito*  
*Desejou nunca, & bem se manifesta*  
*Que são grandes as cousas, & excelentes*  
*Que o mundo encobre aos homens imprudêtes.*

70

*Sigamos estas Deosas, & vejamos*  
*Se fantásticas são se verdadeiras,*  
*Isto dito Velloces mais que Gamos,*  
*Se lançaõ a correr pellas ribeiras:*  
*Fugindo as Nymphas vão por entre os ramos*  
*Mas mais industriosas que lig ciras,*  
*Pouco & pouco sorrindo, & gritos dando,*  
*Se deixaõ y dos Galgos alcançando.*

D'ũa os cabellos d'ouro o vento leua  
 Que madexas d'Arabia parecião,  
 Acendese o desejo que se cêua  
 De ver que mais que o Sol resplandecião:  
 Outra coa pressa cae, & ja releua  
 Renderse aos leues pees que a seguião,  
 E por se assegurar de quem a offende,  
 Com se meter nas armas se deffende:

Outros por outra parte vão topar  
 Com as Deosas despidas que se lauão,  
 Ellas começão subito a gritar,  
 Como que assalto tal não esperauão,  
 Hũas fingindo menos estimar  
 A vergonha, que a força, se lançauão  
 Nuas por entre omato, aos olhos dando  
 Oqu e aas mãos cobifosas vão negando:

Outra como acudindo mais de pressa,  
 Aa vergonha da Deosa caçadora,  
 Esconde o corpo n'agoa, outra se apressa  
 Por tomar os vestidos que tem fora:  
 Tal dos mançebos ha que arremessa  
 Vestido assi & calçado (que co a mora  
 De se despir, ha medo que inda tarde)  
 A matar na agoa o fogo que nelle arde.

74

Qual cão de caçador sagaz, & ardido,  
 Usado a tomar na agoa a ave ferida,  
 Vendo o rosto o ferreo cano erguido,  
 Pera a Garçenba, ou Pata conhecida,  
 Antes que soe o estouro, mal sofrido  
 Salta n'agoa, & da presa não duuida,  
 Nadando vay & latindo, assi o mancebo  
 Remete a à que não era yrmaã de Phebo.

75

Lionardo soldado bem desposto,  
 Manhoso, caualleiro, & namorado,  
 A quem amor não dera hum so desgosto,  
 Mas sempre fora delle mal tratado:  
 Etinha ja por firme pro suposto  
 Ser com amores mal afortunado,  
 Porem uão que perdesse a esperança,  
 Deinda poder seu fado ter mudança.

76

Quis aqui sua ventura que corria  
 Apos Efire, exemplo de belleza  
 Que mais que as outras estimar qneria *Quem mais que as outras estimar qneria*  
 O bem que tanto val, quanto se preza,  
 Ia cansado correndo lhe dizia *O que fez p. dar. - a ventura*  
 O fermosura indigna de aspereza,  
 Pois desta vila te concedo a palma,  
 Espera hum corpo de quem leuas a alma.

Todos

Todas de correr cansaõ, Nymphã para,  
 Rendendo se aa vontade do inimigo,  
 Tu so de my so foges na espessura?  
 Quem te disse que eu era o que te siguo?  
 Se to tem dito ja aquella ventura,  
 Que em toda a parte sempre anda comigo,  
 O naõ na creas, porque eu quando a cria,  
 Mil vezes cada bora me mentia.

Naõ canfes, que me canfas, & se queres  
 Fugirme, porque naõ possa tocarte,  
 Minha ventura he tal, que inda que esperes  
 Ella fara que naõ possa alcançarte:  
 Espera, quero ver, se tu quiseres,  
 Que sutil modo busca de escaparte,  
 E notaràs no fim deste successo,  
 Tra la spica & la man, qual muro he messo.

O naõ me fujas, assi nunca o breue  
 Tempo fuja de tua fermosura,  
 Que so com refrear o passo leue,  
 Venceràs da fortuna a força dura:  
 Que Emperador, que exercito se atreue  
 A quebrantar a furia da ventura,  
 Que em quanto desejey me vai seguindo,  
 O que tu sò faras naõ me fugindo?

80

Põe-te da parte da desdita minha:  
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potent:  
 Leuas me hum coração, que liure tinha?  
 Soltamo, & correras mais leuemente.  
 Não te carrega esta alma tão mezquinha.  
 Que nesses fios de ouro reluzente  
 Atada leuas? ou despois de presa  
 Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

81

Nesta esperança so te vou seguindo,  
 Que ou tu não sofrerás o peso della,  
 Ou na virtude de teu gesto lindo,  
 Lhe mudarás a triste & dura estrella,  
 E se se lhe mudar, não vas fugindo,  
 Que amor te ferirá, gentil donzelha,  
 E tu me esperarás, se amor te fere,  
 E se me esperas, não ha mais que espere.

82

Não foge a quem a segue a Nympha tanto  
 Temida do perigo em que se via,  
 Como por ir onuindo o doce canto,  
 As namoradas magoas que dizia,  
 Mas por lhe enfraquecer com nouo espanto  
 O peito ousado, o rosto a tras voluia,  
 Mostrandolhe no gesto hum desengano,  
 Que não teme de força humana danno.

Na

Na clara luz dos olhos radiante,  
 Na graça com que o bello rosto vira,  
 Mil almas cattivara n'hum instante,  
 Nentũa lhe escapara nem fugira:  
 Porem se a Nympba altiva ao triste amante  
 As forças neste passo quebra, & tira,  
 Depois lhe mostra em fim por piedade,  
 Quanto pôde mais qu'ellas a vontade.

Dest'arte em fim conformes ja as fermosas  
 Nymphas, cos seus amados nauegantes,  
 Os ornão de capellas delectosas,  
 De louro, & d'ouro, & flores abundantes:  
 As mãos alvas lhe dauão como esposas,  
 Compalavras formaes, & stipulantes  
 Se prometem eterna companhia  
 Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilla  
 Todo o coro das Nymphas, & obedesce,  
 Que dizem ser de Celo & Vesta filha,  
 O que no gesto bello se parece,  
 Enchendo a terra, & o mar de maravilha,  
 O Capitão illustre que o mereſce,  
 Recebe ali com pompa honesta, & regia,  
 Mostrando se senhora grande, & régia,

86.

Que despois de lhe ter ditto quem era,  
 C'bu' alto exordio de alta graça ornado,  
 Dando lhe á entender, que alli viera  
 Por alta influença do immouel fado.  
 Para lhe descobrir da vnida sphaera,  
 Da terra immensa, & mar não nauegado  
 Os segredos, por alta prophesia,  
 O que esta sua nação sò merecia.

87.

Tomando o pella mão o leua, & guia  
 Para o cume dum monte alto, & diuino,  
 No qual hũa rica fabrica se erguia  
 De cristal toda, & d'ouro puro, & fino:  
 A maior parte aqui passão do dia  
 Em doçes jogos, & em prazer contino,  
 Ella nos paços logra seus amores,  
 As outras pelas sombras entre as flores.

88.

Assi a fermosa, & a forte companhia,  
 O dia quasi tado estão passando,  
 Nũa alma, doçe, incognita alegria,  
 Os trabalhos tão longos compensando:  
 Porque dos feitos grandes, da ousadia  
 Forte & famosa, o mundo está guardando  
 O premio lâ no fim bem merecido,  
 Com fama grãde, & nome alto & subido.

Que:

92.

Mas a fama, trombeta d'obras tais,  
 Lhe deu no mundo nomes taõ estranhos  
 De deoses, Semideoses immortais  
 Indigetes, Heroicos, & de Magnos  
 Por isso, ò vos que as famas estimais,  
 Se quiserdes no mundo ser tamanhos,  
 Despertai já do sono do ocio ignauo,  
 Que o animo de liure faz escauo.

93.

E ponde na cobiça hum freo duro,  
 E na ambição tambem, que indignamente  
 Tomais mil vezes, & no torpe & escuro  
 Vicio da tyrannia infame, & vrgente:  
 Porque essas honras vaãs, esse ouro puro  
 Verdadesro valor não dão aa gente,  
 Milhor he merecellos, sem os ter  
 Que possuilos sem os merejcer.

64.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,  
 Que aos grandes não dem o dos pequenos,  
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
 Contra a ley dos imigos Sarracenos,  
 Fareis os reinos grandes, & possantes  
 E todos tereis mais, & nenhum menos  
 Possuireis riquezas merecidas,  
 Cõ as honras, que illustraõ tanto as vidas?  
 E fareis:

Que as Nymphas do oceano tão fermosas,  
 Tethis & a ilha angelica pintada,  
 Outra cousa não he, que as deleitosas  
 Honras, que a vida fazem sublimada:  
 'Aquellas preminencias gloriosas,  
 Os triumphos, a fronte coroada  
 De palma, & louro, a gloria & marauilha  
 Estes são os deleites desta ilha.

Que as immortalidades que fingia  
 A antiguidade, que os illustres ama,  
 Là no stellante Olimpo à quem subia,  
 Sobre as asas inclitas da fama,  
 Por obras valerosas, que fazia,  
 Pello trabalho immenso, que se chama  
 Caminho da virtude alto & fragoso:  
 Mas no fim doce, alegre, & deleitoso!

Não erão senão premios, que reparte  
 Por feitos immortais & soberanos,  
 O mundo, cos varões, qu'esforço & arte  
 Diuinos os fizerão, sendo humanos:  
 Que Iuppiter, Mercurio, Phebo, & Marte  
 Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos  
 Ceres, Pallas, & Iuno, com Diana  
 Todos forão de fraca carne humana.

E fareis claro o rei, que tanto amais,  
 Agora cos conselhos bem cuidados,  
 Agora co as espadas, que immortais  
 Vos forão, como os vossos já passados:  
 Impossibilidades não façais,  
 Que quem quis sempre pode: & numerados  
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,  
 E nesta ilha de Venus recebidos.

FIM.

Canto Décimo.

& vltimo.

I.

**M**As já o claro amador da Lariffesã  
 Adultera, inclinava os animais,  
 La para o grande lago, que rodea  
 Temitistão, nos fins occidentais:  
 O grande ardor do sol Faunio enfrea,  
 Co sopro, que nos tanques naturais  
 Encrespa a agoa serena, & despertava  
 Os Lirios, & iazmins que a calma aggrava.  
 Quando

2.

Quando as fermosas Nymphas cos amantes  
 Pella mão já conformes & contentes,  
 Subião para os paços radiantes,  
 E de metais ornados reluzentes:  
 Mandados da rainha, que abundantes  
 Mesas, daltos manjares, excellentes,  
 Lhe tinha apparelhados, que ô fraqueza  
 Restaurem da cansada natureza.

3.

Alli em cadeiras ricas cristalinas  
 S'assentão, dous & dous, amante & dama,  
 Noutras aa cabeceira douro finas,  
 E a coa bella deosa o claro Gama:  
 De ygoarias suaves & diuinas  
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,  
 Se accumulão os pratos de fulvo ouro,  
 Trazidos la do Atlantico thesouro.

4.

Os vinhos odoriferos, que acima  
 Estão não sò do Itálico Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima  
 Com todo o ajuntamento sempiterno:  
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima  
 Crespas escumas erguem, que no interno  
 Coração mouem subita alegria,  
 Saltando coa mistura d'agua fria.

# OS LVSIADAS DEL. DE CÂ.

5.

Mil praticas alegres se tocauão,  
Risos doces, sutis, & argutos dittos,  
Qu'entre hũ & outro mäjjar se alleuantauão  
Despertando os alegres appetitos:  
Musicos instrumentos não faltauão,  
Quais no profundo reino, os nũs espiritos  
Fizerão descansar da eterna pena,  
C'ũa voz d'ũa angelica Syrena.

6.

Cantava a bella Nympha, & cos acentos  
Que pellos altos paços vão so ando,  
Em consonancia ygoal, os instrumentos  
Suaves vem à hum tempo conformando:  
Hum subito silencio enfrea os ventos,  
E faz hir docemente murmurando  
As agoas; & nas casas naturais  
Adormescer os brutos animais.

7.

Com doce voz està subindo ao cês  
Altos varões, que stão por vir ao mundo,  
Cujas claras Ideas vio Protheo,  
N'hum globo vão, diafano, rotando.  
Que Iuppiter em dom lho concedeo  
Em sonhos, & despois no reino fundo  
Vaticinando o disse, & na memoria  
Recolheo logo a Nympha a clara historia.

Materis

8.

Materia he de Cothurno, & não de Socco  
 A que a Nympha aprendeo no immenso lago  
 Qual Iopas não soube, ou Demodoco,  
 Entre os Pheaces bũ, outros em Carthago.  
 Aqui minha Calliope te inuoco  
 Neste trabalho extremo, porque em pago,  
 Me tornes, do q̄ escreuo, & em vão pretêdo,  
 O gosto de escrever, que vou perdendo.

9.

Vão os annos decendo, & já do estio  
 Ha pouco que passar attè o Otono,  
 Afortuna me faz o engenho frio,  
 Do qual já não me jacto, nem me abono:  
 Os desgostos me vão levando ao rio  
 Do negro esquecimento, & eterno sono,  
 Mas tu me dá que cumpra, ô grão rainha  
 Das Musas, cõ que quero áa nação minha.

10.

Cantana a bella deosa, que virião  
 Do Tejo, pello mar que o Gama abriu,  
 Armadas que as ribeiras vencerião, &  
 Por onde oceano Indico suspira:  
 E que os gentios reis, que não dariaõ  
 A cerviz sua ao jugo, o ferro & yra  
 Prouariaõ dá braço duro & forte,  
Edassè renderse a elle, ou logo áa morte:

# OS LYSIADAS DE L. DE CA.

11.

Cantava d'hum que tem nos Malabares  
Do sumo sacerdocio a dignidade,  
Que sô por não quebrar cos singulares  
Baroës, os noos que dera d'amizade,  
Sofrerà suas cidades & lugares,  
Com ferro, incendios, ira & crueldade:  
Ver destruir do Samorim potente:  
Que tais odios terá coa noua gente.

12.

Ecanta como la se embarcaria  
Em Bellem o remedio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria  
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:  
O peso sentirão, quando entraria,  
O curuo lenho, & o seruido oceano,  
Quando mais n'agoa os troncos, q̄ gemerẽ,  
Contra sua natureza se meteerem.

13.

Mas já chegado aos fins Orientais,  
E deixado em ajuda do gentio  
Rey de Cochim, com poucos naturais,  
Nos braços do salgado & curuo rio.  
Desbaratara os Naires infernais  
No passo Cambalão, tornando frio  
Despanta o arder immenso do riente  
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

14

Chamará o Samorim mais gente noua:  
 Virão reis de Bipur, & de Tãnor,  
 Das serras de Narsinga, que alta proua  
 Estarão promettendo a seu senhor:  
 Farà que todo o Naire em fim se moua,  
 Que entre Calicú jaz, & Cananor,  
 Dambas as leis immigas, para a guerra,  
 Mouros por mar, gentios polla terra.

15.

Etodos outra vez desbaratando,  
 Por terra, & mar, o grão Pacheco ousado,  
 A grande multidão que yrà mattando,  
 A todo o Malabar terá admirado:  
 Comettera outra vez não dilatando  
 O Gentio os combates apressado,  
 Injuriando os seus, fazendo votos  
 Em vão aos deosesvãos, surdos, & immotos

16.

Ia não defenderá semente os passos,  
 Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas:  
 Acefo de yra o Cão, não vendo lassos  
 Aquelles que as cidades fazem rajass:  
 Farà que os seus de vida pouco escassos,  
 Comettão o Pacheco que tem assas  
 Por dous passos n' hum tempo, mas voando  
 D'hum noutro, tudo yra desbaratando.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

17.

Virá alli o Samorim, porque em pessoa  
Veja a batalha, & os seus esforçe, & anime;  
Mas hum tiro, que com zomido voa,  
De sangue o tingirá no andor sublime:  
Ia não verá remedio, cu manha boa,  
Nem força, que o Pacheco muito estime,  
Inuentara traçoës, & vãos venenos,  
Mas sempre ( o céu querendo ) fara menos.

18.

Que tornara a vez septima, cantava,  
Pelejar co inuidto & forte Luso,  
A quem nenhũ trabalho pesa, & aggrava;  
Mas com tudo este sò o fara confuso:  
Trara para a batalha horrenda, & brava,  
Machinas de madeiros fora de uso,  
Para lhe abalroar as Carauellas,  
Queb attelli vão lhe fora cometellas.

19.

Pella agoa leuar a ferras de fogo  
Para abrasar lhe quanta armada tinha,  
Mas a miitar arte, & engenho, logo  
Fara ser vaã a braueza com que venha:  
Nenhum claro varão no Martio jogo,  
Que nas asas da fama se sostenha,  
Chega a este, que a palma a todos toma,  
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

Por que

20.

Porque tantas batalhas sustentadas  
 Com muito pouco mais de cem soldados,  
 Com tantas manhas, & artes inventadas  
 'Tantos Cães não imbelles profligados:  
 Ou parecerão fabulas sonhadas,  
 Ou que os celestes Cohoros inuocados  
 Decerão a ajudallo, & lle darão  
 Esforço, força, ardil, & coração.

21.

Aquelle que nos campos Maratonios  
 O grão poder de Dario estive, & rende,  
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
 O passo de Termopilas defende,  
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,  
 Que com todo o poder Tusco contende  
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio  
 Foy como este na guerra forte & sabio.

22.

Mas neste passo a Nympha o som canoro  
 Abaxando, fez ronco, & entristecido,  
 Cantando em baxa voz enuolta em choro  
 O grande esforço mal agardecido:  
 O Belisario, disse, que no choro  
 Das musas seras sempre engrandecido,  
 Sem ti viste abatido o brauo Marte,  
 Aqui tens com quem podes consolarte.

Aqui tees companheiro assi nos feitos  
 Como no galardão injusto & duro,  
 Em ti & nelle veremos altos peitos,  
 A baxo estado vir humilde, & escuro:  
 Morrer nos hospitaes em pobres leitos,  
 Os que àõ rei, & áa ley seruem de muro,  
 Isto fazem os reis, cuja vontade  
 Manda mais que a justiça & que a verdade:

Isto fazem os reis, quando embebidos  
 N'ũa apparencia branda que os contenta,  
 Daõ os premios de Aiace merecidos,  
 Aa lingua vãã de Vlisses fraudulenta:  
 Mas vingome que os biẽs mal repartidos  
 Por quem so doces sombras apresenta,  
 Se naõ os daõ a sabios caualleiros,  
 Dãos os logo à auarentos lisongeiro s.

Mas tu de quem ficou taõ mal bagado  
 Hum tal vassalo, ò rei sò nisto inico,  
 Se naõ es para darlhe honroso estado,  
 He elle para darte hum reino rico:  
 Em quanto for o mundo rodeado  
 Dos Apollineos rayos, cu te fico  
 Que elle seja entre a gente illustre & clarõ  
 E tu nisto culpado por auaro.

26.

Mas eis outro, cantava, intitulado

Vem com nome real, & traz consigo  
 O filho, que no mar sera illustrado  
 Tanto como qualquer Romano antigo:  
 Ambos daraõ com braço forte, armado,  
 A Quiloa fertil aspero castigo,  
 Fazendo nella rei leal, & humano,  
 Deitado fora o perfido tyranno.

27.

Tambem faraõ mombaça, que se arrea

De casas sumptuosas, & edificios,  
 Co ferro, & fogo seu, queimada & fea,  
 Em pago dos passados maleficios:  
 Despois na costa da India, andando chea  
 De lenhos inimigos, & arteficios,  
 Contra os Lusos: com vellas, & com remos  
 O mancebo Lourenço fara estremos.

28:

Das grandes naos, do Samorim potente,

Que encherãõ todo o mar, coa ferrea pela,  
 Que sae com trouaõ do cobre ardente,  
 Farã pedaçõs leme, masto, vela,  
 Despois lançando harpeos ousadamente  
 Na capitaina inmiga dentro nela  
 Saltando, a fara sò com lança & espada  
 De quatro centos Mouros despejada.

Mas:

OS LYSIADAS, DE L. DE CA.

29.

Mas de deos a escondida prouidencia,  
Qu'ella sò sabe o bem de que se serue,  
O pora onde esforço, nem prudencia  
Podera auer, que a vida lhe reserve:  
Em Chaul, onde em sangue & resistencia  
O mar todo com fogo & ferro ferue,  
Lhe farão, que com vida se não saya  
As armadas de Egipto & de Cambaya.

30.

Alli o poder de muitos inimigos  
Que o grande esforço, sò com força rende,  
Os ventos que saltarão, & os perigos  
Domar, que sobejarão, tudo o offende:  
Aqui resurjão todos os antigos,  
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,  
Outro Sceua verão, que espedaçado  
Não sabe ser rendido, nem domado.

31.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços  
Lhe leua hum cego tiro, que passara,  
Se serue inda dos animosos braços,  
E do grão coração, que lhe ficara:  
Hattè que outro pilouro quebra os laços,  
Com que co alma o corpo se liara,  
Ella solta doou da prisão fora,  
Onde subito se acha vencedora.

32.

Vayte alma em paz da guerra turbulenta,  
 Na qual tu mereceste paz serena,  
 Que o corpo que em pedaços se apresenta,  
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena:  
 Qu'eu cuço retumbar a grão tormenta,  
 Que vem ja dar adura, & eterna pena,  
 De speras, Basiliscos, & Trabucos,  
 A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

33.

Eis vem o pay com animo estupendo,  
 Trazendo furia & magoa por antolhos,  
 Com que o paterno amor lhe está mouendo  
 Fogo no coração, agoa nos olhos:  
 A nobre yra lhe vinha promettendo,  
 Que o sangue fara dar pellos giolhos  
 Nas inimigas naos sentillo ha o Nilo,  
 Podello ha o Indio ver, & o Gange ouuillo.

34.

Qual o Touro cioso, que s'ensaya  
 Para a crua peleja, os cornos tenta  
 No tronco d'hum carualho, ou alta faya  
 E o ar ferindo, as forças esprimenta:  
 Tal, antes que no seo de Cambaya  
 Entre Francisco irado na opulenta  
 Cidade de Dabul, a espada afia,  
 Abaxandolhe a tumida ousadia.

Elogo entrando fero na enseada  
 De Dio, illustre em cercos & batalhas,  
 Farà espalhar a fraca & grande armada,  
 De Calecû, que remos tem por malhas:  
 A de Melique iaz acautelada,  
 Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,  
 Farà yr ver o frio & fundo assento,  
 Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando  
 A furia esperarâ dos vingadores,  
 Verà braços & pernas yr nadando,  
 Sem corpos, pello mar, de seus senhores.  
 Rayos de fogo yrão representando,  
 No cego ardor, os brauos domadores,  
 Quanto alli sentirão olhos, & ouvidos,  
 He fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta prospera vittoria,  
 Com que despois virà ao patrio Tejo,  
 Quasi lhe roubar a famosa gloria  
 Hum successo que triste & negro vejo,  
 O Cabo Tormentorio, que a memoria  
 Cos ossos guardarâ não tera pejo  
 De tirar deste mundo aquelle esprito,  
 Que não tiraraõ toda a India, & Egitto:

38.

Alli Cafres seluagens poderão,  
 O que deſtros inimigos não poderão,  
 E ru'los paos toſtados sòs furão,  
 O que arcos & pelouros não fezeraõ,  
 Occultos os juizos de deos ſaõ,  
 As gentes vaãs que não nos entenderaõ,  
 Chamaõlbe fado mau, fortuna eſcura,  
 Sendo sô providencia de deos pura.

39.

Mas ò que luz tamanha, que abrir ſinto,  
 Dizia a Nympha, & a voz alleuantava,  
 Lá no mar de Melinde em ſangue tinto  
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:  
 Pello Cunha tambem, que nunca extinto  
 Será ſeu uome, em todo o mar que lava  
 As ilhas do Auſtro, & praias, q̄ ſe chamaõ  
 De ſaõ Lourêço, & é todo o Sul ſe affamaõ.

40.

Eſta luz he do fogo, & das luzentes  
 Armas, com que Albuquerque yr à amansando  
 De Ormuz ao Parſeos, por ſeu mal valêtes,  
 Que refuſaõ o jugo honroſo & brando.  
 Alli veraõ as ſettas eſtridentes  
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
 Contra quem as tirou, que deos peleja  
 Porquem eſtende a fê da madre Igreja.

Alli

# OS LYSIADAS DE L. DE CA.

41.

Alli do sal os montes não defendem  
De corrupção os corpos no combate,  
Que mortos pella praya, & mar se estedem  
De Gerum, de Mazcate, & Calayate:  
Hattè que a força sò de braço aprendem  
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate  
Obrigaçào de dar o reyno inico  
Das perlas de Bares tributõ rico.

42.

Que gloriosas palmas tecer vejo,  
Com que vittoria a fronte lhe coroa,  
Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo  
Toma a ilha illustrissima de Goa:  
Despois, obedescendo ao duro ensejo  
A deixa, & occasiã espera boa,  
Com que a torne a tomar, q̃ esforço & arte  
Vencerão a fortuna, & o proprio Marte.

43.

Eis ja sobrella torna & vãy rompendo  
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,  
Abrindo cõ a espada o espesso, & horrendo  
Esquadrão de gentios, & de Mouros:  
Irão soldados inelytos fazendo  
Mais que Liões famelicos, & Touros,  
Na luz que sempre celebrada & dina  
Será da Egipcia santa Caterina.

44.

Nem tu menos fugir poderas deste,  
 Posto que rica, & posto que assentada  
 Là no gómio d' Aurora, onde nasceste,  
 Opulenta Malac: nomeada:  
 'As settas venenosas que fizestes,  
 Os Crises com que já te vejo armada,  
 Malaios namorados, laos valentes  
 Todos faras ao Luso obedientes.

45.

Mais estanças cantára esta Syrena  
 Em louuor do illustrissimo Albuquerque,  
 Mas alembroulbe hũa yra que o condena,  
 Posto que a fama sua o mundo cerque:  
 O grande capitão, que o fado ordena  
 Que com trabalhos gloria eterna merque,  
 Mais ha de ser hum brando companheiro  
 Para os seus, que juiz cruel & inteiro.

46.

Mas em tempo que fomes, & asperezas  
 Doenças, frechas, & troçoës ardentes,  
 A sazaõ, & o lugar fazem cruezas  
 Nos soldados á todo obedientes:  
 Paresce de seluaticas brutezas,  
 De peitos inhumanos & insolentes,  
 Dar extremo supplicio pella culpa  
 Que a fraca humanidade & amor desculpa  
 Não

Não será a culpa abominoso incesto,  
 Nem violento stupro em virgem pura,  
 Nem menos adulterio dejhonesto,  
 Mas c'ũa esclava vil losciua & escura:  
 S' o peito ou de ciOSO, ou de modesto,  
 Ou de vsado a crueza fera & dura,  
 Cos seus hũa ira insana não refrea,  
 Poë na fama alua noda negra & fea.

Vio Alexandre Apelles namorado  
 Da sua Campaspe, & deulha alegremente,  
 Não sendo seu soldado esperimentado,  
 Nem vendo-se n'hum cerco duro & vrgente:  
 Sentio Ciro que andava já abrasado  
 'Araspas, de Pantea em fogo ardente,  
 Qu'elle tomara em guarda, & promettia  
 Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido  
 Fora d'amor, que em fim não tem defensa,  
 Leuemente o perdoa, & foy seruido  
 Delle n'hum caso grande em recompensa.  
 Per força de ludita foy marido  
 O ferreo Balduuino, mas dispensa  
 Carlos pay della, posto em cousas grandes,  
 Que viuua, & pouoador seja de Frandes.

50.

Mas proseguindo a Nympha o longo canto,  
 De Suarez cantava, que as bandeiras  
 Faria tremolar, & por espanto,  
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
 Medina abominabil teme tanto,  
 Quanto Meca, & Gidâ, coas derradeiras  
 Prayas de Abasia: Barborâ se teme,  
 Do mal de que o imperio Zeila geme.

51.

A nobre ilha tambem de Taprobana,  
 Iâ pello nome antigo tão famosa,  
 Quanto agora soberba, & soberana,  
 Pella cortiça calida, cheirosa,  
 Della darâ tributo àa Lusitana  
 Bandeira, quando excelsa, & gloriosa  
 Vencendo se erguerâ na torre erguida,  
 Em Columbo, dos proprios tão temida.

52.

Tambem Sequeira as ondas Erythreas  
 Diuidindo, abrirâ nouo caminho,  
 Para ti grande imperio que te arreac  
 De seres de Candace, & Sabâ ninho:  
 Maçua com Cisternas d'aoga cheas  
 Verâ, & o porto Arquico alli vizinho,  
 E farâ descubrir remotas ilhas,  
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

53.

Virà despois Meneses, cujo ferro  
 Mais n' Africa, que cá terá prouado:  
 Castigarà d'Ormuz soberba o erro,  
 Com lhe fazer tributo dar dobrado:  
 Tambem tu Gama, em pago do desterro  
 Em que estás, & seras inda tornado,  
 Cos titolos de conde, & d'honras nobres,  
 Viras mandar a terra que descobres,

54.

Mas aquella fatal necessidade,  
 De quem ninguem se exime dos humanos,  
 Illustrado coa regia dignidade,  
 Te tirara do mundo & seus enganos:  
 Outro Meneses logo, cuja ydade  
 He mayor na prudencia, que nos annos,  
 Governara, & fara o ditoso Henrique,  
 Que perpetua memoria delle fique.

55.

Não vencera samente os Malabares,  
 Destruindo Pananc, com Coulete,  
 Comettendo as bombardas, que nos ares  
 Se vingão sò do peito que as comette:  
 Mas com virtudes certo singulares,  
 Vence os inimigos d'alma todos sette,  
 De cubiça triumpho, & incontinnencia,  
 Que em tal idade be summa d'excellencia.

Mas

56.

Mas despois que as estrellas o chamarem,  
 Socederas ò forte Mazcarenbas,  
 E s'injustos o mando te tomarem,  
 Promettote que fama eterna tentas:  
 Pera teus inimigos confessarem  
 Teu valor alto, o fado quer que venhas  
 Amandar, mais de palmas coroado,  
 Que de fortuna justa acompanhado.

57.

No reino de Bintão, que tantos dannos  
 Tera a M-laca muito tempo feitos,  
 N'hum sò dia as injurias de mil anos  
 Vingaras, co valor d'illustres peitos.  
 Trabalhos & perigos inhumanos,  
 Atrolhos ferreos mil, passos estreitos,  
 Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,  
 Tudo fico que rompas & somettas.

58.

Mas na India cubiça & ambição,  
 Que claramente paem aberto o rosto  
 Contra deos, & iustiça, te farão  
 Vituperio nenhum, mas sò desgosto:  
 Quem faz injuria vil, & sem rezão  
 Com forças & poder, em qu'esta posto,  
 Não vence, que a vittoria verdadeira,  
 He saber ter justica nua, & inteira.

Mas com tudo não nego que Sampayo  
 Serà no esforço illustre, & afinalado,  
 Mostrando se no mar hum fero rayo,  
 Que de inimigos mil vera coalhado:  
 Em Bacandòr fara cruel ensayo  
 No Malabar, para que amedrontado  
 Despois a ser vencido delle venha  
 Cutiale, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota  
 Que Chaul temera de grande & ousadia,  
 Fara coa vista sò perdida & rota,  
 Por Heitor da Silueira, & destrozada:  
 Por Heitor Portugues, de quem se nota,  
 Que na Costa Cambaica sempre armada,  
 Sera aos Guzarates tanto dano,  
 Quanto ja foy aos Gregos o Trojano.

A Sampayo feroz soccedera:  
 Cunha, que longo tempo tem o leme,  
 De Chal: as torres altas erguera,  
 Em quanto Dio illustre delle treme,  
 O forte Baçaim se lhe dára,  
 Não sem sangue porem, que nelle geme  
 Melique, porque a força sò d'espada  
 A tranqueira soberba ve tomada.

62.

Tras este vem Noronha, cujo auspicio  
 De Dio os Rumes feros affugenta,  
 Dio que o peito & bellico exercicio  
 D' Antonio da Sylueira bem sustenta:  
 Farà em Noronha a morte o vsado officio,  
 Quando hũ teu ramo, ò Gama, se exprimetã  
 No gouerno do imperio, cujo zelo  
 Com medo o roxo mar fará amarello.

63.

Das mãos do teu Steuão vem tomar  
 As redeas hum, que ja sera illustrado  
 No Brasil com vencer & castigar  
 O pirata Frances ao mar vsado:  
 Despois capitão mor do Indico mar,  
 O viuro de Dãmão soberbo & armado,  
 Escala, & primeiro entra a porta aberta  
 Que fogo & frechas mil terão cuberta.

64.

A este o rei Cambaico soberbissimo  
 Fortaleza darà na rica Dio,  
 Porque contra o Mogor poderosissimo:  
 Lbe ajude a defender o sentorio:  
 Despois yrã com peito esforçadissimo  
 A tolher que não passe o rei gentio  
 De Calecũ, que assi com quantos veo  
 O fara retirar de sangue chco.

Destroirà a cidade Repelim,  
 Pondo o seu rei com muitos em fugidas:  
 E despois junto ao cabo Comorim  
 Hũa façanha faz esclarecida.  
 Afrota principal do Samorim,  
 Que destroir o mundo não duuida,  
 Vencerá co furor do ferro & fogo,  
 Em si verá Beadála o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos inimigos,  
 Virá despois com scetro a governalla,  
 Sem que ache resistencia, nem per gos,  
 Que todos tremem d'elle, & nenhum fala:  
 Sò quis prouar os asperos castigos  
 Baticalà, que virá ja Beadala,  
 De sangue & corpos mortos ficou chea,  
 E de fogo & trouões desfeita & fea.

Este sera Martinho, que de Marte  
 O nome tem coas obras diriuado,  
 Tanto em armas illustre em toda parte,  
 Quanto em conselho sabio & bem cuidado:  
 Socederlbe ha alli Castro, que o estandarte  
 Portugues terá sempre leuantado,  
 Conforme successor ao succedido  
 Que hũa ergue Dio, outro o defende erguido  
 Perjas

98.

*Persas feroces, Abassis & Rumes*  
 Que trazido de Roma o nome tem,  
 Varios de gestos, varios de custumes  
 Que mil nações ao cerco feras vem  
 Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes  
 Porque hũs poucos a terra lbe detem,  
 Em sangue Portugues jurão descritos  
 De banhar os bigodes retorcidos.

69.

*Basiliscos medonhos & Lões,*  
 Trabucos feros, minas encubertas,  
 Sustenta Mazcarenhas cos varões,  
 Que tão ledos as mortes tem por certas:  
 Hattè que nas mayores oppressões  
 Castro libertador, fazendo offertas  
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
 Com fama eterna, & a deos se sacrificuem.

70.

*Fernando hum delles, ramo da alta pranta,*  
 Onde o violento fogo com ruído,  
 Em pedaços os muros no ar leuanta,  
 Serã alli arrebatado, & ao cèo subido:  
 Alvaro quando o inuerno o mundo espanta,  
 E tem o caminho humido impedido,  
 Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,  
 Os ventos, & despois os inimigos.

# OS LUSIADAS DE L. DE CA.

71.

Eis vem despois, o pay, que as ondas corta  
Corestante da gente Lusitana  
E com força & saber, que mais importa,  
Batalha da felice & soberana:  
Hús paredes subindo escusaõ porta,  
Outros a abrem, na fera esquadra insana,  
Feitos forão tão dinos de memoria,  
Que não caibão em verso, ou larga historia:

72.

Este despois em campo se appresenta  
Vencedor forte & intrepido, ao p<sup>o</sup> ossaryo  
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedieta  
Da fera multidão quadrupedante:  
Não menos suas terras mal sustenta  
O Hydálchaõ do braço triumphante  
Que castigando vay Dâbul na costa  
Nem lhe escapou Pondà no sertão posta.

73.

Estes & outros varoës por varias partes,  
Dinos todos de fama & maravilha,  
Fazendose na terra brauos Martes,  
Virão lograr os gostos desta ilha:  
Varrendo triumphantes estandartes  
Pellas ondas que corta a aguda quilha,  
E acabarão estas Nymphas & estas melas,  
Que glórias & hōras são de arduas eprelas.

74.

Assi cantava a Nympha & as outras todas  
 Com sonoro aplauso vozes dauão,  
 Com que festejão as alegres vòdas,  
 Que com tanto prazer se celebraão:  
 Por mais que da fortuna andem as rodas  
 N'ũa consona voz todas soauão,  
 Não vos hão de faltar, gente famosa,  
 Honra, valor, & fama gloriosa.

75.

Depois que a corporal necessidade  
 Se satisfez do mantimento nobre,  
 Ena harmonia & doce suauidade,  
 Virão os altos feitos, que descobre,  
 Tethis de graça ornada, & grauidade,  
 Para que com mais alta gloria dobre,  
 As festas deste alegre & claro dia,  
 Para o felice Gama assi dizia.

76.

Faz te merce varão a Sapiencia  
 Suprema, de cos olhos corporais  
 Veres, o que não pode a vã sciencia  
 Dos errados & miseros mortais:  
 Sigueme firme, & forte, com prudencia  
 Por este monte espesso, tu cos mais,  
 Assi lhe diz, & o guia por hum matto  
 Arduo, difficil, duro a humano tratto:

Nãoi

Não andão muito que no erguido cume  
 Se acharão, onde hum campo se esmaltaua,  
 De esmeraldas, rubis, tais que presume  
 A vista, que diuino chão pisaua:  
 Aqui hum globo vem no ar, que o lume  
 Clarissimo por elle penetraua,  
 De modo que o seu centro está euidente,  
 Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,  
 Mas enxergasse bem que está composto  
 De varios orbes, que a diuina verga  
 Compos, & hum centro a todos so te posto:  
 Voluendo, hora se abaxe, agora se erga,  
 Nũca sergue, ou se abaxa & hũ mesmo rosto  
 Por toda a parte tem, & em toda a parte  
 Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si sostido,  
 Qual em fim o Archetipo, que o criou:  
 Vendo o Gama este globo, comouido  
 De espanto & de desejo alli ficou.  
 Dizlhe a deosa, Otrafunto reduzido  
 Em pequeno volume aqui te dou,  
 Do mundo aos olhos teus, pera que vejas  
 Por onde vas. & yrás, & o que desejas.

80.

Ves aqui a grande machina do mundo,  
 Etberea, & elemental, que fabricada  
 Assim foy do saber alto, & profundo,  
 Que he sem principio, & meta limitada,  
 Quem cerca em derredor este rotundo  
 Globo, & sua superficie tão limada,  
 He deos, mas o q̄ he deos ninguê o entende,  
 Que a tão o engenho humano não se estêde,

81.

Este orbe que primeiro vay cercando  
 Os outros mais pequenos, que em si tem,  
 Que está com luz tão elara radiando,  
 Que a vista cega, & a mente vil tambem,  
 Empyreo se nomea, onde logrando  
 Puras almas estão de aquelle bem,  
 Tamanho, que elle sò se entende & alcança,  
 De quem não ha no mundo semelhança,

82.

Aqui sò verdadeiros gloriosos  
 Divos estão, por que eu, Saturno & Iano,  
 Iuppiter, Iuno, somos fabulosos  
 Fingidos de mortal & cego engano:  
 Sò para fazer versos deleitosos  
 Seruimos, & se mais o tratto humano  
 Nos pode dar, he sò que o nome nosso  
 Nestas estrellas pos o engenho vosso.

E tambem

E tambem porque a santa prouidencia,  
 Qu'em Iuppiter aqui se representa,  
 Por espiritus mil, que tem prudencia,  
 Gouverna o mundo todo, que sustenta:  
 Insinalo a prophetica sciencia,  
 Em muitos dos exemplhos, que appresenta,  
 Os que saõ, bõos guiando fauorescem,  
 Os maos, em quanto podem, nos empecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,  
 Agora deleitando, hora insinando,  
 Darlbe nomes, que a antiga poesia  
 A seus Deoses ja dera fabulando:  
 Qu'os anjos da celeste companhia  
 Deoses o sacro verso esta cbamando,  
 Nem nega qu'esse nome preminente,  
 Tambem aos maos se da, mas falsamente.

Em fim que o summo Deos, que por segundas  
 Causas obra no mundo, tudo manda:  
 E tornando a contarte das profundas  
 Obras da mão diuina veneranda.  
 Debaxo deste circulo onde as mundas  
 Almas diuinas gozaõ, que naõ anda,  
 Outro corre taõ leue & taõ ligeiro,  
 Que naõ s'enxerga, he o mobiie primeiro.

Com este rapto, & grande movimento,  
 Vão todos os que dentro tem no seo,  
 Por obra deste, o sol andando attento  
 O dia & noite faz, com curso alheo.  
 Debaxo deste leue anda outro lento,  
 Tão lento, & sojuzgado à duro freyo,  
 Qu'em quanto Phebo, de luz nūqua escasso  
 Dozentos cursos faz, dá elle hum passo.

Olha o outro debaxo, qu'esfaltado  
 De corpos lisos anda, & radiantes,  
 Que tambem nelle tem curso ordenado,  
 E nos seus axes correm scintillantes:  
 Bem ves como se veste, & faz ornado  
 Co largo cinto d'ouro, que estellantes  
 Animais doze traz affigurados,  
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo.  
 Olha a carreta, attenta a Cinosura,  
 Andromeda, & seu pay, & o drago horredo  
 Ve de Cassiopea a fermosura,  
 E do Oriente o gesto turbulento,  
 Olha o Cisne morrendo que suspira,  
 A Lebre, & os Cães, a Nao & a doce Lira  
 Debaxo

# OS LVSIADAS DE L. DE CA

89.

Debaxo deste grande firmamento,  
Ves o cèo de Saturno deos antigo,  
Iuppiter logo faz o mouimento,  
E Marte abaxo bellico inimigo.  
O claro olho do cèo no quarto assento,  
E Venus, que os amores traz consigo,  
Mercurio d'eloquencia soberana,  
Com tres rostos debaxo vay Diana.

90.

Em todos estes orbes, difference  
Curso veras, n'hus graue, & noutro i leue:  
Hora fogem do centro longamente,  
Hora da terra estão caminho breue,  
Bem como quis o padre omnipotente  
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,  
Os quaes veràs que jazem mais a dentro,  
E tem co mar a terra por seu centro.

91.

Neste centro pousada dos humanos,  
Que não somente ousados se contentão  
De soffrerem da terra firme os danos  
Mas inda o mar instabil esprimentão.  
Veras as varias partes, que os insanos  
Mares diuidem, onde se apousentão  
Varias nações, que mandão varios reis,  
Varios costumes seus, & varias leis.

Ves Europa Christã mais alta & clara  
 Que as outras em policia, & fortaleza:  
 Ves Africa dos bens do mundo auara,  
 Inculta, & toda chea de bruteza.  
 Co Cabo que battè qui se vos negara,  
 Que assentou para o Austro a natureza:  
 Olha essa terra toda, que se habita  
 Dessa gente sem ley, quasi infinita.

Vê do Benomotapa o grande imperio,  
 De seluatica gente, negra & nua:  
 Onde Gonçalo morte & vituperio,  
 Padecera, polla fe santa sua:  
 Nasce por aste incognito Hemisperio  
 O metal, por que mais a gente sua,  
 Ve que do lago, donde se derrama  
 O Nilo, tambem vindo esta Cuama.

Olha as casas dos negros, como estão  
 Sem portas, confiados em seus ninhos  
 Na justiça real, & defensão,  
 E na fidelidade dos vizinhos:  
 Olha delles a bruta multidão  
 Qual bãdo espesso & negro de Sturninhos,  
 Combatera em Sofala a fortaleza,  
 Que defendera Nhaya com destreza.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

95.

Olha là as alagoas, donde o Nilo  
Nasce, que não souberão os antigos,  
Vello rega, gerando o Crocodilo,  
Os pouos Abassis de Christoamigos,  
Olha como sem muros (novo estilo)  
Se defendem melhor dos inimigos,  
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama  
Que hura dos natnrais Noba se chama.

96.

Nesta remota terra, hum filho teu  
Nas armas contra os Turcos serà claro,  
Ha de ser dom Christouão o nome seu,  
Mas contra o fim fatal não hareparo:  
Ve ca a costa do mar, onde te deu  
Melinde hospicio gasalhofo & caro  
O Rapto rio nota, que o romance  
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

97.

O cabo ve ja Aromáta chamado,  
E agora Goarda fui dos moradores,  
Onde começa a bocca do afamado  
Mar roxo, que do fundo toma as cores  
Este como limite esta lançado  
Que deuide Asia d'Africa, & as melhores  
Pouoações, que a parte Africa tem  
Maçuã são, Arquiro, & Cuão quem.

Ves o extremo Suez que antigamente  
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,  
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente  
 Tem das frotas do Egipto apotestade.  
 Olha as agoas, nas quaes abriu patente  
 Estrada o grão Mouses na antiga ydade  
 Asia começa aqui, que se appresenta  
 Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que s'ennobresce  
 Co sepulchro de santa Catherina,  
 Olha Toro, & Gidá, que lhe falefce  
 Agoa das fontes doce, & cristalina:  
 Olha as portas do estreito, que fenefce  
 No reynò da seca Adem, que confina  
 Com a serra Darzira, pedra viua,  
 Onde cbuua dos cèos se não deriua.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
 Tomão, todas da gente vaga, & baça,  
 Donde vem os cavalloos pera a guerra  
 Ligeiros, & feroces, de alta raça.  
 Olha a costa que corre attè que cerra  
 Outro estreito de Persia, & faz a traça  
 O Cabo, que co nome se appellida,  
 Da cidade Fartaque alli sabida.

Olha Dofar insigne, por que manda  
 O mais cheiroso encenço para as aras:  
 Mas attenta já ca destroutra banda  
 De Roçalgate, & prayas sempre auaras.  
 Começa o reyno Ormuz, que todo se anda  
 Pellas ribeiras, que inda serão claras  
 Quando as galês do Turco, & fera armada  
 Virem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Afaboro, que chamado  
 Agora he Moçandão dos nauçantes  
 Por aqui entra o lago, que he fechado  
 De Arabia, & Persias terras abundantes.  
 Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado  
 Tem das suas perlas ricas, & imitantes  
 Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada  
 Ter o Tigris & Eufrates sua entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre  
 Sempre posto no campo, & nos caualllos,  
 Que se injuria de vsar fundido cobre,  
 E de não ter das armas sempre os calos:  
 Mas vê a ilha Cerum, como descobre  
 O que fazem do tempo os intervallos,  
 Que da cidade Armuzã, que alli estene  
 Ella o nome despois, & agloria teue.

104.

Aqui de dom Philippe de Meneses  
 Se mostrarà a virtude em armas clara,  
 Quando com muito poucos Portugueses  
 As muitos Parseos vencerà de Lara:  
 Virão prouar os golpes & reueses  
 De dom Pedro de Sousa, que prouàra  
 Là seu braço em ampaza, que deixada  
 Terà por terra a força sô de espada.

105.

Mas deixemos o estreito, & o conhescido  
 Cabo de las que ditto ja Carpella,  
 Com todo o seu terreno mal querido  
 Da natura, & dos dões vsados della;  
 Carmania teue já por appellido:  
 Mas ves o fermoso Indo, que daquella  
 Altura nace junto àa qual tambem  
 Doutra altura correndo o Gange vem.

106.

Olha a terra de Vlcinde fertilissima,  
 E de laquete a intima enseada,  
 Do mar a enchente subita grandissima,  
 E a vazante que foge aprissurada:  
 A terra de cambaya vê riquissima,  
 Onde do mar o seo faz entrada,  
 Cidades outras mil, que vou passando,  
 O vos outros aqui se stão guardando.

Ves corre a costa cèlebre Indiana

Para o Sul, attê o Cabo Comeri

Là chamado Cori, que Taprobana

( Que ora he Ceilão) de fronte tem de si:

Por este mar a gente Lusitana

Que com armas virà despois de ti,

Terá vittorias terras, & cidades

Nas quaes ham de viuer muitas idades,

As prouincias, que entre hum & o outro rio

Ves com varias nações, são infinitas:

Hum reyno Mahometa, outro genttio,

A quem tem o Demonio leis escriptas:

Olha que de Narsinga o senhorio

Tem as reliquias santas & bendittas,

Do corpo de Thome, varão sagrado,

Que à Iesu Christo teue a mão no lado.

Aqui a cidade ~~foy~~, que se chamaua

Meliapor, fermosa, grande, & rica:

Os Idolos antigos adoraua:

Como inda agora faz a gente inica:

Longe do mar naquelle tempo estaua:

Quando a fe, que no mundo se pubrica,

Thome vinha prégando, & já passara

Prouincias mil do mundo, ~~que~~ ensinara

Chegado

110.

Chegado aqui pregando, & junto dando  
 A doentes saude, a mortos vida  
 A caso traz hum dia o mar vagando,  
 Hum lenho de grandezza desmedida:  
 Deseja o rey, que andava edificando,  
 Fazer delle madeira, & não duui-la  
 Poder tirallo a terra compassantes  
 Forças d'homens, de engenbos de Elephantes.

111.

Era tão grande o peso do madeiro  
 Que só para abalar-se, nada abasta,  
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
 Menos trabalho em tal negocio gasta:  
 Ata o cordão que traz por derradeiro  
 No tronco, & facilmente o leua & arrasta  
 Para onde faça hum sumptuoso templo,  
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

112.

Sabia bem que se com fee formada  
 Mandar a hum monte surdo, que se moua,  
 Que obedecerá logo aa voz sagrada,  
 Que assi lho insinou Christo, & elle o proua  
 A gente ficou disto aluoroçada,  
 Os Bramenes o tem por cousa noua,  
 Vendo os milagres, vendo a santidade,  
 Hão medo de perder autoridade.

São estes sacerdotes dos Gentios,  
 Em quem mais penetrado tinha enueja,  
 Buscão maneiras mil, buscão desuios  
 Com que Thome não s'ouça, ou morto seja:  
 O principal, que ao peito traz os fios,  
 Hum caso horrendo faz, que o mundo veja  
 Que inimiga não ha tão dura, & fera,  
 Como a virtude falsa da sincera.

Hum filho proprio matta, & logo accusa  
 D'homecidio Thome, que era innocente  
 Dâ falsas testemunhas, como se vja  
 Condenarã no a morte breuemente:  
 O santo que não vê milhor escusa,  
 Que appellar para o Padre omnipotente,  
 Quer diante do rei, & dos senhores,  
 Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda ser trazido  
 Que resucite, & seja perguntado,  
 Quem foy seu mattador, & ser á crido  
 Por testemunho o seu mais approuado:  
 Virão todos o moço viuo erguido  
 Em nome de Iesu crucificado,  
 Dâ graças à Thome, que lhe deu vida  
 E descobre seu pay ser homicida.

116.

Este milagre fez tamanbo espanto

Que o rei se banha logo na agoa santa,  
 E muitos apos elle, hum beija o manto  
 Outro louvor do deos de Thome canta:  
 Os Bramenes se encherão de odio tanto,  
 Com seu veneno os morde enueja tanta,  
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,  
 Determinaõ matallo em fim de tudo.

117.

Hum dia que pregando ao pouo estaua,  
 Fingiraõ entre a gente hum arroido,  
 Là Christo neste tempo lhe ordenaua,  
 Que padecendo fosse ao ceo subido:  
 A multidaõ das pedras, que voaua,  
 No santo dà ja à tudo offerecido,  
 Hum dos maos por fartarse mais de pressa,  
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

117.

Choraraõ te Thome, o Gange & o In do,  
 Choroute toda a terra que pisaste,  
 Mais te choraõ as almas, que vestindo  
 S'biaõ da santa feè, que lhe insinaсте:  
 Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,  
 Te recebem na gloria que ganbaste,  
 Pedimos te que a Deos ajuda peças,  
 Com que os teus Lusitanos fauoresças.

E vos outros que os nòmes vsurpais  
 De mandados de deos, como Thome,  
 Dizey se sois mandados, como estais  
 Sem irdes a pregar a santa fee?  
 Olhay que sois sal, & vos danais  
 Na patria, onde propheta ninguem he,  
 Com que se salgarão em nossos dias  
 ( Infiéis deixo ) tantas herejias?

Mas passo esta materia perigosa,  
 E tornemos àa coſta debuxada,  
 Lá com esta cidade tão famosa,  
 Se faz curua a Gangetica enseada,  
 Corre Narsinga rica, & poderosa,  
 Corre Orixá de roupas abastada,  
 No fundo da enseada o illustre rio  
 Ganges vem ao salgado seithorio.

Ganges, no qual os seus habitadores  
 Morrem banhados, tendo por certeza,  
 Qu'inda que sejam grandes peccadores,  
 Esta agoa santa os lava, & dá pureza:  
 Ve Chatigão cidade das milhores  
 De Bengalla prouincia, que se preza  
 De abundante, mas olha que está posta.  
 Para o Austro daqui virada a coſta.

122.

Olha o reyno Arracão, olha o assento  
 De Pegû, que já mōstros pouoarão,  
 Mōstros filhos do feo ajuntamento  
 D'hũa molher & hum cão, q̃ sos se ac harão:  
 Aqui soante Arame no instrumento  
 Da geração costumão, o que vsarão  
 Por manha da raynha, que inuentando  
 Tal vso, deitou fora o error nefando.

123.

Olha Tauay cidade, onde começa  
 De Sião largo o imperio tão comprido,  
 Tenassarî, Quedâ, que he sô cabeça  
 Das que Pimenta allitem produzido:  
 Mais auante fareis que se conheça  
 Malaca, por Imperio ennobrecido,  
 Onde toda a prouincia do mar grande,  
 Suas mercadorias ricas mande.

124.

Dizem que d'esta terra coas possantes  
 Ondas o mar entrando diuidio,  
 A nobre ilha Samatra, que já d'antes  
 Iuntas ambas a gente antiga vio:  
 Chersoneffo foy ditto, & das prestantes  
 Veas d'ouro, que a terra produzio,  
 Aurea por epitheto lh'ajuntarão,  
 Alguũs que fosse Ophir ymaginarão.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

125.

Mas na ponta da terra Cingapura  
Verás, onde o caminho às naos se estreita,  
D'aqui tornando a costa aa Cynosura  
S'encurua, e para a Aurora s'endereita:  
Ves Pam, Patane, reinos, e a longura  
De Syão qu'estes e outros mais suggeita  
Olha o rio Menão, que se derrama  
Do grande lago que Chiamay se chama.

126.

Ves neste grão terreno os differentes  
Nomes de mil nações nunca sabidas,  
Os Laos em terra e numero potentes,  
Auás, Bramas, por serras tão compridas:  
Ves nos remotos montes outras gentes  
Que Guens se chamão de seluagges vidas,  
Humana carne comem, mas a sua  
Pintão com ferro ardente, vsança crua;

127.

Ves passa por Camboja Mecom Rio  
Que capitão das agoas se interpreta,  
Tantas recebe d'outro sò no estio,  
Que alaga os campos largos, e inquieta.  
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,  
A gente delle crè como indiscreta,  
Que pena e gloria tem despois de morte  
Os brutos animais de toda sorte.

128.

Este recebera placido & brando,  
 No seu regaço os Cantos, que molhados  
 Vem do naufragio triste, & miserando,  
 Dos procelosos baxos escapados:  
 Das fomes, dos perigos grandes, quando  
 Sera o injusto mando executado  
 Naquelle, cuja lira sonora,  
 Sera mais affamada que ditosa.

129.

Ves corre a costa que Champâ se chama,  
 Cujá mata he do pao cheiroso ornada,  
 Ves Cauchichina esta d'escura fama,  
 E d' Ainão ves a incognita enseada:  
 Aqui o soberbo imperio, que se afama  
 Com terras, & riqueza não cuidada,  
 Da China corre, & occupa o senhorio  
 Desdo Tropico ardente ao cinto frio.

130.

Olha o muro, edificio nunca crido,  
 Que entre hum imperio & o outro s'edifica,  
 Certissimo sinal, & conhescido,  
 Da potencia real, soberba, & rica:  
 Estes o rey que tem não foy nascido  
 Principe, nem dos pais aos filhos fica  
 Mas elegem a quelle que he famoso  
 Por cavalleiro sabio & virtuoso.

Inda outra muita terra se te esconde,  
 Hattê que venha o tempo de mostrarse,  
 Mas não deixes no mar as ilhas, onde  
 A natureza quis mais affamar-se:  
 Esta mea escondida que responde  
 De longe à China donde vem buscar-se,  
 He lapaõ, onde nasce a prata fina,  
 Qu'illustrada será coa ley diuina.

Olha cá pellos mares do Oriente  
 As infinitas ilhas espalhadas  
 Ve Tidore, & Tarnate, co feruente  
 Cume, que lança as flamas ondeadas:  
 As aruores veras do crauo ardente,  
 Co sangue Portugues inda compradas,  
 Aqui ha as aureas aues, que não decem  
 Nunca a terra, & sô mortas apparecem.

Olha de Banda as ilhas, que se smaltaõ  
 Da varia cor, que pinta o roxo fructo,  
 As aues variadas, que alli saltaõ,  
 Da verde noz tomando seu tributo:  
 Olha tambem Bornêo onde não faltaõ  
 Lagrimas, no licor coalhado, & enxuto,  
 Das aruores, que Canfora he chamado,  
 Com que da ilha o nome he celebrado.

134.

Alli tambem Timor, que o lenho manda  
 Sândalo salutifero, & cheiroso,  
 Olha a Sunda tão larga, que hũa banda  
 Esconde para o Sul difficultoso:  
 Agente do sertão, que as terras anda,  
 Hum rio diz que tem miraculoso,  
 Que por onde elle sò sem outro vae,  
 Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

135.

Ve naquella que o tempo tornou ilha,  
 Que tambem flammis tremulas va põra,  
 A fonte que oleo mana, & a marauilha  
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,  
 Cheiroso mais que quanto estila a filha  
 De Cyrius, na Arabia onde ella mora,  
 Eve que tendo quanto as outras tem,  
 Branda seda & fino ouro dá tambem.

136.

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta  
 Tanto, q̃ as nuuês passa, ou a vista engana,  
 Os naturaes o temp por cousa santa,  
 Poila pedra onde está a pègada humana:  
 Nas ilhas de Maldina nasce a pranta  
 No profundo das agoas soberana,  
 Cujò pomo contra o veneno vrgente:  
 He tido por antidoto excellente.

Verás

Veràs de frente estar do roxo estreito  
 Socotorà co amaro Aloe famosa,  
 Outras ilhas no mar tambem sogeito  
 A vos, na costa de Affrica arenosa.  
 Onde sae do cheiro mais perfeito  
 'A massa ao mundo occulta, & preciosa,  
 De são Lourenço ve a ilha afamada,  
 Que Madagascar he d'alguãs chamada

Eis aqui as novas partes do oriente,  
 Que vos outros agora ao mundo dais,  
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
 Que com tão forte peito nauegais:  
 Mas he tambem razão, que no ponente  
 D'hum Lusitano hum feito inda vejais,  
 Que de seu rei mostrando se ag gravado  
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua  
 Vay de Calisto ao seu contrario polo,  
 Que soberba a farà a luzente mina  
 Do metal, que a cor tem do louro Apollo  
 Castella vossa amiga será dina  
 De lançarlhe o collar ao rudo collo,  
 Varias prouincias tem de varias gentes  
 Em ritos & costumes diferentes.

140.

Mas ca onde mais se alarga, alli tereis  
 Parte tambem co pao vermelho nota,  
 De Santa Cruz o nome lhe poreis,  
 Descobrilla ha a primeira vossa frota:  
 Ao longo desta costa que tereis  
 Ira buscando a parte mais remota  
 O Magalhães, no feito com verdade  
 Portugues, porem não na lealdade.

141.

Desque passar a via mais que mea,  
 Que ao Antartico polo vay da linha,  
 D'hũa estatura quasi Gigantea  
 Homês verã, da terra elli vizinha:  
 E mais auante o estreito, que se arrea  
 Co nome delle agora, o qual caminha  
 Para outro mar, e terra que fica onde  
 Com suas frias asas o Austro a esconde.

142.

Attè qui, Portugueses, concedido  
 Vos he saberdes os futuros feitos,  
 Que pello mar, que já deixais sabido,  
 Virão fazer barões de fortes peitos:  
 Agora, pois que tendes apprendido  
 Trabalhos, que vos fação ser aceitos  
 Aas eternas esposas, e fermosas,  
 Que coreas vos tecem gloriosas.

Podéis

Podeis vos embarcar, que tendes vento  
 E mar tranquilo para a patria amada:  
 Assimbe disse, & logo movimento  
 Fazem da ilha alegre, & namorada:  
 Leuão refresco, & nobre mantimento,  
 Leuão a companhia desejada,  
 Das Nymphas que ham de ter eternamente  
 Por mais tempo que o Sol o mudo aquece.

Assi forão cortando o mar sereno,  
 Com vento sempre manso, & nũa yrado;  
 Hattè que ouuerão vista do terreno  
 Em que nascerão, sempre desejado:  
 Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
 E a sua patria, & rei temido & amado,  
 O premio & gloria dão, porque mandou  
 E com titolos novos se illustrou,

Nomeis Musa, no mais, que a Lira tenho  
 Destemperada, & a voz enrouquecida,  
 E não do canto, mas de ver que venho  
 Cantar a gente surda, & endurecida:  
 O fauor com que mais se acende o engenho,  
 Não no dá a patria não, que esta mettida,  
 No gosto da cubiça, & na rudeza  
 D'hũa austera, apagada, & vil tristeza.

146.

E não sey por que influxo de destino  
 Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,  
 Que os animos leuanta de contino,  
 A ter para trabalhos ledo o rosto:  
 Por isso vos o rey, que por diuino  
 Conselho estais no regio solio posto,  
 Olhay que sois ( & vede as outras gentes )  
 Senhor sò de vassallos excellentes.

107.

Olhay que ledos vãõ, por varias viae,  
 Quaes rompentes Leoes, & brauos touros,  
 Dando os corpos a fomes, & vigias,  
 A ferro, a fogo, a settas, & pilouros:  
 A quentes regiões, a plagas frias,  
 Agolpes de Idolatras, & de Mouros,  
 A perigos incognitos do mundo,  
 A naufragios, a pexes, ao profundo:

148.

Por vos servir à tudo aparelhados,  
 De vos tão longe sempre obedientes,  
 A quaesquer vossos asperos mandados,  
 Sem dar resposta promptos & contentes,  
 Sò com saber que saõ de vos olhados,  
 Demonios infernais, negros & ardentes,  
 Cometterão conuofco, & não duuido  
 Que vencedor vos fação, não vencido.

Fauoreceyos

Fauoreceyos logo, & alegrayos

Com a presença, & leda humanidade,

De rigurosas leis desaliuayos,

Que assi se abre o caminho àa santidade:

Os mais esprimentados leuantayos,

Se com a esperiencia tem bondade,

Para vosso conselho, pois que sabem

O como, o quando, & onde as coujas cabem.

Todos fauorescei em seus officios,

Segundo tem das vidas o talento,

Tenhão religiosos exercicios

De rogarem por vosso regimento.

Com jejuns, disciplina, pellos vicios

Cômuns, toda ambição terão por vento,

Qu'o bom religioso verdadeiro.

Gloria vãã não pretende nem dinheiro.

Os caualleiros tende em muita estima,

Pois com seu sangue intrepido & feruente,

Estendem não somente a ley de cima,

Mas inda vosso imperio preeminente:

Pois aquelles que a tão remoto clima

Vos vão servir com passo diligente,

Dous inimigos vencem, l'ús os viuos,

( E o que he mais ) os trabalhos excessiuos.

152.

Fazey senhor que nunca os admirados  
 Alemães, Gallos, Italos, & Ingleses  
 Possão dizer que são para mandados,  
 Mais que para mandar os Portugueses:  
 Tomay conselho sò d'esprimentados,  
 Que virão largos annos, largos meses,  
 Que posto que em cientes muito cabe,  
 Mais em particular o experto sabe.

153.

De Phormião Philosopho elegante  
 Vereis como Anibal se envescia,  
 Quando das artes bellicas diante  
 Delle com larga voz trattava & lia:  
 A disciplina militar prestante  
 Não se apprende senhor na phantasia  
 Sonhando, imaginando, ou estudando,  
 Se não vendo, trattando, & pelejando.

154.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo  
 De vos não conhecido, nem sonhado:  
 Da bocca dos pequenos sey com tudo,  
 Que o louvor sae as vezes acabado.  
 Nem me falta na vida honesto estudo  
 Com longa esperiencia misturado,  
 Nem engenho, que aqui vereis presente,  
 Cousas que juntas se achão raramente.

Para

# OS LYSIADAS DEL. DE CA.

155.

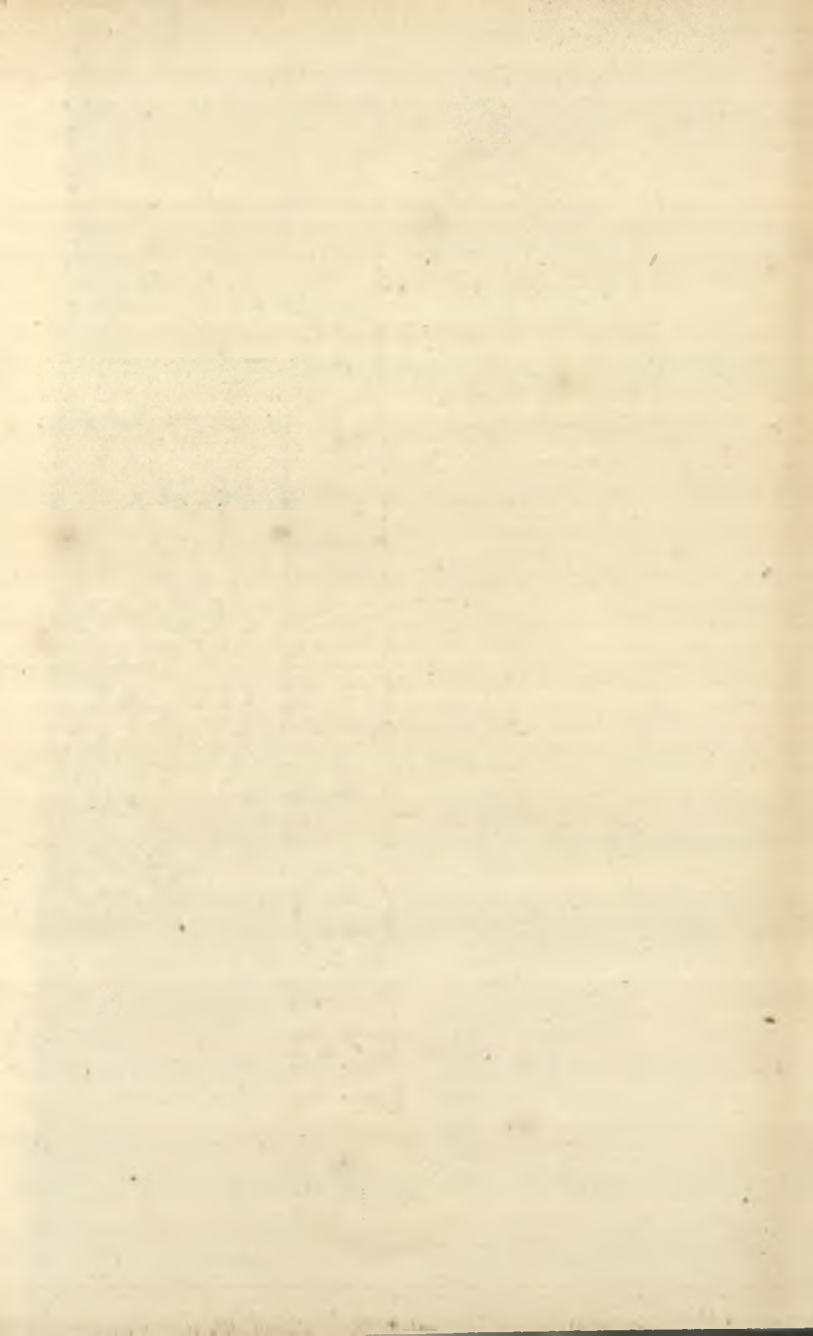
Para seruiruos braço aas armas feito,  
Para cantaruos mente aas Musas dada,  
Sò me faleſce ſer a vos aceito,  
De quem virtude deue ſer prezada:  
Se me iſto o cèo concede, & o voſſo peito  
Dina empresa tomar de ſer cantada,  
Como a preſaga mente vaticina,  
Olhando a voſſa inclinação diuina.

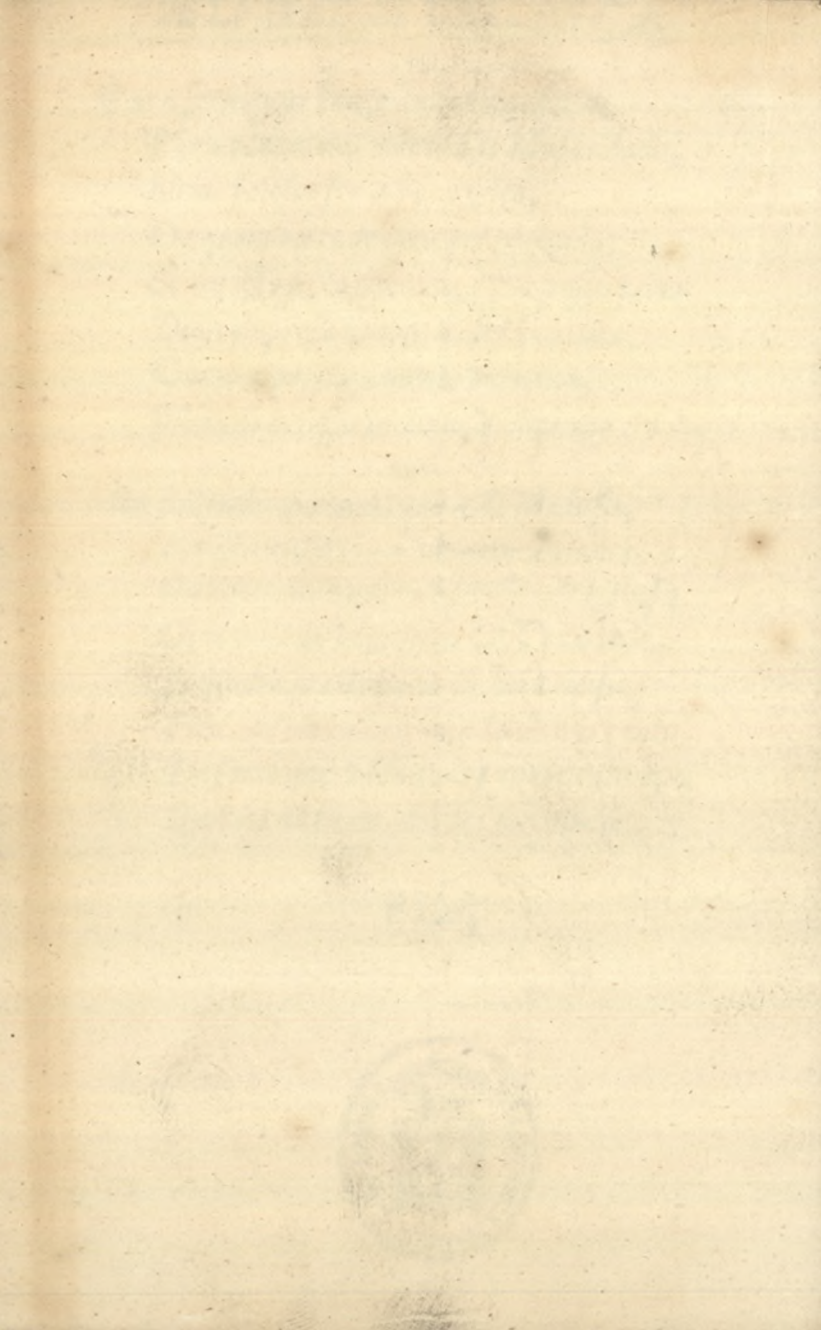
156.

Ou fazendo que mais que a de Meduſa,  
A viſta voſſa uiva o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampeluſa  
Os muros de Marroços & Trudante,  
A minha ja eſtimada & leda muſa,  
Fico, qu'em todo o mundo de vos cante,  
De ſorte que Alexandre em vos ſe veja,  
Sem aa ditã de Achilès ter enueja.

FIM,







CAMONEANA

12

B. N. L.

